

**A ilustração no design das capas da revista
*Renovação***

Jéssica Gonçalves Cardoso

09/2019

Jéssica Gonçalves Cardoso. **A ilustração no design das capas da revista
*Renovação***

**A ilustração no design das
capas da revista *Renovação***

Jéssica Gonçalves Cardoso

09/2019

Politécnico do Porto
Escola Superior de Media Artes e Design

Jéssica Gonçalves Cardoso

A ilustração no design das capas da revista *Renovação*

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Design

Orientação: Prof. Doutor Vítor Manuel Quelhas Alves de Freitas

Vila do Conde, setembro de 2019

Politécnico do Porto
Escola Superior de Media Artes e Design

Jéssica Gonçalves Cardoso

A ilustração no design das capas da revista *Renovação*

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Design

Orientação: Prof. Doutor Vítor Manuel Quelhas Alves de Freitas

Vila do Conde, setembro de 2019

Jéssica Gonçalves Cardoso

A ilustração no design das capas da revista *Renovação*

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Design

Membros do Júri

Presidente

Prof. Mestre José Pedro Serapicos de Borda Cardoso

Escola Superior de Media Artes e Design – Instituto Politécnico do Porto

Prof. Doutor Vítor Manuel Quelhas Alves de Freitas

Escola Superior de Media Artes e Design – Instituto Politécnico do Porto

Prof.^(a) Doutor(a) Cristiana Rodrigues Serejo

Escola Superior de Design – Instituto Politécnico do Cávado e do Ave

Vila do Conde, setembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Vítor Quelhas, que me incentivou a dar o meu melhor e me auxiliou incansavelmente.

À minha família, pelo apoio incondicional e pela orientação e motivação demonstrada ao longo da minha formação.

Aos meus amigos, pela paciência e pelo companheirismo oferecido ao longo deste percurso.

RESUMO ANALÍTICO

A revista *Renovação* (1925-1926) foi escolhida como tema de dissertação pela expressão gráfica que as suas capas continham, assim como a década em que existiu, sendo o seu estudo considerado como um contributo válido para a perceção do revivalismo das revistas literárias e a sua importância para a história da ilustração portuguesa.

A revista *Renovação*, chegou a ser um sucesso comercial, segundo as tiragens analisadas na época, possivelmente por abrir as suas páginas a ilustradores e escritores que não circulavam habitualmente no espaço anarquista. Para a formação de uma investigação sobre a temática anteriormente referida analisou-se, tanto a história e cultura ilustrativa em Portugal na época moderna, como também se efetuou um estudo comparativo entre as diferentes revistas da década, os seus autores e ilustradores. A publicação da revista *Renovação* é essencial para o estudo da evolução da ilustração da época, contanto com a presença de personalidades nacionais relevantes do modernismo, como Stuart Carvalhais, Roberto Nobre ou Bernardo Marques. Esta revista destacou-se em relação a outras publicações, na importância atribuída à dimensão estética e gráfica, na autonomia que atribuiu aos ilustradores que desempenhavam o papel gráfico de conceção da capa e também na irreverência dos seus artigos que defendiam os direitos de um povo e lutavam pela mudança de contexto político da década.

Esta investigação tem como objetivo a caracterização técnica, formal e estética das ilustrações das capas da revista *Renovação*, concebidas entre os anos de 1925 e 1926. Escolheu-se esta revista em específico, pelo facto de estar restrita a um período peculiar da história portuguesa, entre a primeira república e o regime salazarista que se seguiu. A *Renovação*, suplemento de um jornal anarquista, foi alvo de perseguição no seu único ano de existência, transmitindo assim um desejo de liberdade e luta perante os seus leitores, que poderá ter tido algum impacto na conceção das ilustrações da revista.

No decorrer desta investigação pretendeu-se entender o grau de importância ilustrativa e conteúdo vanguardista das capas da revista *Renovação*.

Como resultado proclama-se a revista *Renovação* como uma publicação com relevância para o estudo do revivalismo do século XX, ou seja, um caso de estudo

importante para a pertinência que a imprensa da década de 20 teve na evolução tanto da ilustração como do design gráfico.

Palavras-chave: Renovação; Capas; Ilustração; Design gráfico; Modernismo.

ABSTRACT

The magazine *Renovação* (1925-1926) was chosen as a dissertation theme by the graphic expression that contained its capes, as a decade in which it existed, being its study considered as a valid attribute for the perception of revival of literary magazines and its importance for the history of Portuguese illustration.

The magazine *Renovação* became a commercial success, according to print runs analyzed at the time, possibly because it opened there pages to, illustrators and writers that did not usually circulate in anarchist space. For the formation of an investigation on the subject previously described, both in the history and illustrated culture in Portugal in the modern era, as well as a comparative study between different magazines of the decade, their authors and illustrators. The publication of the magazine *Renovação* is essential for the study of illustration evolution, with the presence of relevant national personalities of modernism, such as Stuart Carvalhais, Roberto Nobre or Bernardo Marques. This magazine stood out in relation to other publications, with importance given to the aesthetic and graphic dimension, capacity that gave the illustrators that play the graphic design role of the cover and also irreverence of its articles that defend the rights of a people and fight for the changing political context of the decade.

This research aims to characterize the technical, formal and aesthetic techniques of the covers of the magazine *Renovação*, designed between 1925 and 1926. This particular magazine was chosen because it is restricted to a peculiar period of Portuguese history, between first republic and the ensuing Salazar regime. The *Renovação*, supplement to an anarchist newspaper, was the target of persecution in its one year of broadcast, thus conveying a desire for freedom and struggle for its readers, which had some impact on the design of the magazine's illustrations.

In the course of this investigation, we intend to understand the degree of illustrative importance and the avant-garde content of the covers of the magazine *Renovação*.

As a result, it proclaims a *Renovação* as a publication relevant to the study of twentieth-century revivalism, that is, a case study of relevance to the press of the 1920s in the evolution of both illustration and graphic design.

Keywords: Renovação; Covers; Illustration; Graphic Design; Modernism.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Resumo Analítico

Abstract

Lista de ilustrações

Lista de Tabelas

1-Introdução.....	1
1.1- Pertinência do tema.....	1
1.2- Objetivos.....	2
1.3- Metodologia e Estrutura Documental.....	3
2-Enquadramento histórico.....	5
2.1- Contexto histórico português da década de 20.....	5
2.1.1-Contexto Político	5
2.1.2-Contexto Cultural	7
2.1.3- Contexto Social	7
2.2- Modernismo em Portugal.....	9
2.2.1-Design gráfico do modernismo.....	9
2.2.1.1- A influência da arte moderna no design gráfico.....	10
2.2.2- Ilustração do modernismo.....	16
2.2.2.1- A importância da ilustração.....	17
2.2.2.2- O ilustrador na imprensa.....	17
2.2.2.3- Ilustrador como comentador político.....	18
2.3- Imprensa do século XX: As revistas ilustradas.....	19
2.4- Revivalismo.....	21
2.4.1- O revivalismo no Design.....	21

2.4.2- O revivalismo das revistas portuguesas do século XX.....	21
2.5- A capa.....	24
2.5.1- A importância da capa na década de 20.....	24
2.5.2- Capistas.....	24
2.6- Jornal <i>A Batalha</i>	25
2.6.1- Contexto histórico do jornal <i>A Batalha</i>	25
2.6.2- Os suplementos literários do jornal <i>A Batalha</i>	28
3-Revista <i>Renovação</i>	30
3.1-Pertinência do tema.....	30
3.2-Contexto histórico e social da revista <i>Renovação</i>	31
3.3-Autores mais relevantes da revista <i>Renovação</i>	33
Roberto Nobre.....	33
Stuart Carvalhais.....	34
Rocha Vieira.....	36
Alonso.....	37
José Maria Ferreira de Castro.....	38
Bernardo Marques.....	39
3.4-Conteúdo das suas páginas.....	40
4-Análise gráfica da revista <i>Renovação</i>	44
4.1-Preçários.....	45
4.2-Grelha e mancha gráfica.....	46
4.3-Filetes e Vinhetas.....	49
4.3.1- Filetes.....	49
4.3.2-Vinhetas.....	51
4.4-Capitulares decorativas ou Iniciais com cercadura.....	54

4.5- Classificação dos títulos das capas da revista <i>Renovação</i>	55
4.5.1-Tipografia.....	55
4.5.1.1-Tipografia das capas da revista <i>Renovação</i>	56
4.5.2- <i>Letterings</i>	57
4.5.3-Classificação da caixa textual.....	60
4.5.4-Composição imagem/texto.....	63
5-Ilustração nas capas da revista <i>Renovação</i>	65
5.1-Análise temática das ilustrações das capas da revista <i>Renovação</i>	66
5.2- Análise gráfica das capas da revista <i>Renovação</i>	87
5.2.1-Estrutura gráfica.....	87
5.3-Análise cromática	92
5.3.1-Cores com maior presença nas capas	98
5.3.2-Simbologia cromática das capas	99
5.3.3-Número de cores de impressão	102
5.4-Organização do espaço ilustrativo	104
5.4.1-Centro.....	104
5.4.2-Planos.....	105
5.5-Espaços em branco.....	107
5.6-Análise comparativa das revistas dos anos de 1925/1926.....	112
5.7-Síntese conclusiva.....	118
6-Conclusão.....	121
Referências Bibliográficas.....	126

Índice de ilustrações.

Lista de Figuras

Figura 1 - Almada Negreiros: Auto- retrato num grupo (1925).....	8
Figura 2 - Pablo Picasso: <i>Homme au violon</i> (1911/12).....	12
Figura 3 - Pablo Picasso: <i>O Nu à la draperie</i> (1906/07).....	13
Figura 4 - Filippo Marinetti: <i>Montagne + Vallete+ Strade x Jofrre</i> (1915).....	14
Figura 5 - Fernand Léger: <i>La ville</i> (1919).....	15
Figura 6 - Página do Jornal <i>A Batalha</i> (17/06/1925).....	32
Figura 7 - Colaboração de Roberto nobre na revista <i>Renovação</i>	33
Figura 8 - Colaboração de Stuart Carvalhais para a revista <i>ABC</i>	35
Figura 9 - Colaboração de Alonso para o livro <i>A sogra do Barba Azul</i>	37
Figura 10 - Colaboração de Bernardo Marques para a revista <i>Civilização</i>	39
Figura 11 - Preçário da revista <i>Renovação</i>	45
Figura 12 - Modelo de grelha manuscrita.....	47
Figura 13 - Modelo de grelha de 2 colunas.....	47
Figura 14 - Modelo de grelha com mais de 2 colunas.....	48
Figura 15 - Modelo de grelha (outros exemplos).....	49
Figura 16 - Exemplo de filete no cabeçalho da revista <i>Renovação</i>	50
Figura 17 - Exemplo de filete no fundo da página da revista <i>Renovação</i>	50
Figura 18 - Exemplo de filete de dois fios da revista <i>Renovação</i>	50
Figura 19 - Exemplo de filete ponteadado da revista <i>Renovação</i>	50
Figura 20 - Exemplos de vinhetas com figuras geométricas da revista <i>Renovação</i>	52
Figura 21 - Exemplo de vinhetas com figuras rocaille da revista <i>Renovação</i>	53
Figura 22 - Exemplo de letras iniciais da revista <i>Renovação</i>	54
Figura 23 - Exemplo da tipografia utilizada na capa da revista <i>Renovação</i> n.º 4.....	56
Figura 24 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 1.....	66
Figura 25 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 2.....	67
Figura 26 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 3.....	68
Figura 27 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 4.....	69
Figura 28 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 7.....	70

Figura 29 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 8.....	71
Figura 30 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 9.....	72
Figura 31 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 10.....	73
Figura 32 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 11.....	74
Figura 33 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 12.....	75
Figura 34 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 13.....	76
Figura 35 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 14.....	77
Figura 36 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 16.....	78
Figura 37 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 17.....	79
Figura 38 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 18.....	80
Figura 39 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 19.....	81
Figura 40 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 20.....	82
Figura 41 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 21.....	83
Figura 42 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 22.....	84
Figura 43 - Capa da revista <i>Renovação</i> n.º 23.....	85
Figura 44 - 1.º Modelo da estrutura gráfica da revista <i>Renovação</i>	88
Figura 45 - 2.º Modelo da estrutura gráfica da revista <i>Renovação</i>	88
Figura 46 - 3.º Modelo da estrutura gráfica da revista <i>Renovação</i>	89
Figura 47 - 4.º Modelo da estrutura gráfica da revista <i>Renovação</i>	90
Figura 48 - 5.º Modelo da estrutura gráfica da revista <i>Renovação</i>	90
Figura 49 - Análise comparativa dos modelos da estrutura gráfica da revista <i>Renovação</i>	91
Figura 50 - Análise cromática das capas da revista <i>Renovação</i> com duas cores.....	93
Figura 51 - Análise cromática das capas da revista <i>Renovação</i> com 3 cores.....	96
Figura 52- Análise cromática das capas da revista <i>Renovação</i> com 4 cores.....	97
Figura 53 - Exemplos da demarcação central das ilustrações das capas da revista <i>Renovação</i>	105
Figura 54 - 1.º exemplo da utilização de espaços em branco com base no título das capas da revista <i>Renovação</i>	107
Figura 55 - 2.º exemplo da utilização de espaços em branco com base no título das capas da revista <i>Renovação</i>	107

Figura 56 – 1.º exemplo da utilização de espaços em branco com base na ilustração das capas da revista <i>Renovação</i>	108
Figura 57 – 2.º exemplo da utilização de espaços em branco com base na ilustração das capas da revista <i>Renovação</i>	108
Figura 58-Capa n.º 16 da revista <i>Renovação</i>	114
Figura 59- Capa n.º 2 da 3ª Série da revista <i>Contemporânea</i>	114
Figura 60- Capa n.º 55 da revista <i>A Águia III</i>	114
Figura 61- Capa n.º 29 da 3ª Série da revista <i>Acção Realista</i>	114
Figura 62- Capa n.º 40 da revista <i>Terra Portuguesa</i>	115
Figura 63- Capa n.º 3 da revista <i>O Espetro</i>	115
Figura 64- Capa n.º 44 da revista <i>Seara Nova</i>	115
Figura 65- Capa n.º 2 da revista <i>Dyónisos III</i>	115
Figura 66- Capa n.º 25 da revista <i>Alma Nova</i>	116

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Edições da revista <i>Renovação</i>	40
Tabela 2 - Classificação dos <i>letterings</i> da revista <i>Renovação</i>	58
Tabela 3 - Análise gráfica dos <i>letterings</i> da revista <i>Renovação</i>	59
Tabela 4 - Classificação dos <i>letterings</i> da revista <i>Renovação</i>	61
Tabela 5 - Composição da imagem/texto da revista <i>Renovação</i>	63
Tabela 6 - Análise gráfica das ilustrações das capas da revista <i>Renovação</i>	109
Tabela 7 - Análise comparativa dos periódicos de 1925/1926.....	113

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Assuntos referidos nos artigos da revista <i>Renovação</i>	41
Gráfico 2 - Autores da revista <i>Renovação</i>	42
Gráfico 3 - Autores das capas ilustradas da revista <i>Renovação</i>	43
Gráfico 4 - Classificação da caixa textual dos títulos revista <i>Renovação</i>	62
Gráfico 5 - Classificação da composição imagem/texto da revista <i>Renovação</i>	64
Gráfico 6 - Cores das capas da revista <i>Renovação</i>	98
Gráfico 7 - Cores de impressão das capas da revista <i>Renovação</i>	102
Gráfico 8 - Número de planos das ilustrações das capas da revista <i>Renovação</i>	106
Gráfico 9 - Cronologia dos periódicos dos anos de 1925/1926.....	112

1 - INTRODUÇÃO

1.1-Pertinência do tema

Esta investigação tem como principal objetivo o estudo da revista *Renovação*, no âmbito da história da ilustração portuguesa numa época moderna, focada unicamente nos anos de 1925 e 1926. Escolheu-se a revista *Renovação*, como objeto de estudo, pelo facto de ter contribuído para a expansão do movimento vanguardista do século XX a nível gráfico, na imprensa destes mesmos anos, relacionados principalmente com mudanças políticas e pelas revistas serem, um campo de experimentação ideal para os ilustradores marcarem a sua estética (Vitória, 2010). A ilustração, foi um dos meios que facilitaram a entrada do modernismo em Portugal, por este mesmo motivo, exerceu-se uma investigação sobre as publicações ligadas à imprensa, assim como jornais e revistas, para interpretar a sua evolução gráfica num contexto nacional. A *Renovação*, foi uma publicação quinzenal, de artes, literatura e atualidades, empreendida pelo jornal *A Batalha*, com início na data de 02 de julho de 1925, contando com 24 números no total, e que teve o seu fim, em 15 de julho de 1926.

Um dos motivos da escolha desta revista foi pelo facto de estar restrita a um período da história portuguesa entre a primeira república e o regime salazarista que se concedeu posteriormente. Sendo a *Renovação*, um suplemento de um jornal anarquista, esta publicação foi alvo de perseguição no seu único ano de existência, transmitindo assim um desejo de liberdade e de luta aos seus leitores, que poderia ter algum impacto na conceção das ilustrações da revista.

Pode-se então estar a falar de uma revista, cuja suas ilustrações transmitiram, não só um desejo pelo campo ilustrativo, mas também uma tendência para o desenho como provocação.

Numa época, em que os jornais tinham uma grande procura, os números de publicações multiplicaram, porque a obtenção de informação pelo homem social era vista como sabedoria. Com o objetivo das suas publicações se destacarem em relação à sua competição, os jornais, foram cada vez mais ousados, utilizando a banda desenhada

como humor e criticismo, abordando temas políticos e censurados na época e investindo na arte dos capistas (Rocha, 1985).

Os periódicos da época eram os primeiros a desenvolver a parte gráfica das publicações. Existe, assim uma necessidade de estudar este tipo de revistas, para perceber o quanto a disciplina ilustrativa evoluiu a partir do desenvolvimento da imprensa na primeira metade do século XX.

A revista escolhida, não só têm na sua constituição capas ilustradas, como temas ousados, e também a presença de ilustradores ligados a um grupo do início do modernismo em Portugal que transmitiam os seus ideais através das suas ilustrações.

1.2- Objetivos

-Investigar sobre a importância gráfica das revistas como a *Renovação*, *Orpheu e Presença* que contribuíram para a disseminação do ideário anarquista e para o desenvolvimento do movimento anarcossindicalista português no século XX;

-Identificar e perceber o contributo desta revista para a definição de ideais, tanto político, como sociais e culturais;

-Averiguar o contributo da revista *Renovação* para o desenvolvimento da ilustração na imprensa em Portugal na década de 20;

-Perceber se a ilustração foi um fator importante na conceção e propagação desta revista, assim como os seus ideais;

-Estudar as personalidades importantes da época que contribuíram para os vários números da *Renovação*, tais como:

- Ferreira Castro (escritor)
- Stuart Carvalhais (ilustrador)
- Roberto Nobre (ilustrador)
- Rocha Vieira (ilustrador)

-Contribuir para o conhecimento deste tipo de revistas;

- Perceber até que ponto as ilustrações contidas nesta publicação estão ligadas a um período de vanguarda em Portugal, assim como entender se é um fator importante de estudo, quando falamos no revivalismo do século XX.

1.3- Metodologia e Estrutura Documental

Um trabalho de investigação pressupõe a adoção de uma metodologia, que consiste numa série de operações necessárias de modo a suportar uma linha orientadora para a materialização do projeto. No campo do design é também necessário projetar o documento através de diversas metodologias, para facilitar a análise tanto dos dados obtidos, como a fundamentação do tema em estudo.

Foi desenvolvido uma pesquisa sobre os métodos utilizados para o desenvolvimento tanto de investigação, como desenvolvimento de ideais inovadoras e soluções eficientes em design, a partir do livro: *Universal Methods of Design* de Bella Martin e Bruce Hanington. Para a melhor perceção dos métodos de investigação utilizados, vão aqui ser descritos cada capítulo desta dissertação e o referente método de pesquisa adotado.

Capítulo 1 (Introdução): O primeiro capítulo, descreve quatro parâmetros essenciais - pertinência do tema, objetivos, metodologias seguidas e estrutura documental. Esta fase é essencial para esclarecer a importância do tema, assim como os aspetos que vão ser estudados ao longo da investigação.

Capítulo 2 (Enquadramento histórico): A ilustração, tratando-se de uma disciplina do design, julgou-se essencial criar uma fundamentação teórica capaz de sustentar os argumentos que aqui se defendem. Por esse mesmo motivo, foram abrangidos variados tópicos, desde a história portuguesa da década em estudo, assim como, um estudo contextual sobre design gráfico, abrangendo temas como: Ilustração, Imprensa, O Modernismo e o Revivalismo.

Neste capítulo utilizou-se a revisão de literatura, que é um método de pesquisa sobre um determinado tópico, com objetivo de perceber a informação já existente sobre o tema

escolhido, que foi obtido em diferentes fontes, assim como: livros, jornais, artigos científicos, dissertações e *websites*.

Capítulo 3 (Revista *Renovação*): Após tratada a pesquisa sobre o enquadramento histórico e os seus diferentes tópicos, este capítulo foca-se no tema principal da dissertação, a revista *Renovação*, que a partir do mesmo método utilizado anteriormente (revisão de literatura), foram obtidas informações sobre a sua existência, funcionamento, criadores, e entre outros. Posteriormente, foram analisados os conteúdos das suas páginas para a melhor perceção dos temas tanto das ilustrações como dos artigos publicados.

Capítulo 4 (Análise gráfica da revista *Renovação*): Durante este capítulo foram necessários vários métodos de investigação para a obtenção dos resultados esperados. Primeiramente, foram analisados os casos de estudo, para a obtenção de informações pertinentes e, posteriormente, foram observadas e retiradas algumas informações suplementares, tanto em comum como opostas, de cada caso de estudo. Seguido deste passo, foram elaborados vários gráficos e tabelas, para a posterior análise e classificação de dados. Finalmente foi construído um modelo de análise gráfica, com base em vários estudos e livros, com objetivo de classificar tanto ilustrações como os elementos textuais presentes nas capas da revista *Renovação*.

O último passo, residiu na comparação analítica entre as capas da revista em estudo, com outras capas de revista da mesma época, com o intuito de perceber, até que ponto esta se destacava na década.

Capítulo 5 (Conclusão): Para a finalização da investigação, apresentam-se as principais conclusões, limitações do estudo e possibilidades para futuras investigações.

2 – ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

2.1- Contexto histórico português da década 20

É necessário compreender desde logo, o contexto histórico da década de inauguração da revista *Renovação*, para entender, a importância da sua existência e do conteúdo. Por este motivo, ao longo do enquadramento histórico é essencial a elaboração de uma investigação sobre a história portuguesa nos anos 20 e dos seus principais acontecimentos.

2.1.1- Contexto político

O século XX foi um dos períodos mais ricos na história da humanidade em termos dos acontecimentos políticos, sociais e culturais.

Saído da guerra, Portugal ia agora viver a segunda época da sua jovem república, esta que só teria sete anos de vida, submetendo o país a uma decadência de regime político e permitindo então a ascensão ou implementação da ditadura. Assim a nível político, houve a transição da Ditadura Militar, iniciada em 28 de maio de 1926, para a institucionalização do novo regime político que perduraria até à Revolução de Abril de 1974 (França, 1992).

Portugal, no início dos anos 20, encontrava-se, quanto ao regime político, numa era onde a I República teria sido implementada. A república pretendia identificar-se com a pátria na linha de uma continuidade histórica de que muito se orgulhavam os seus mentores, houve assim uma rutura com os ideias monárquicos, mas uma afirmação de uma permanência das tradições históricas (Serrão, 1978).

Uma das características mais afirmadas da I República, seria o pensamento de colocar Portugal acima de tudo, pelo que o patriotismo se tornou a essência do pensamento nacional. Com esta preocupação e exaltação dos novos heróis nacionais, existia uma necessidade quase divina de idolatria, quanto aos escritores e políticos, sendo nesta época que Luís de Camões e Nuno Álvares se tornariam não só símbolos e heróis da pátria portuguesa, como também da sua república (França, 1992).

No tempo da I República praticou-se largamente a glorificação histórica e artística, o que fez com o que o país enchesse de monumentos votivos em louvor de figuras ilustres, em estátuas e bustos (França, 1992).

O movimento de 28 de maio de 1926, que assinalou um período ditatorial que perdurou 5 décadas, sucedeu-se pela decadência da República, pelos seus episódios políticos e sociais ocorridos durante a sua vigência, dando uma oportunidade durante a sua falência ao partido ditador de implementar ideais sobre a ruína da lógica reproduzida pelo modelo liberal constitucional e reinstalação de uma nova ordem política, moralizada e distanciada dos vícios do republicanismo (França, 1992).

“A coesão do novo modelo governativo raramente foi conseguida refletindo-se em vários episódios que atestaram a incapacidade de aplicar de uma forma continuada e temporalmente sustentável políticas e reformas estruturantes necessárias à resolução dos graves problemas do país. A par disso, assente numa base de apoio socialmente restrita circunscrita aos grandes centros urbanos e filiada nos interesses burgueses aos quais pertenciam os seus mais destacados representantes, o regime republicano nunca conferiu validade a ideias ou desígnios doutrinários que perspetivassem alterações políticas e estruturais motivadas por movimentos sociais. Estabelecendo inúmeros focos de tensões em relação a sectores específicos da sociedade, o número de greves operárias e de ações de repressão foi uma constante entre 1910 e 1926, registando o ano de 1919 um número recorde de greves, 2000.” (Pereira, 2011, p. 24)

Uma das razões mais importantes para a queda da república portuguesa, foi a participação de Portugal na I Guerra Mundial de 1914 a 1918, mesmo tendo razões estáveis para o fazer, assim como: salvaguarda dos territórios coloniais, reforço da posição europeia peninsular, legitimação de novo regime político perante o país e a comunidade internacional, cujo resultado final seria a criação de uma união em torno da república, fez com que a sua intervenção abrisse uma crise à qual o regime não conseguiu sobreviver (França, 1992).

2.1.2- Contexto cultural português da década de 20

“A nível cultural a década de 20, foi caracterizada por herdar o movimento modernista que teria acabado em 1917, com a morte de Amadeu de Souza-Cardoso¹, de Santa-Rita² e com a partida de Almada³ para Paris e o silêncio criado por Pessoa, após a polémica intervenção futurista.” (Guimarães, 1992, p. 56)

Nos últimos anos da década 10, existiria um sector abundante em informação, literatura e arte, expresso pelo segundo número da *Orpheu*⁴ e pelas exposições de Amadeu de Souza-Cardoso. Estes mesmo valores foram importados para a década de 20, onde se iniciaram várias revistas (*Renovação, Seara Nova, Dionysos*, entre outras) que tinham como objetivo enaltecer os feitos dos poetas portugueses, e destruir a imagem de que estes eram desnecessários na sociedade, permitindo-lhes ser nesta época os heróis, através do seus textos publicados nos jornais que defendiam os direitos do homem trabalhador (Guimarães, 1992).

“Após a guerra, houve então uma literatura mais ligada à pátria, este tipo de escrita era aplicado maioritariamente nas páginas das novas revistas criadas, tais como: *Os Pescadores, O sexo Forte, O Homem que Matou o Diabo*, entre outras.” (França, 1992, p. 333)

Tanto nível ilustrativo, quer literário, em prosas, ou género sensacional, esta época foi considerada fértil a nível das capas e desenhos modernos. E assim se desdobra a geração modernista, conduzida pelo entusiasmo, refletido nas suas atividades jornalísticas e nas reproduções poéticas (Rocha, 1985).

2.1.3- Contexto social

A mais drástica e benéfica alteração surgiu no papel da mulher na sociedade europeia, que após a grande guerra acabar, decidem lutar pelos seus direitos, como a igualdade de géneros e o direito ao voto, permanecendo cada vez mais ativas na

¹ Pintor português da primeira geração modernista (1887-1918)

² Pintor português modernista (1889-1918)

³ Artista multidisciplinar português (1893-1970)

⁴ Revista trimestral de literatura

sociedade e visitando com maior frequência espaços públicos que até então só pertenciam aos homens.

Com o crescimento das cidades, principalmente da capital, surgiu também uma sedução pela vida boémia. Foi dentro destes estabelecimentos, que vários autores se encontravam, como Mário de Sá Carneiro⁵, Fernando Pessoa e Almada, dando um novo significado a estes espaços, que nesta época eram centros de convivência e sociabilidade literária (Rocha, 1985).



Fonte: (Gulbenkian, sem data)

Figura 1 - Almada Negreiros: Auto- retrato num grupo (1925)

⁵Poeta português modernista (1890-1916)

2.2- O modernismo em Portugal

2.2.1- Design gráfico do modernismo

“It is believed that the American typographer William Addison Dwiggins first coined the term “graphic design” in 1922, in order to distinguish different kinds of design for printing. Before this the mechanization of printing processes had coincided with the emergence of advertising as a major form of print culture to propel the market for goods. In the mid- and late nineteenth century the demands of a mass market had encouraged a proliferation of specialist hand-workers to supply the printing presses. These workers were responsible for a wide range of illustrations executed in a variety of figurative styles in wood engraving as well as in the more recent techniques of lithography and photogravure. At first the graphic arts were closely aligned to their technical base in craft skills. Later, however, the need to coordinate activities and to advise a client on the best appropriate solution, led to a separation between plan and execution. The intermediary was the graphic designer - someone who would receive instructions from a client, devise drawings and plans and then instruct technicians, typesetters and printers to realize the designs.”⁶ (Beazley, 2001, p. 6)

O design gráfico do modernismo, focou-se no início do século XX, e estava maioritariamente relacionado com a publicidade comercial. Este, evoluiu vinculado às vanguardas na arte e na literatura e pelo entrelaçamento entre a arte e o artesanato, que criou técnicas a nível industrial que permitiu a expansão da produção artística na imprensa (Fonseca, 2007).

Durante a década de 20, a ilustração era associada à relação entre a imagem e o texto, porque mesmo, tendo um grande interesse como conteúdo autónomo, não conseguia sobreviver na época, ou seja, permanecia desarmada face ao seu suporte, o

⁶ Tradução Livre (TL): Acredita-se que foi William Addison Dwiggins, um tipógrafo americano, o primeiro a utilizar o termo de “design gráfico” em 1922, com o objetivo de distinguir os diferentes tipos de design utilizados na impressão. Antes disso, a mecanização dos processos de impressão coincidia com o surgimento da publicidade como uma das principais formas de cultura impressa para impulsionar o mercado de mercadorias. Em meados e no final do século dezanove, os aumentos dos pedidos de um mercado de massa incentivaram a proliferação de trabalhadores manuais especializados para fornecer as roupas de impressão. Esses trabalhadores foram responsáveis por uma ampla gama de luxos executados em uma variedade de estilos figurativos na gravura em madeira, bem como nas técnicas mais recentes de litografia e fotogravura. No início, as artes gráficas estavam intimamente alinhadas à sua base técnica em habilidades artesanais. Mais tarde, no entanto, a necessidade de coordenar atividades e aconselhar um cliente sobre a melhor solução apropriada, levou a uma separação entre plano e execução. O intermediário era o designer gráfico - alguém que recebia instruções de um cliente, elaborava desenhos e planos e depois instruía técnicos, tipógrafos e impressoras a realizar os projetos.

texto. O dinamismo artístico do século, que deu origem aos variados movimentos estéticos, como o cubismo, futurismo e o dadaísmo, foi essencial para a libertação dos valores plásticos que teriam sido seguidos como corretos, fornecendo um novo começo para novas implementações gráficas, como o cartaz (Freitas, 1986).

Assim como a ilustração ganhou importância na década de 20, a tipografia recebeu também atenção, por ser uma das propriedades do meio jornalístico. Dedicaram-se à valorização da palavra e aos seus elementos essenciais, como, a linha, o plano, a cor, entre outros (Fonseca, 2007).

2.2.1.1-A influência da arte moderna no design gráfico

As primeiras duas décadas do século XX foram marcadas pela efervescência e transformação que alteraram todos os aspectos da condição humana, fazendo com que a vida social, política, cultural e econômica mergulhasse num turbilhão. A nível político, na Europa, a monarquia era substituída por democracia, socialismo e comunismo, e ao mesmo tempo a partir das novas invenções tecnológicas e avanços científicos o comércio e a indústria transformavam-se a um ritmo alucinante (Meggs, 2009).

As artes visuais e o design experimentaram uma série de revoluções criativas que questionaram antigos valores e abordagens da organização do espaço, além do papel da arte e do design na sociedade, destruindo a tradicional visão do mundo. Emergiram assim correntes vanguardistas em toda a Europa, que fizeram com que as ideias sobre a cor e a forma, protesto social e a expressão das teorias freudianas e estados emocionais profundamente pessoais, ocupariam a mente de vários autores (Meggs, 2009).

No começo do século XX, os variados movimentos influenciaram diretamente a linguagem gráfica da forma e da comunicação visual do século, podendo afirmar-se que a evolução do design gráfico está diretamente relacionada com a pintura, poesia e arquitetura moderna. Foram movimentos artísticos como o cubismo e o futurismo, dada e o surrealismo que mais tiveram impacto no progresso desta disciplina (Meggs, 2009).

O gosto pelas “artes decorativas” teve grande impacto nos anos 20, assim como nos magazines, que se tornaram palcos de criação artística dos ilustradores, que ajudou na atualização do “ver” (Lobo, 2009).

Sabendo que a revista *Renovação* foi criada na segunda década do século XX em Portugal, as revistas literárias e os seus editores da época estavam neste momento a conhecer pela primeira vez a vertente modernista, através da expansão de movimentos como o cubismo e o futurismo, que influenciaram vários dos ilustradores portugueses da época. Por esta mesma razão, apresenta-se agora uma introdução breve a estes dois movimentos artísticos que promoveram o desenvolvimento do design gráfico em Portugal (Rocha, 1985).

Cubismo

“Introduzindo um conceito de representação independente da natureza, o cubismo iniciou uma nova tradição e modo de ver artísticos que desafiaram a quadricentenária tradição pictórica renascentista. A gênese desse movimento foi uma série de trabalhos do pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973), que aplicava à figura humana elementos da arte ibérica antiga e da arte tribal africana. Os planos geométricos audaciosamente elaborados da escultura, máscaras e tecidos africanos foram uma revelação instigante para Picasso e seus amigos” (Meggs, 2009, p. 314).

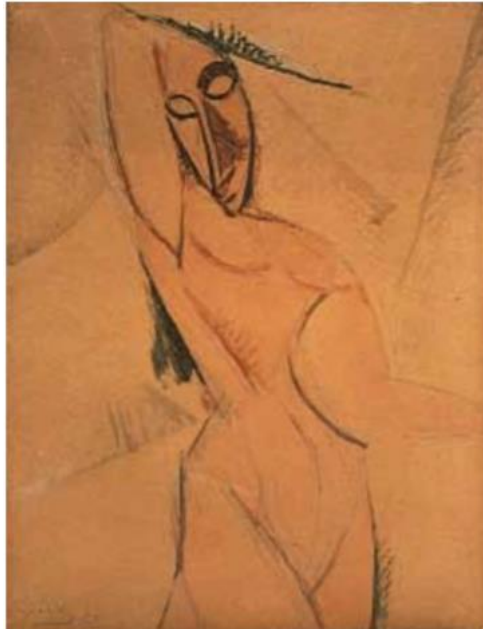


Fonte: (Meggs, 2009, p. 304)

Figura 2 - Pablo Picasso:
Homme au violon (1911/12)

O movimento cubista não tinha alguma ligação com ideais morais, sociais ou políticos, sendo descritos como revolucionários. Os cubistas aproximaram a arte à vida, às suas inconstâncias e à sua vulnerabilidade. O cubismo não era uma consciente experimentação da busca de formas de expressão de ideias, mas sim um turbilhão de explorações de formas de pintura que se revelava importante na origem dessas mesmas ideias. Após este movimento, nada na arte poderia voltar a ser o mesmo, com ajuda de

pintores como Picasso e Braque a noção ilusiva da arte foi destruída e implementada assim uma nova forma de ver a realidade (Wadley, 1970).



Fonte: (Meggs, 2009, p. 303)

Figura 3 - Pablo Picasso: *O Nu à la draperie* (1906/07)

Futurismo

O futurismo iniciou-se quando o poeta italiano Filippo Marinetti (1876-1944) publicou seu “Manifeste du futurism”, demonstrando um entusiasmo pela guerra, a era da máquina, a velocidade e a vida moderna. Os futuristas eram conhecidos por serem os primeiros autores a se libertarem da tradição, e assim passaram a animar as suas páginas com composições dinâmicas, não lineares, obtidas pela colagem de palavras e letras dispostas para a reprodução por meio de lâminas de impressão fotogravadas (Meggs, 2009).



Fonte: (Meggs, 2009, p. 320)

Figura 4 - Filippo Marinetti:
*Montagne + Vallette + Strade x
Jofre* (1915)

Os pintores futuristas estudaram por muito tempo a expressão do dinamismo e do movimento no espaço. Estes exprimiam as velocidades das diferentes máquinas e a sua força através de uma conceção abstrata das formas que se movimentavam. Os futuristas, apesar de influenciados pelo movimento cubista, diferenciavam-se destes a partir da expressão do deslocamento de um determinado objeto, enquanto o cubismo pintava algo estático em diversas perceções (Upjohn, 1996).

“Os futuristas iniciaram a publicação de manifestos, experimentações tipográficas e faixas publicitárias (em 8 de julho de 1910, foram lançados de uma torre de relógio sobre a multidão em Veneza 800 mil exemplares do panfleto de Marinetti *Contro Venezia passatista* [Contra a Veneza passadista]), obrigando poetas e designers gráficos a repensar a própria natureza da palavra tipográfica e seu significado.” (Meggs, 2009, p. 319)



Fonte: (Meggs, 2009, p. 317)

Figura 5 - Fernand Léger: *La ville* (1919)

2.2.2- Ilustração do Modernismo

“ILLUSTRATION: A DEFINITION Applied Imagery; a ‘working art’ that visually communicates context to audience.”⁷ (Male, 2007, p. 7)

A ilustração serve para comunicar um determinado contexto ou mensagem para uma audiência. Esta disciplina foi durante gerações uma forma de educar o povo analfabeto, através das pinturas que retratavam batalhas vitoriosas, ícones religiosos e retratos tanto com o objetivo de lisonjear personagens ou insultá-las (Male, 2007).

A geração contemporânea e moderna, foi altamente influenciada pela ilustração, devido ao avanço tecnológico que a indústria da imprensa sofreu (Male, 2007).

“No final do século XIX, a ilustração desenvolve-se em Portugal, por um lado, fruto de uma intensificação no interesse pelo livro e pela leitura, por outro, pela crescente valorização individual que os artistas assumem perante os textos que ilustram” (Pereira, 2005, p. 113).

Tanto o desenho humorístico como a caricatura, impulsionaram o desenvolvimento da ilustração portuguesa, pelo facto de autorizarem os variados artistas da época a desenvolver as diversas publicações literárias e jornalísticas do século. Neste momento da história, o humor e a caricatura, passam a ser essenciais nas páginas de variadas edições, afirmando-se como documentos históricos e um espelho da sociedade. Pelo crescimento da sua popularidade estas duas modalidades gráficas foram essenciais para o desenvolvimento da ilustração literária em Portugal (Pereira, 2005).

⁷ TL: “Ilustração: Uma definição aplicada às imagens; um “trabalho artístico” que comunica visualmente com o público.”

2.2.2.1- A importância da ilustração

“Illustration influences the way we are informed and educated, what we buy and how we are persuaded to do things. It gives us opinion and comment. It provides us with entertainment and tells us stories.”⁸ (Male, 2007, p. 18)

Uma imagem vale mais que mil palavras - nunca uma frase fez tanto sentido quando o tema é a importância da ilustração nos diferentes meios de comunicação, sejam livros, banda desenhada, jornais ou revistas (“Drawing on Success: The Importance of Illustrations”, 2014).

A ilustração é importante por ser um fator que ajuda a cativar a atenção do leitor e consegue assentar rapidamente no pensamento do seu observador, e por esse mesmo motivo, cada vez são mais usadas por autores e escritores que as querem para ser um fiel acompanhante do seu texto (Freitas, 1986).

Estas ilustrações, não só tem a função de acompanhar o texto e ajudar a compra dos produtos, mas também são necessárias para a definição de identidades corporativas e na expressão de ideias e valores, deixando de ser só um suplemento à leitura e tornando-se agora algo com nome e forma própria (Freitas, 1986).

2.2.2.2- O ilustrador na imprensa

Embora no passado e muitas vezes ainda no presente, se confunda com alguém que trata superficialmente do livro, o designer é um agente basilar no processo do livro, dependendo da sua autonomia. O seu papel deve transcender a função de um designer gráfico, pois um livro é algo que implica e, mantém, relações multifacetadas, quer no plano da produção, quer no plano da receção. E a responsabilidade sobre grande parte dessas ligações recai ou deveria recair sobre o designer, enquanto agente que no

⁸ TL: “A ilustração influencia a forma que nos informamos e que somos educados, o que compramos e como somos persuadidos a fazer determinadas coisas. Dá-nos uma opinião e comentários. Proporciona-nos entretenimento e conta-nos uma história.”

processo do livro tem o papel de interface, com responsabilidades económicas, culturais e sociais (Fonseca, 2013).

“Concentrado no papel social do designer, Ruedi Baur é perentório ao afirmar que os seus encargos são “subtrair crenças”, “subtrair moral”, “subtrair decoração”, “subtrair ruído”, “subtrair facilidade”. Tendo enunciado uma extensa lista de itens a subtrair, Baur explica que “desenhar por subtração” foi algo que surgiu a partir de uma visita com Enzo Mari a uma exposição dedicada ao design dos anos oitenta: “Estávamos a discutir a dificuldade de encontrar qualidade na profusão de objetos que se adjudicaram estilo «design» ou estética criados na década anterior. A multiplicidade destas formas - certamente atrativas e por vezes originais, mas muito frequentemente superficiais, vinculadas ao «design» mais pela forma do que pelo conteúdo - tinham reduzido todos estes objetos produzidos nos últimos anos a um aglomerado de imagens prontas para consumo indiscriminado ou, pelo menos, por um consumo governado mais pela moda do que pela necessidade.” (Fonseca, 2013, p. 70)

2.2.2.3- Ilustrador como comentador político

Com base nas ilustrações publicadas ao longo dos diferentes números, percebe-se que muitas delas têm carácter político. Os variados artistas e ilustradores que participavam na revista queriam mudar o estado da sociedade naquela época, conseguindo ter um impacto importante para a mudança de ideais políticos do povo através das suas ilustrações (Scott, 2015).

A imagem publicada a nível desta temática tem o objetivo firme de criar uma consciência quanto aos temas que deveriam preocupar todos os seres humanos, fazendo-os agir perante as imagens contidas tanto nas revistas como jornais que permitiam ao seu autor comunicar as suas ideias e perspetivas sobre aquilo que achavam errado e disfuncional no país (Scott, 2015).

Autores como, George Grosz, que deu uso às suas caricaturas e pinturas para atacar ferverosamente o militarismo, a guerra, decadência social e o nazismo – deixando um legado que marcou o movimento Dada e afetou a visão política e influenciando alguns artistas que o viriam a suceder (The Art Story Contributors, 2012).

2.3- Imprensa do século XX: As revistas ilustradas

“Eu digo que Portugal, nesta época em que não pode fazer conquistas, nem tem já continentes descobrir, deve esforçar-se por ganhar um lugar entre as nações civilizadas pela sua educação, a sua literatura, a sua ciência, a sua arte, provando assim que ainda existe porque ainda pensa. Fomos grandes pelo que outrora fazia as nações grandes- a força; procuremos tronar-nos fortes pelo que hoje faz as nações grandes- a ideia. Foi esta a superioridade que eu desejei à minha Pátria.” - Eça de Queirós em *Notas Contemporâneas* (Queirós, 2015, p. 59)

As revistas culturais não são unicamente um veículo literário e artístico que deveriam ser consideradas, mas também uma plataforma importante para entender a história e as ideias da época moderna. A viragem do século XIX, trouxe com ela a industrialização destas publicações e a inclusão de publicidade que contribuiu para a sua produção em maior escala devido a este financiamento (Crua, 2011).

A revista, apesar de ser considerada um suporte marginal, abaixo de objetos como o livro e o jornal, constitui e sempre constituiu uma função primordial na produção de memórias, reflexões, homenagens, diálogos, e principalmente como reservatório histórico e social (Raguenet, 2011).

“Naquela que foi a “idade de ouro” das “pequenas revistas” (primeiras décadas do século XX), período em que a imprensa continuava a beneficiar da evolução moderna das técnicas de reprodução, as revistas assumem, para editores e autores, um palco fulcral de trabalho.” (Crua, 2011, p. 12)

Quando falamos, em “idade de ouro”, temos sempre de mencionar o primeiro momento modernista, que se dignou a apontar a importância gráfica na derrota do regime monárquico foi a criação do “O Salão dos Humoristas”, em 1912, na qual participaram variados ilustradores e artistas da época moderna, tais como: Manuel Bordalo Pinheiro, Emmérico Nunes, Almada Negreiros, Jorge Barradas, Cristiano Cruz, Stuart Carvalhais e Ernesto do Canto. O segundo momento de grande importância para a evolução gráfica portuguesa, deu-se com o lançamento da revista *Orpheu* em 1915, marcando a primeira fase do modernismo português (Serejo, 2016).

A ilustração no século XX, assemelhando-se às outras artes progrediu, conferindo cada vez mais uma identidade afirmada na sociedade, adquirindo progressivamente um estatuto reconhecido no campo das artes visuais e plásticas. Esta reafirmação deu-se pela evolução das técnicas de impressão, e também pela maior inclusão deste tipo de grafismos no conteúdo das páginas das revistas portuguesas, que cativavam o seu público através do seu aspeto visual (Silva, 2011).

2.4- Revivalismo

2.4.1- O revivalismo no Design

Os designers beneficiam nos seus trabalhos, quando estão a par de todas as tendências e mudanças culturais, assegurando o seu papel na vanguarda e inovação do design. Mesmo assim, é necessário para a criação de novas ideias, a procura de referências antigas, essencialmente em épocas de mudança como o modernismo (Cadwell & Zapatero, 2014).

É importante como designer estar sempre a par das mudanças culturais, pelo simples facto, que estas não acontecem sozinhas, arrastando variadas modas, e deixando o caminho livre para uma evolução gráfica, transformando todos os seus componentes, assim como, a tipografia, ilustração, fotografia, entre outros. Por este motivo, torna-se relevantes procurar não só novas ideias e direções, mas também a pesquisa sobre os primórdios dos temas a desenvolver, que estavam sempre alinhados com os movimentos culturais e artísticos da sua geração e contextualizados pelas diferentes alterações políticas e sociais. Pode-se afirmar que o espírito da época influenciou de forma determinante a criação de novos movimentos, tanto artísticos como no design. Um exemplo desta teoria, data de 1930, quando a escola de Bauhaus, criou as primeiras ideias sobre mecanização e funcionalidade que foram importantes e se refletiram durante a industrialização da Europa (Cadwell & Zapatero, 2014).

2.4.2- O revivalismo das revistas portuguesas do século XX

Ao longo dos últimos anos, tem-se notado um interesse pelas revistas e jornais literários do século XX. Este interesse traduz-se de várias maneiras, desde, por exemplo, através de iniciativas editoriais de reedição, ou na recuperação de uma revista antiga dada por finda (Affreixo, 2017).

O revivalismo é o fenómeno de revalorização de aspetos ou momentos do passado, apelando à consciência da diferença entre o presente e o passado na compreensão e na expressão estética, um objetivo de resgate de um património já

esquecido, que não só caracterizou um tempo histórico de um país, mas também permitiu a evolução tanto da literatura portuguesa, como o design editorial e a ilustração. Esta intenção está associada com a afirmação de um movimento estético-literário focado, maioritariamente, na época do primeiro Modernismo Português, precisamente na geração *Orpheu*, que se encontrava agora na ribalta. Pode-se afirmar que a dita ribalta, não englobava só inovação, mas também a recuperação de um período do passado (Rocha, 1985).

O encanto com o século XX, devesse ao facto da formação de vanguardas, tendências e inovações, que se sucederam ao longos dos anos, obrigarem a uma revisão cíclica do seu contributo, assim como a revalorização dos momentos e obras mais representativos do passado. Os anos correspondentes à “Geração Orpheu à Presença”, que inclui a presença do jornal *A Batalha*, foram considerados os anos de ouro pelos seus variados exemplares literários (Rocha, 1985).

O renascer do interesse por certas revistas do século XX português, deve-se unicamente à intenção de fazer justiça, trazendo-as de novo à memória coletiva, glorificando os seus feitos e a sua relevância numa época instável (Rocha, 1985).

“O magazine sendo um fenómeno de época, e como tal era seu espelho e consciência, nele se refletia o vibrar de um quotidiano alterado pela força dos acontecimentos e a necessidade de reflexos que daí advinham.” (Lobo, 2009)

O modernismo entrou em Portugal quando o país estava com uma reação frenética, causada pela instabilidade da guerra, onde o consumismo era crescente e havia necessidade da busca pelo excêntrico. Por este motivo, a figuração de um tempo eufórico de renovação, e a noite, como representação de uma realidade social e humana disfórica, tornaram-se metáforas muito frequentes daquela época (Rocha, 1985).

As revistas e jornais da época, eram fundamentais, para em primeiro lugar informar. Para além de existir um motivo informativo, as revistas, também eram um divertimento, tinham uma função psicoterapêutica, e de integração social na comunidade, e com esta necessidade também cresceram os números de edições vendidas, o desenvolvimento da indústria gráfica, e a democratização da leitura (Rocha, 1985).

“Os magazines, representavam o campo ideal para os novos ilustradores praticarem as suas experiências de desenho e marcar, a estética mais aparente dos anos 20.” (Lobo, 2009, p. 21)

Pode-se então agradecer a todos os responsáveis por as variadas revistas do século XX, que não só mudaram e ajudaram a evolução do povo do seu tempo, mas também construíram uma coleção de artigos, fotografias, poemas e ilustrações que ultrapassavam o seu tempo e contribuíram vastamente para a evolução do panorama cultural e artístico português e preservaram os contributos dos autores que foram incluídos nas suas publicações.

2.5- A Capa

2.5.1- A importância da capa na década de 20

“Lugar eleito para o escoamento de uma grande das energias artísticas nacionais, as capas dos magazines são por isso mesmo um objeto de análise fundamental para o estudo dos anos 20. Mais compensadoras, sob o ponto de vista económico, que as ilustrações de interior, elas sofrem a concorrência de um grande leque de artistas, combinando todas as tendências e escalas de competência, desde académicos a modernistas, a que se juntam alguns amadores ocasionais, reprodução fotográficas, paisagens, retratos e até estampas religiosas.” (Freitas, 1986, p. 69)

As capas das revistas literárias constituem um fator muito importante na década de 20, pelo facto de proporcionarem aos ilustradores uma base ideal para um exercício de estilo, potenciado a apresentação das suas obras. Essas capas apresentam, por norma, imagens que têm como objetivo intervir de alguma forma na sociedade, criticando-a ou enaltecendo uma certa atitude ou evento histórico (Freitas, 1986).

“A evolução temática que através delas podemos analisar ao longo da década, dá-nos assim a chave fundamental para o entendimento da sua assimilação. Nestes palcos não se representam sempre os mesmos papéis, com o correr dos é possível detetarmos ensaios de múltiplas encenações.” (Freitas, 1986, p. 72)

2.5.2- Capistas

Não existe um termo para designar esta atividade em específico antes da Revolução Industrial e a evolução da produção de livros em série. A partir deste momento na história, este trabalho começou a adquirir maior importância pelo facto de os autores das capas dos livros, assim como os seus ilustradores passarem nesta época a assinar os seus trabalhos e adquirir autonomia. Em Portugal, existe o termo capista, cunhado nos anos 50, que definia a atividade profissional de conceção e execução de capas de livros. Mesmo esta palavra tenha caído em desuso ao longo do tempo, com o aparecimento de um novo interesse em projetos editoriais esta têm ganho cada vez mais adeptos (Carvalho, 2008).

2.6- Jornal *A Batalha*

2.6.1- Contexto histórico do Jornal *A Batalha*

A revista *Renovação*, foi uma edição separada do jornal *A Batalha*. O jornal teve início a partir de setembro de 1919, data que coincide com a fundação da Confederação Geral do Trabalho (C.G.T), órgão da central operária anarcossindicalista (Baptista, 1977).

“*Batalha*”, mesmo sendo um nome pouco original para a década, o seu objetivo principal era travar uma batalha, pelos direitos da imprensa e da liberdade de expressão contra a censura política da época (Baptista, 1977).

O jornal diário tinha princípios bem estruturados, defendia os direitos dos trabalhadores e era porta-voz da necessidade da revolução social, que tinha como objetivo a instauração de uma nova sociedade sem exploração nem opressão (Baptista, 1977).

A Batalha foi considerado o terceiro diário mais vendido, circulando em média 20/25 mil exemplares por dia, conseguindo por vezes os 40 mil exemplares por ocasiões das lutas sindicais mais agudas e, por estes motivos e pelo facto de tudo o que a sua redação defendia ir contra os ideias governamentais, a sua redação era múltiplas vezes invadida e algumas edições apreendidas ao longos dos seus 8 anos de existência (Nunes, 2017).

Os colaboradores deste periódico foram escritores, jornalistas e políticos progressista da época, mas quem alimentava o jornal eram os variados jornalistas operários que dirigiam as associações da classe de sindicatos tornando-se porta-vozes da classe operária. Eram homens que de uma forma brilhante, utilizaram os jornais como arma de combate à exploração, na organização e mobilização dos trabalhadores para a luta (Nunes, 2017).

A Batalha foi objeto de repressão violenta por parte do poder político durante os seus 8 anos de existência, sendo assinalados cerca de 21 episódios, que passavam por assaltos, prisão de redatores e operários, encerramentos, apreensões e proibição de circulação durante vários dias (Nunes, 2017).

A perseguição não tinha fim, após a utilização de violência, as classes burguesas, usaram métodos judiciais contra esta redação, acumulando um total de onze processos jurídicos contra *A Batalha*, sendo também considerada um método de intimidação (Nunes, 2017).

Com a ascensão do fascismo, a violência aumentou, acabando mesmo por destruir a picareta as instalações e equipamento do diário operário e por apreender alguns dos seus redatores, que acabavam a sua vida num campo de concentração fascista à espera da morte (Nunes, 2017).

Este jornal foi um exemplo de uma redação liberalista, que pretendeu, que os escritores dos seus artigos tivessem primeiramente, independência suficiente para transmitir as suas ideias e crenças no futuro e na liberdade.

“Eu escrevo em muitos jornais- e em todos eles com independência. Mas há um apenas em que eu me sinto verdadeiramente livre, um apenas em que eu julgo não serem efémeras as minhas ideias, os meus períodos, as minhas palavras- é neste. É n’a Batalha. Minha pena encontra novas expressões, novas arremetidas, novos entusiasmos. É n’a Batalha onde se pode ter a noção das duas grandes coisas que eu amo na vida, depois de me ter desiludido de tantas outras- o Futuro e a Liberdade.” - Ferreira de Castro, em *Batalha* de 23 de fevereiro de 1926 (Baptista, 1977, p. 10)

O periódico, é de se mencionar não só por ter criado a revista *Renovação*, que tinha tantas ambições quanto ao conteúdo gráfico, como teriam referido várias vezes nos artigos redigidos sobre o seu novo suplemento, mas também por ter feito história, pelo facto de ser o primeiro jornal lançado pela central dos sindicatos e, portanto, com um carácter inédito e com ansias de acabar com os privilégios das classes ricas, que até então abusavam do seu poder, prejudicando sempre a classe operária (*A Batalha*, 1925).

A redação do jornal *A Batalha*, descansava ao domingo, assim como Deus, criatura que não faria parte das crenças deste jornal, mesmo assim, o próprio quadro gráfico se ofereceu para trabalhar neste dia, para conseguir lançar o suplemento semanal e quinzenal, porque mais que descansar, havia uma necessidade por parte destes funcionários de comunicar com os leitores e inspirar novas ideias no povo português (Baptista, 1977).

A Batalha, segundo Baptista (1977), para além de ser um jornal que conseguia uma das maiores tiragens portuguesas da década, como era um jornal relacionado com a C.G.T, vivia de princípios bem definidos, assim como:

- A *Batalha* é a favor de: abstenção política, descanso dominical para a imprensa, expropriação, greves, jornalismo profissional, luta de classes, naturismo etc.

- A *Batalha* é contra de: alcoolismo, boxe, censura à imprensa, colonização, eleições, fascismo, fascistas, Fátima, pena de morte, *O Século*, touradas etc.

2.6.2- Os suplementos literários do jornal *A Batalha*

A Batalha, publicava às segundas-feiras, um suplemento semanal literário e ilustrado de 8 páginas, a 3 de dezembro de 1923, tendo como redator Carlos José de Sousa e como editor Carlos Maria Coelho, obtendo um conjunto de 166 publicações. Último número deste suplemento, foi lançado em 31 de janeiro de 1927, já num período de ditadura (Baptista, 1977).

Este suplemento contava com artigos de divulgação política, história, artes literárias e plásticas e uma página infantil chamada de “Chico e Zeca & C.^a”, conseguindo cerca de seis mil exemplares em 1925, apreciado nos grupos sociais que seguiam o jornal (Baptista, 1977).

Para além de ser considerada uma publicação única no género também é importante salientar, que este suplemento foi altamente elogiado no congresso pedagógico de 1926, principalmente a página relacionada com contexto infantil, por ter ensinamentos de valor (Baptista, 1977).

“Muitos professores aproveitam os ensinamentos dos assuntos divulgados nessas páginas que são de alto valor educativo que muito aproveita à criança. Quando a Imprensa desempenha um papel como *A Batalha* só deve partir dos educadores um único voto: o voto de aplauso à sua obra, que tem tanto de elevação como de grandeza moral.” (Manuel Araújo citado em Baptista, 1977, p. 72)

O jornal *A Batalha* não ficou somente pelo suplemento semanal, criando a 2 de julho de 1925, uma revista gráfica quinzenal, que prometia a criação de novos horizontes sociais, intitulada de *Renovação* (Baptista, 1977).

A *Renovação*, foi criada, após a redação do jornal receber várias cartas dos seus leitores, pedindo, uma melhor qualidade a nível do papel, porque a qualidade das imagens deveria ser igual ao papel escolhido para a sua posterior impressão. Os leitores pretendiam obter, uma revista que desse uma grande importância às artes e também à cultura. Posto isto, a secção editorial de *A Batalha*, decidiu elaborar uma nova publicação, que fosse ao encontro das aspirações dos seus leitores, uma revista que colaborasse com vários artistas, graficamente interessante e que representasse o campo das ideias libertárias (Baptista, 1977).

Esta revista, contava com a participação de vários artistas e escritores, como por exemplo, Ferreira de Castro, José Régio, entre outros, a nível da redação de artigos, e Stuart Carvalhais, Roberto Nobre, Guilherme Filipe, Rocha Vieira, Bernardo Marques, a nível da contextualização gráfica da revista (Baptista, 1977).

3- REVISTA *RENOVAÇÃO*

3.1- Pertinência do tema

Sabe-se que o revivalismo das revistas do século XX está na moda, mas porquê? Esta questão pode assim ser resolvida pela teoria de que para perceber o presente temos antes de estudar o passado (Rocha, 1985).

O passado, neste estudo associado a uma determinada época, especificamente a década de 20, onde surgiu o modernismo em Portugal e o design começou a surgir como disciplina associada ao conteúdo literário, que apesar de não se ter destacado isoladamente, conseguiu evoluir através da composição gráfica, da ilustração e da tipografia presente na imprensa (Rocha, 1985).

Para perceber a evolução do design gráfico em Portugal, é essencial investigar as diferentes revistas, que lhes serviam como expositor, sendo uma destas revistas a *Renovação*. Uma revista de artes, literaturas e atualidades de 1925, que apresentava conteúdo literário avançado para a sua época, falando de temas como – o feminismo, os direitos do homem, os direitos dos operários, entre outros.

Quanto ao grafismo presente, existe a intenção de o analisar, pelo facto de espelhar as suas 24 capas, recorrendo aos variados autores da época, assim como o conteúdo das suas páginas, contendo a presença de ilustrações e diversidade a nível da composição de texto.

O motivo da sua criação, era satisfazer graficamente os seus leitores, que solicitavam uma maior qualidade tanto ilustrativa como de impressão. *A Batalha*, jornal que deu origem à revista, pretendia fazer desta e das suas gravuras obras de arte, que pediam até aos seus leitores para as empregar nas suas salas emoldurando-as (“Será Possível?”, 1925).

Esta revista, empregava grande parte dos autores que marcaram a época moderna a nível ilustrativo e era também descrita como a obra de arte do jornal *A Batalha* (“Será Possível?”, 1925).

3.2- Contexto histórico e social da revista *Renovação*

Renovação, foi assim intitulada, a primeira revista gráfica do jornal *A Batalha*, o seu nome tinha o objetivo de apresentar já a publicação como um objeto renovador, que significasse uma vida nova, não só para o periódico, mas também para a humanidade. *Renovação*, nas ideias, nas artes, nas ciências, na moral e na educação, nos sentimentos, nos costumes e na vida social (Baptista, 1977). Esta revista, a primeira revista gráfica que se publicou no campo das ideias libertárias, testemunho de que os operários não são indiferentes às manifestações artísticas ou às concepções de beleza. *A Renovação* expressava o desejo do povo, de embelezamento da vida e da ânsia por uma vida superior e exuberante (“Uma revista gráfica”, 1925).

A *Renovação* acreditava, que a arte não deveria ser um privilégio das classes mais altas, a arte deveria ser de todos e para todos, o povo não deveria ser tratado como um animal, que só atende as suas necessidades básicas, porque a classe operária também procurava a beleza e a descoberta de novos horizontes- esta procura teria um fim, com a publicação das páginas quinzenais, que não só embelezavam as casas do povo português, como também transmitia cultura artística ao homem comum. A revista *Renovação*, era imprensa com o texto envolto numa capa, que variava todas as quinzenas, impressa a três cores e *hors-texte* (“Renovação”, 1925).

Esta revista da classe operária, tinha como uma das principais características na sua constituição, a aceitação e posterior publicação de fotografias e temas relevantes ligados aos principais acontecimentos que surgem relacionados com a vida operária, tais como, manifestações populares, greves, congressos, comícios, acidentes de trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, sindicatos e cooperativas operárias (A Batalha, 1925). Sendo uma criação do jornal mais perseguido pela censura, também esta foi vítima dos ataques sofridos pelo diário, chegando a ser apreendida e suspensa pelo próprio órgão principal (“Renovação”, 1977).



Fonte: (“Renovação”, 1925)

Figura 6 - Página do Jornal *A Batalha* (17/06/1925)

3.3- Autores mais relevantes da revista *Renovação*

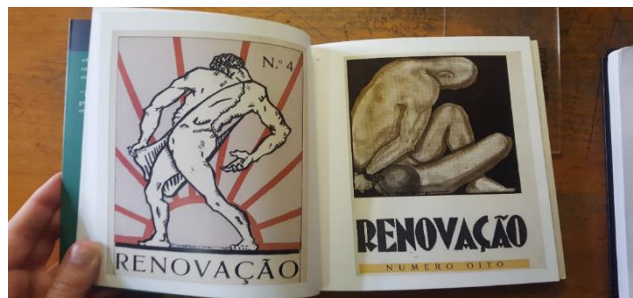
ROBERTO NOBRE (1903-1969)

“O ilustrador ideal será aquele que tiver uma ‘maneira’ para cada género literário, não deverá ter personalidade própria e sim estar pronto a adaptar-se aos temas que surgem.” (Roberto Nobre citado em Bártolo, 2015, p. 7)

Roberto Nobre, talentoso crítico de cinema e um dos maiores ilustradores portugueses do seu tempo, foi cúmplice de Ferreira de Castro em inúmeras aventuras editoriais. A viagem gráfica de Roberto Nobre fica como um dos mais sublimes registos para um tema bastante equívoco na história da ilustração portuguesa (“A Volta ao Mundo”, 2012).

“As capas desenhadas por Nobre na década de vinte evidenciam um considerável ecletismo. Este era capaz de integrar vagas referências Arte Nova, com uma composição moderna cruzada com um estilo folclórico português.” (Bártolo, 2015, p. 9)

Nobre foi conhecido pelo seu traço, escrita, observação atenta do mundo e pelas suas crenças anarquistas, que o motivaram nas suas colaborações para a revista *Renovação* a publicar ilustrações e trabalhos vigorosos que continham uma intenção social óbvia (Alves & França, 2003).



Fonte: (Bártolo, 2015, pp. 38-39)

Figura 7 - Colaboração de Roberto nobre na revista *Renovação*

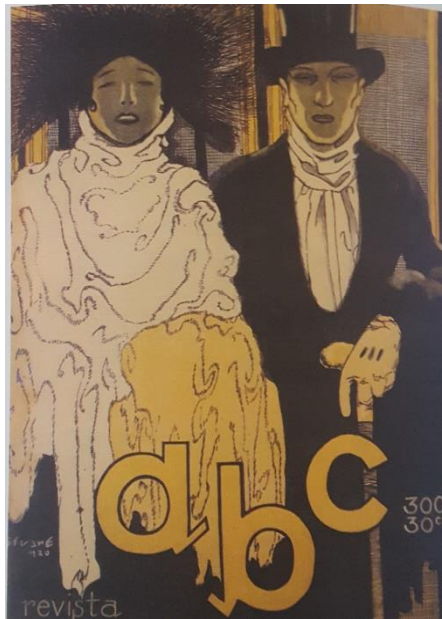
STUART CARVALHAIS (1887-1961)

“Stuart era um rebelde; mais do que isso por baixo do seu desmancho de boémio havia um revolucionário.” (Pacheco, 2000, p. 258)

José Herculano Stuart Torrie de Almeida Carvalhais, um dos mais geniais criadores portugueses, pela versatilidade de traço (adaptando os estilos às necessidades de comunicação), pelo erotismo, a ingenuidade humorística, a profundidade filosófica da ironia. Foi ilustrador, cenógrafo, figurinista, decorador, pintor, capista, cartazista e humorista. Trabalhou também sob os pseudónimos de Job e Albino. A sua obra gráfica pode ser encontrada em revistas como, *Ilustração Portuguesa*, *A Voz da Juventude*, *A Sátira*, *A Garra*, *O Zé*, *A Lanterna*, *O Pardal*, *Papagaio Real*, *O Século Cómico* (onde revoluciona a história da BD em Portugal, com a criação do *Quim e Manecas*), *Os Sports*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Vida Mundial*, *Sempre Fixe*, *Os Ridículos*, entre outros (Sousa, 2010).

“Stuart foi ou não um artista moderno? Se a ideia de modernidade pressupõe a existência de um grupo ou geração que encabeça uma arte de vanguarda, é evidente que em Portugal houve um grupo, uma geração, uma discutível arte de vanguarda e, como tal, uma modernidade, também ela discutível. Vanguarda, afinal, tem a ver com a insatisfação, a vontade de experimentar e, muitas vezes, a necessidade de agredir. Stuart foi um eterno insatisfeito, experimentou como nenhum outro, mas, salvo raras exceções, foi um “português suave.” (Pacheco, 2000, p. 257)

Stuart desligou-se muito cedo da pintura, pela disciplina que esta exigia, focando-se na área da comunicação, priorizando o desenho humorístico, que transmitia os gostos e opiniões do autor. Para além do seu foco no grafismo, o autor também produziu variados trabalhos no âmbito do teatro e das artes do espetáculo e da publicidade. Carvalhais, mesmo multifacetado, foi reconhecido como mestre de excelência na profissão de ilustrador e capistas, também dominando os diferentes tipos de *letterings* dos tempos modernos (Pacheco, 2000).



Fonte: (Pacheco, 2000, p.110)

Figura 8 - Colaboração de Stuart Carvalhais para a revista ABC

ROCHA VIEIRA (1883-1947)

Alfredo Carlos da Rocha Vieira, caricaturista, banda- desenhista e pintor, participou nos Salões dos Humoristas de Lisboa em conjunto com ícones do modernismo português. Foi o primeiro autor de uma tira diária com conteúdo BD (“*As fitas de Juca e Zeca*” - *O Século*) e o primeiro autor de séries realistas (“*Aventuras Extraordinárias de Jorginho*” - *ABC-zinho*). Para além destes títulos também criou variadas obras para revistas como, *O Século*, *ABC*, *Ilustração Portuguesa* e entre outras (Sousa, 2010, p. 197).

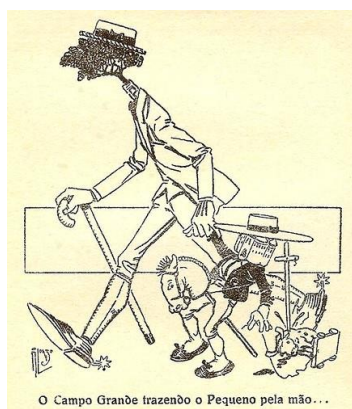
“Rocha Vieira deixa uma preciosa paleta de trabalhos, desde o género Cómico, que cultivou com fino espírito, às iluminuras e ilustrações históricas, em que era um ilustrador de comprovada autoridade. Como aguarelista, em que teve Roque Gameiro como mestre, Rocha Vieira concorreu a inúmeras exposições, conquistando vários prémios, incluindo a primeira medalha da S. N. Belas Artes. Neto do general António Carlos da Rocha Vieira, figura militar de grande relevo (...) o nosso malgrado companheiro nasceu em 1883, em Angra do Heroísmo, fixando definitivamente residência na Metrópole, em 1904. Insinuante, de uma bondade extrema, e de uma amabilidade e lhaneza de trato que cativavam em absoluto, de Rocha Vieira se pode dizer afoitamente que nunca conheceu um inimigo em toda a sua vida, tanto sabia conquistar amizades e simpatias.” (Século Ilustrado, 1947, p. 197)

ALONSO (1871-1948)

Alonso, ou Joaquim Guilherme Santos Silva foi um lisboeta nato em 1871, e que se afirmaria nas diversas vertentes artísticas, publicidade, ilustração, banda desenhada, professorado (Mestre na Escola Amónio Arroio), mas onde o humor teve um papel sempre presente, e fundamental na sua obra. O seu traço, apesar de marcado pela época, conseguiu uma identidade própria, com humor irónico, simples, mas agradável, sem deixar, contudo, de ser crítico e incisivo (Machado, 2012).

Ficará também como marca da sua personalidade, a grande humildade, e a pacatez da sua vida, sempre pronto a trabalhar, colaborar, criticar e a não entrar em discussões inúteis. Exercia sua profissão com ética, e com o espírito mais eclético possível (Machado, 2012).

“Foi um dos mais prolíficos ilustradores do seu tempo. Aos 20 anos estreou-se no portuense *Charivari*, um dos inúmeros jornais satíricos da época, iniciando uma extensa carreira de cartunista cruzando o espaço político da esquerda à direita, desde o monárquico *Thalassa* e o católico *Novidades* ao anarcossindicalista *Espectro*, com destaque para a colaboração de mais de três décadas com o jornal *Os Ridículos*. As suas capas para a Biblioteca Para a Infância registava uma liberdade formal quase impercetível, ofuscada pela exuberância *art nouveau* das ilustrações. Toda a gramática gráfica, da composição à tipografia, não se repete uma única vez ao longo das dezassete capas-cartaz evoluindo do sabor oitocentista ao modernismo geometrizar de *Os Bonecos da Joanhinha*.” (almanaque silva, 2015, para. 4)



Fonte:(Rua Onze, 2009)

Figura 9 - Colaboração de Alonso para o livro *A sogra do Barba Azul*

JOSÉ MARIA FERREIRA DE CASTRO (1898-1974)

José Maria Ferreira de Castro, mesmo tendo sido conhecido pelos seus romances, foi a sua atividade jornalística que lhe permitiu a liberdade económica necessária à escrita de seus livros. Ferreira de Castro nasceu na data de 24 de maio de 1898 em Oliveira de Azeméis, emigrou para o Brasil com apenas 12 anos, onde passou parte da adolescência a trabalhar em regime de escravatura, no interior da Amazônia, onde redigiu os seus primeiros contos e a novela *Criminosos por Ambição*, em 1916. Este escritor desembarcou em Lisboa em 1919, por coincidência, ano em que a Confederação Geral do Trabalho trouxe à luz o seu órgão jornalístico, o jornal *A Batalha*. Ferreira de Castro, redigiu vários artigos tanto para o jornal diário anarcossindicalista, como também para a sua revista *Renovação*, o que lhe abriu de imediato as portas ao universo literário (Cabrita, 2009).

A revista *Renovação*, contou com várias participações deste escritor, ao longo das suas páginas, permitindo-lhe espelhar os seus ideais liberalistas nos seus artigos. O autor, contou com o total de 134 artigos publicados nos dois suplementos do jornal *A Batalha*, explorando temas variados, assim como: sociais, literários políticos, ideológicos, etc., na forma tanto de crónica, como de conto (Cabrita, 2009).

“A literatura portuguesa, com tantas glórias do passado, inclui entre seus expoentes de grandeza Ferreira de Castro, classificando-o no modernismo, movimento literário dos que tentaram ultrapassar o realismo, embora seja este ainda predominante nas obras de um dos maiores escritores de sua geração, ao lado de José Sérgio, João Souza Simões e Branquinho de Fonseca.” (Alves, 1998, p. 130)

Com a suspensão da revista *Renovação*, Ferreira de Castro abandonou, cerca de 2 meses a redação de *A Batalha*, sendo o seu motivo para o ter feito simples, a perda da liberdade expressiva, devido aos órgãos da censura, que forçaram o seu encerramento. Mesmo indignado e com um sentimento de repulsão, voltou a redigir neste mesmo diário, expondo o seu descontentamento nos seus artigos após apresentados, dizendo que encerraria agora a sua longa viagem nas páginas dos suplementos de *A Batalha*, que iniciou no ano de 1919 e terminou em 1927, a versar sobre a covardia (Cabrita, 2009).

Ferreira de Castro, enaltecia sempre em suas obras as características portuguesas e a ingenuidade de um povo puro e bom (Alves, 1998).

BERNARDO MARQUES (1898-1962)

Bernardo Marques, artista plástico dos anos 20, associado ao desenvolvimento da linguagem estética do modernismo português, onde expunha grande parte da sua obra na imprensa periódica (Centro de Arte Moderna, 1989).

Nascido em Silves, Algarve, na data de 21 de novembro de 1898, mudou-se para Lisboa em 1918, com o objetivo de estudar literaturas românicas. Integrante no Salão dos Humoristas Portugueses, uma das primeiras manifestações artísticas de inspiração modernista com tendência à crítica. Um artista que mesmo tendo o seu trabalho exposto no jornal *O Século*, ainda mantinha colaborações regulares com *A Batalha* e outros jornais da época (Bernardo Marques, artista gráfico, ilustrador português., sem data).

“Bernardo marques no domínio absoluto de uma facilidade de expressão, abandona-se progressivamente aos contornos da irrealidade. O desenvolvimento da sua atividade artística irá incidir com alguma preferência sobre temáticas de conteúdo poético, ou apenas alheias a um contexto vivencial. O seu traço hábil servirá simultâneo a sugestão romântica de D. Quixote⁹ ou de Lord Byron¹⁰, a elasticidade mágica do circo, ou a encenação vibrante do espetáculo das touradas. A mão entrega-se ao prazer do desenho como exploração física das suas potencialidades, ou desenvolve-se como a escrita figurada de uma meditação sobre si mesmo.” (Centro de Arte Moderna, 1989, p. 5)



Fonte: (Centro de Arte Moderna, 1989, p. 191)

Figura 10 - Colaboração de Bernardo Marques para a revista *Civilização*

⁹ Livro escrito pelo espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616)

¹⁰ Poeta britânico do Romantismo (1788-1824)

3.4- Conteúdo das suas páginas

Relativamente ao conteúdo contido nas páginas da revista *Renovação*, apresentam-se uma série de dados estatísticos, para perceber os temas abordados, os seus autores, citações e a diversidade de fontes da publicação, com base nos estudos feitos pelo Seminário Livre de História das Ideias.

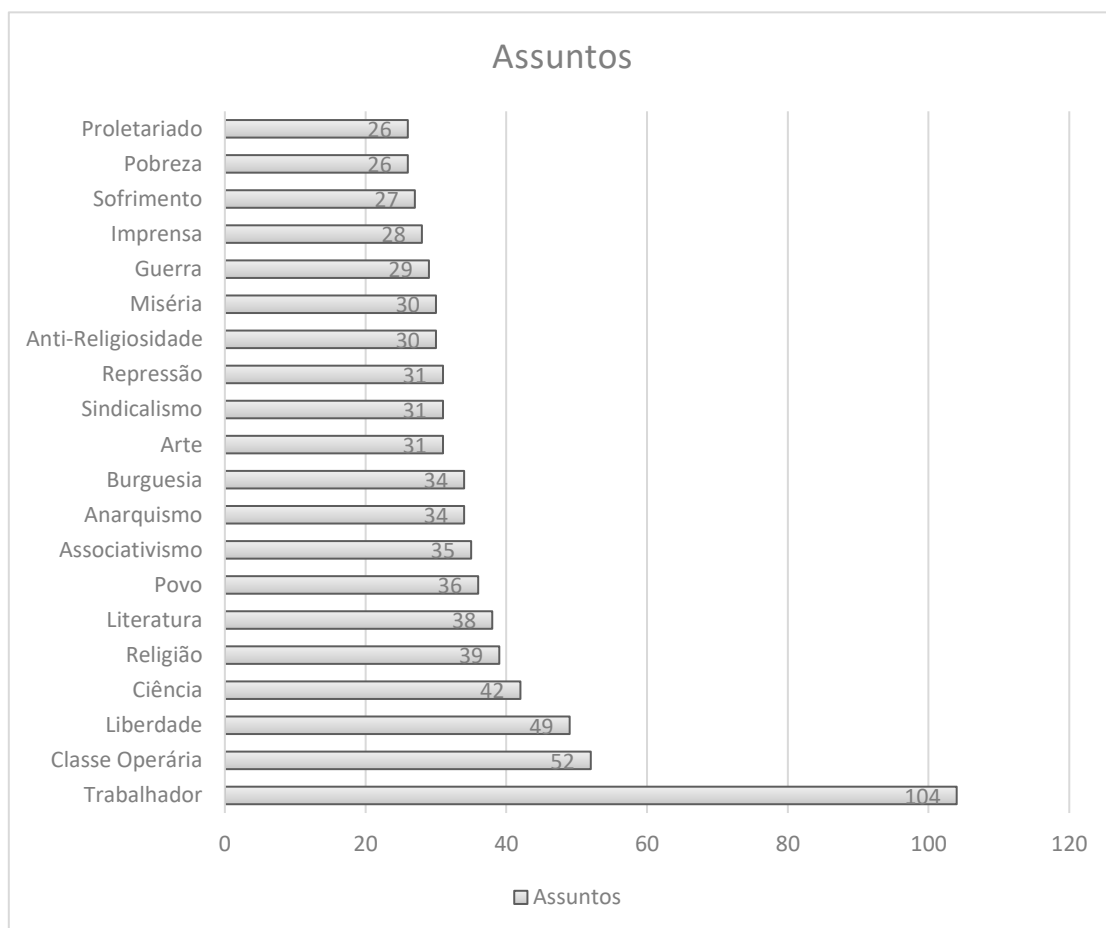
A nível analítico, começou-se por contabilizar, os elementos gerais que a revista emprega na sua constituição, quantificando as suas edições, os seus números e artigos. A revista, como já mencionado anteriormente, conta com o total de 24 números, que contiveram nas suas páginas 431 artigos.

Elementos	Contagens
Edições	24
Números	24
Artigos	431

Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Tabela 1 - Edições da revista *Renovação*

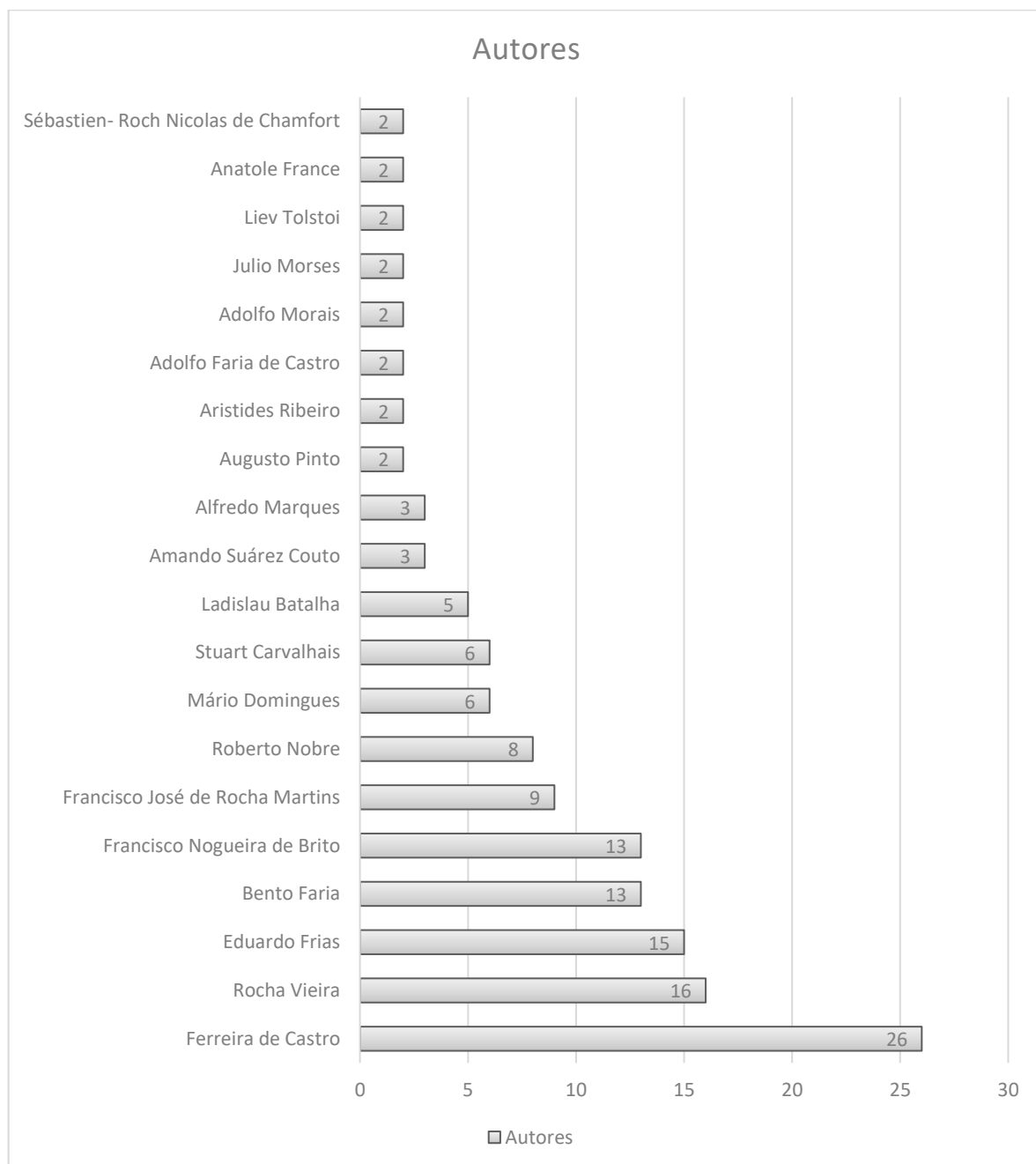
O estudo desta revista torna-se relevante devido aos temas que continha nas suas páginas, por terem sido renovadores para a época, que resultava numa constante perseguição a nível político e conseqüente censura dos seus artigos. É necessário, portanto, nomear e catalogar os assuntos redigidos.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Gráfico 1 - Assuntos referidos nos artigos da revista *Renovação*

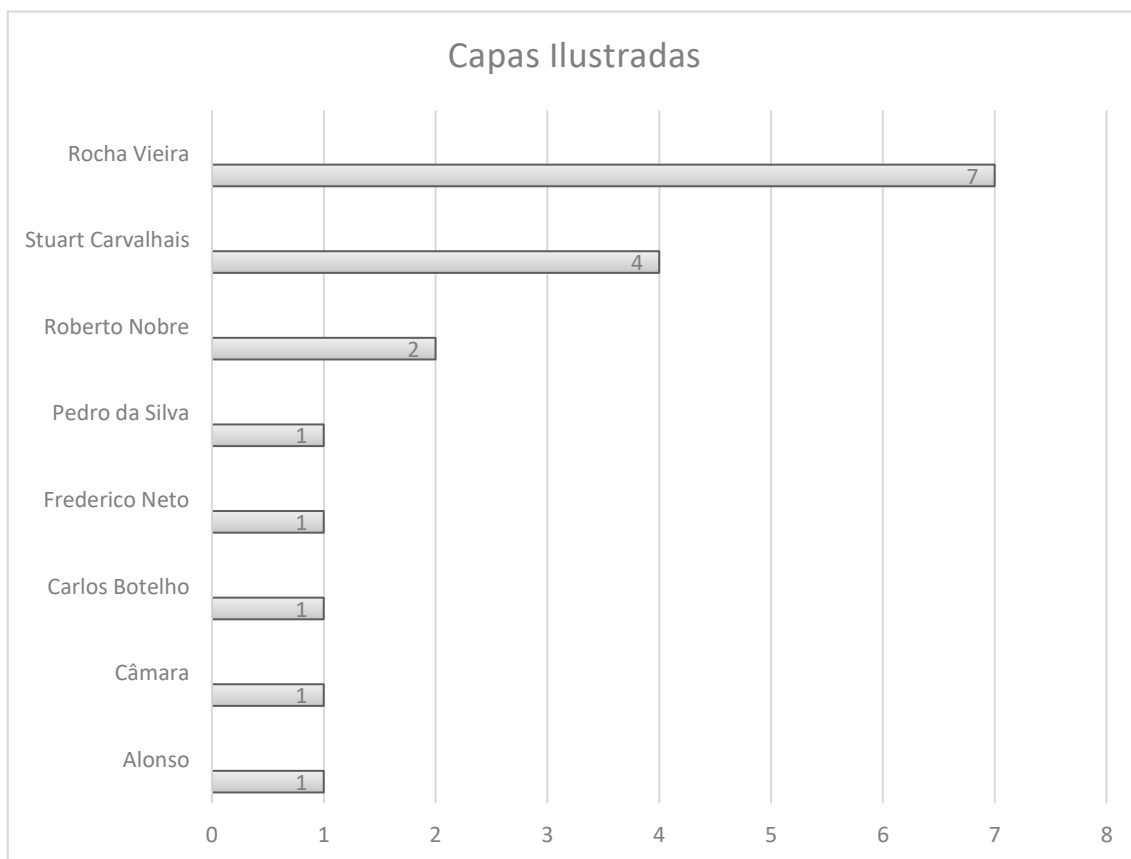
Quanto aos autores, tanto literários, como ilustradores, é essencial, perceber aqueles que mais contribuíram para o desenvolvimento desta revista. Consegue-se perceber, no gráfico 2 que o escritor e romancista Ferreira de Castro, redigiu grande parte dos artigos da revista, refletindo nesta, as suas ideias e crenças futuristas.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Gráfico 2 - Autores da revista *Renovação*

A nível ilustrativo, o autor mais presente nos 24 números da revista *Renovação*, foi Rocha Vieira, seguido de Stuart Carvalhais e Roberto Nobre, que tanto elaboravam as capas da revista, como também as gravuras ao longo da publicação.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Gráfico 3 - Autores das capas ilustradas da revista *Renovação*

4- ANÁLISE GRÁFICA DA REVISTA *RENOVAÇÃO*

O modernismo português desenvolveu-se desde o início do século XX até ao final do Estado Novo em 1970, sendo que a revista *Renovação*, pertence à sua primeira fase, também conhecida como geração *Orpheu*. Geração comandada pelos intelectuais, que procuravam desagregarem-se do meio cultural português, voltando-se nesta época para um novo mundo, regido pela velocidade, pela loucura, pela ciência e por infinitas possibilidades de visão mundial (Negreiros, 1935).

A *Renovação*, contando com várias personalidades ligadas a esta mesma mudança de mentalidades, assim como Ferreira de Castro e Stuart Carvalhais, teve um papel igualmente importante na expansão do modernismo português, com a formação de uma revista que defendia a liberdade de ideias, valorizava a arte e as novas correntes artísticas.

Como a publicação desta revista coincide com esta época de cruzamento de ideias e de informações, com o estudo da materialidade gráfica da revista, pretende-se delinear assim as mudanças que estavam a ser empregues na imprensa portuguesa modernista.

Este capítulo da dissertação tem como objetivo o estudo aprofundado de caracterização e descrição do objeto gráfico. Assim, exploram-se tópicos como: a paginação, as grelhas, ilustração, *lettering*, entre outros tópicos essenciais para a formação de evidências claras da presença de correntes modernistas na publicação estudada.

4.1-Preçários

Anteriormente à sua publicação, o jornal *A Batalha*, publicou um artigo a descrever o que viria a ser a nova revista, a sua intenção, o seu preço, páginas e temas que contia, alertando desde já os seus leais leitores que o seu preço, era de louvar, pelo esforço editorial e pela dedicação artística que esta expunha (“Será possível?”, 1935).

Cada número da *Renovação* teria o custo de 1,50 centavos (quinze tostões), sendo que as assinaturas teriam um determinado custo consoante a região do leitor.



The image shows a printed table titled "Condições de assinatura:" (Subscription Conditions). The table is divided into two main sections: "Portugal e Espanha" (Portugal e Espanha) and "Exterior" (Exterior). Under "Portugal e Espanha", there are three rows: "3 mēscs 9\$00", "6 > 18\$00", and "Ano 36\$00". Under "Exterior", there are three rows: "6 mēscs 21\$00", "Ano 43\$00", and "Numero solto 1\$50". The prices are listed in dollars and cents, with a dollar sign (\$) and two decimal places.

Condições de assinatura:	
Portugal e Espanha	
3 mēscs	9\$00
6 >	18\$00
Ano	36\$00
Exterior	
6 mēscs	21\$00
Ano	43\$00
Numero solto	1\$50

Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 11 - Preçário da revista *Renovação*

4.2-Grelha e mancha gráfica

“Grids are ubiquitous carriers of information, to the degree that we are not consciously aware of them on a daily basis. The grid, artifice of time and space, is woven deeply into our subconscious. Grids serve as the underlying structure for modeling and archiving human thought, interactions, and events.”¹¹ (Carter, 2018, p. 66)

A grelha, é uma parte muito importante da constituição de uma publicação, sendo que esta tem a finalidade de dar consistência aos *layouts*, que são formados por diversos elementos gráficos, tais como, imagens, ilustrações, infografias, títulos, subtítulos, parágrafos, entre outros, que corretamente manipulados conseguem adicionar unidade e um vigor visual às páginas publicadas (Cardoso, 2017).

“The grid determines the constant dimensions of space. There is virtually no limit to the number of grid divisions. (...) The rule: The fewer the differences in the size of the illustrations, the quieter the impression created by the design. As a controlling system the grid makes it easier to give the surface a rational organization.”¹²(Brockmann, 1999, p. 11)

A grelha, é um dispositivo que facilita a paginação da publicação, e assim o tamanho dos elementos adicionados às páginas são predefinidos pelo tipo de grelha utilizada, sendo que devido ao uso de múltiplos elementos utilizados nas páginas da imprensa modernista, a grelha torna-se mais complexa (Cardoso, 2017).

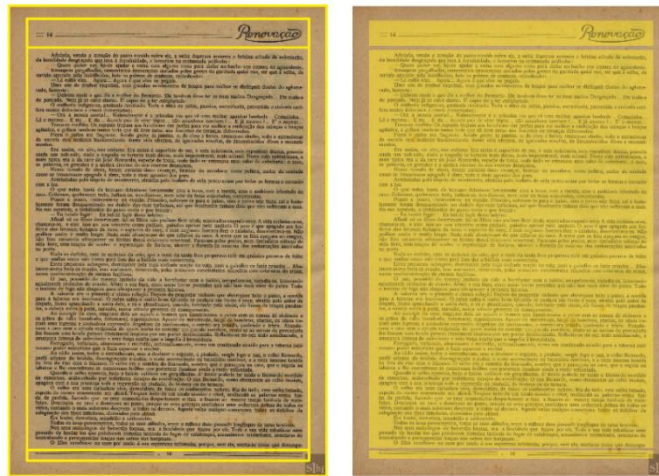
“As grelhas mais utilizadas na imprensa deste século, são as grelhas assimétricas. Este tipo de grelha é utilizado quando os layouts variam entre as páginas e quando há uma série de elementos (imagens, notas de rodapé, texto, etc.) que devem ser incluídos na composição.” (Cardoso, 2017, p. 42)

Existiram então, vários tipos de grelhas apresentadas ao longo dos 24 números da *Renovação*, conforme a necessidade de exploração tanto literária como gráfica, sendo então divididas conforme as suas características principais.

¹¹ TL: “Grelhas são objetos informativos translúcidos, ao ponto de não estarmos conscientes deles no nosso dia a dia. As grelhas, artefactos de tempo e espaço, estão empregues no nosso subconsciente. São também estruturas que servem para o delinear de modelos, arquivo de pensamento humano e eventos.”

¹² TL: “A grelha determina constantemente as dimensões do espaço. Não existe limite virtualmente para o número de grelhas divisórias. (...) Regra: Quanto menos forem as diferenças de tamanho das ilustrações, menor é a impressão criada pelo design. Como um sistema de controlo a grelha é um método que facilita a organização da superfície de um modo racional.”

Grelha de 1 coluna ou manuscrita:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 12 - Modelo de grelha manuscrita

Grelha de 2 colunas:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 13 - Modelo de grelha de 2 colunas

Existem dois tipos de grelhas essencialmente usadas a nível da composição, sendo esta manuscrita, que neste caso é utilizada em textos de grandes dimensões e também a grelha de duas colunas, que se apresenta em maior número.

Nestes dois tipos de grelhas, existe a separação de diferentes componentes gráficos, tais como: logótipo da revista, título e subtítulo do artigo, texto e por fim a numeração da página.

Mesmo sendo este tipo de grelhas as mais utilizadas ao longo dos vinte e quatro números da revista *Renovação*, existem, porém, exemplos que se baseiam em outro tipo de modelos, assim como:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 14 - Modelo de grelha com mais de 2 colunas

Durante este exemplo, percebe-se que quando o artigo corresponde à secção das notícias atuais, é seguido um modelo de duas ou mais colunas, por existir uma grande quantidade, tanto de informação, como de imagens.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 15 - Modelo de grelha (outros exemplos)

Este exemplo pareceu fundamental para o estudo da grelha e mancha gráfica da revista, pelo facto, de mesmo respeitando a grelha manuscrita, a mancha gráfica correspondente ao texto, apresentando-se numa forma geométrica triangular.

4.3-Filetes e vinhetas

4.3.1-Filetes

“Filetes- Tiras largas de metal à altura da letra, fundidas desde um ponto em diante. Também os há de metal-tipo. Estão incluídos na designação genérica de filetes, todos os traços usados em tipografia. Os filetes de uso mais corrente são os de fio delgado, fio grosso e os ponteados.” (Pedro, 1948, p. 21)

Os filetes, trata-se de uma aplicação usada na imprensa, que têm como função, a separação entre colunas, demarcação de rodapés, criação de caixas abertas, cabeçalhos ou fins de páginas.

Segundo o Dicionário Técnico de Tipógrafo, de Manuel Pedro, existem classificados nestes seguintes termos:

- Fio fino; Fio grosso; Fio raso; De dois fios; Fio fino e grosso; Serpentina; Ponteados; Azurés

Com estudo na revista *Renovação*, conseguimos entender que os editores, usavam estas aplicações, durante as páginas, recorrendo a um filete no cabeçalho da página e prosseguido do nome da revista (*Renovação*) (Fig. 16) e também no espaço inferior da página para referenciar o seu número (Fig. 17). Estes podem-se classificar segundo Manuel Pedro, como de fios finos, assim como vemos nos exemplos seguintes:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

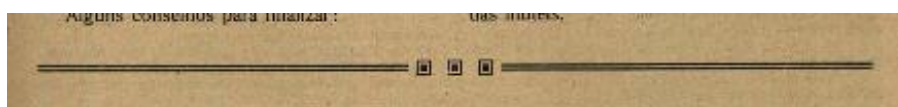
Figura 16 - Exemplo de filete no cabeçalho da revista *Renovação*



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 17 - Exemplo de filete no fundo da página da revista *Renovação*

Para além desta função, também são empregues como moldura, horizontal ou vertical, dispondo-se tanto em texto como em volta de uma imagem. Estes filetes já demonstram uma maior variação, quanto à sua classificação, que se altera entre: de dois fios (Fig. 18) e ponteados (Fig. 19).



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 18 - Exemplo de filete de dois fios da revista *Renovação*



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 19 - Exemplo de filete ponteadado da revista *Renovação*

4.3.2-Vinhetas

“Vinheta- Coleção de adornos de vários corpos, com os quais se fazem infinitas combinações, Vignette, derivação do francês, desempenha um importante papel na arte tipográfica. Tendo inúmeras peças, sendo infindável a variedade dos seus desenhos, o artista de gosto, que tenha vocação para a arte e conhecimentos de desenho pode executar trabalhos magníficos. São bastantes as coleções nos mais variados estilos desde o Luis XV¹³, as gregas, as góticas, as arquitetônicas, a rocaïlle, a renascença italiana, os mosaicos, etc. As vinhetas de traço geométrico estão formadas por uma série de peças, que ao combinar-se permitem formar letras e desenho de grande efeito.” (Pedro, 1948, p. 48)

As vinhetas têm função de reforço comunicativo na separação de textos, na ligação com a mancha gráfica, tendo como objetivo reforçar a função dos filetes ou diferenciação espacial entre o texto principal e prosas, poesias, títulos ou seções.

Segundo Líbano da Silva, as vinhetas utilizadas nas páginas da revista *Renovação* podem organizar-se de diferentes formas:

- Geométricas;
- Arquitetônicas;
- Mosaicos;
- Rocaïlle (motivos florais exagerados – rococó);
- Renascença italiana;
- Gregas;
- Góticas.

¹³ Rei de França e Navarra (1710-1774)

Figuras geométricas de traço ou preenchidas a cheio:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 20 - Exemplos de vinhetas com figuras geométricas da revista *Renovação*

Existe a presença de várias formas geométricas ao longo das páginas da revista, assim como, quadrados, círculos, simples pontos e também losangos, que aparecem tanto totalmente preenchidos a negro, como em traço. Este tipo de vinheta apresenta-se na maioria das vezes, com a função ou de delimitação entre títulos e o texto ou para diferenciação entre o texto e poemas.

O aparecimento deste tipo de figuras ligadas à geometria sugere um reaparecimento das correntes modernistas na edição da revista, já que este tipo de formas são convencionais deste tipo de corrente artística.

Rocaille (motivos florais exagerados – rococó):



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 21 - Exemplo de vinhetas com figuras rocaille da revista *Renovação*

Este tipo de ornamento, remete a um tipo de estética mais ligada a uma arte renascentista, desenvolvidas nesta publicação tanto em forma de traço como totalmente preenchidas a negro. Os ornamentos florais têm nesta revista duas funções essenciais, ou se impõe como uma moldura ou servem de delineamento entre os diferentes textos presentes no *layout*, com objetivo de permitir uma fácil leitura.

4.4- Letras iniciais ornamentadas:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 22 - Exemplo de letras iniciais da revista *Renovação*

As letras iniciais, pretendem caracterizar o texto que lhe segue, contendo neste caso, uma cercadura com uma ilustração, que permite ao leitor perceber desde logo a temática do artigo, contendo assuntos como: o trabalho árduo do operário ou agricultor, até à indignação que os escritores sentiam pela falta de direitos que as mulheres sofriam, sendo representadas por uma estátua feminina grega sem braços. Este tipo de fenómeno, durante as páginas da revista estão na totalidade empregues à primeira letra do artigo que lhes dá continuação.

4.5-Classificação dos títulos das capas da revista *Renovação*

Quanto à classificação das capas, é necessário a análise do seu título, pelas suas formas, características e pela sua função interativa com a ilustração.

Neste subcapítulo pretende-se classificar tanto a tipografia como os *letterings* utilizados pelos autores da revista, assim como a utilização de caixa alta ou baixa e também os elementos dominantes das capas e a sua composição.

4.5.1-Tipografia

“By definition, a typographic message, aside from an intrinsic beauty, must convey a meaning. Meaning, and its expression, is at the core of typographic activity, at the level of both individual words and entire passages of text. This is called linguistic meaning, since it resides in language.”¹⁴ (Dabner, 2013, p. 62)

A escolha de um determinado tipo de letra para a paginação de um livro, uma revista, um jornal ou mesmo um cartaz sempre foi e cada vez mais é, um ponto que merece uma grande atenção por parte dos responsáveis da sua elaboração (Veríssimo, 2013).

A tipografia, tal como a ilustração, tem passado por diversas evoluções a nível de estilo, acompanhando de certa forma os movimentos da pintura, da música e todas estas alterações a nível de estilo foram alvo de estudos intensivos por vários autores (Bringhurst; Veríssimo, 2013).

¹⁴ TL: “Por definição, a mensagem da tipografia, para além do seu motivo de adorno, têm que transmitir um significado. A mensagem e a expressão, são o núcleo da atividade tipográfica, a nível tanto de palavras individuais como passagens de texto. A isto se chama o conceito linguístico que reside na linguagem.”

4.5.1.1-Tipografia das capas da revista *Renovação*

A nível tipográfico as capas da revista *Renovação* apenas contemplam o uso de uma mesma família tipográfica serifada num total de seis publicações. Esse uso encontra-se, principalmente, no título da publicação, podendo ainda surgir na identificação do número de edição. Constata-se que em quatro dos seis usos, a tipografia surge nas capas acompanhada por uma fotografia, ao invés de ilustração.

A nível tipográfico, pode-se concluir que o tipo de letra escolhido para as capas da revista *Renovação*, aparenta possuir um peso regular com características dos tipos de transição (*garaldes*). Traços modulados de contraste moderado, eixo vertical e serifas triangulares nas suas terminações. A perna do “R” prolongada abaixo da linha de base, a barra central do “E” de posição mais elevada e o ápice do “A”, são características de desenho peculiar.

O tipo aqui descrito quanto à sua composição e alinhamento permanece sempre linear e em caixa alta (maiúscula).



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 23 - Exemplo da tipografia utilizada na capa da revista *Renovação* n.º 4

4.5.2-Leterrings

O desenho de letras, é uma atividade que pode abrir a mente e criar um novo leque de possibilidades quanto à combinação do desenho gráfico e das técnicas digitais, podendo ser dividido em várias categorias, assim como, serifas, disposição, formas de letra, entre outros (Fowkes, 2014).

“Embora os letristas utilizem como fonte de inspiração para o seu trabalho modelos tipográficos aos quais tiveram acesso a partir do computador e/ou em materiais gráficos impressos, partimos do pressuposto que é possível reconhecer estilos de letras peculiares à linguagem visual dos letreiramentos populares, com influências genuinamente vernaculares, passadas de geração em geração por métodos de ensino informais.” (Finizola, 2010, p. 3)

Com resultado na investigação de Fátima Finizola, foi construído um modelo de análise gráfica dos *letterings* usados nos títulos das capas da revista *Renovação*.

O modelo usado possui os seguintes tópicos de análise:

1- Aspetos Formais: Elementos Intrínsecos

1.1-Construção: Contínua/Descontínua

1.2-Estilo: Romano/Itálico/Misto

1.3-Proporção: Uniforme/Variada

1.4-Peso: Light/Regular/Bold

1.5- Serifas: Presente/Não presente

1.6-Decoração: Sombras/Contornos/Textura/Degradé/Efeitos3D/Letras espelhado/mistura de estilos

A nível dos aspetos intrínsecos dos *letterings* foi formulada uma tabela para a classificação de todas as tipologias de letras existentes.

Para melhor entendimento do método de análise, demonstra-se um exemplo base, seguido então da tabela anteriormente referida.

Exemplos:

	<i>Lettering</i> da capa da revista n.º 22
Construção	Descontínua
Estilo	Romano
Proporção	Variada
Peso	Regular
Serifas	Serifado
Decoração	Sem Decoração
	<i>Lettering</i> da capa da revista n.º 3
Construção	Descontínua
Estilo	Romano
Proporção	Uniforme
Peso	Bold
Serifas	Serifado
Decoração	Contornos

Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Tabela 2 - Classificação dos *letterings* da revista *Renovação*

Tabela de análise gráfica dos *letterings*:

Números	Letterings												
	Construção		Estilo			Proporção		Peso			Serifas		Decoração
	C	D	Romano	Itálico	Misto	U	V	L	R	B	Com	Sem	
1	x		x			x			x	x	x		Terminais com caudas arredondadas
2	x			x		x			x			x	Sem
3		X	x			x				x	x		Contorno
7	x		x			x				x		x	Sem
8		X	x			x				x		x	Geometrização das formas/módulos
9	x		x			x			x			x	Junção
10	x		x				x		x			x	Junção e curvatura
11		X	x			x				x		x	Geometrização das formas/módulos
12	x				x		x		x			x	Junção e formas curvas
16	x				x		x		x			x	Sublinhados
17	x		x			x			x			x	Sem
18	x		x				x		x			x	Sem
21	x		x			x			x			x	Sem
22	x		x				x		x		x		Curvo

Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Tabela 3 - Análise gráfica dos *letterings* da revista *Renovação*

A partir da análise efetuada dos *letterings* das capas da revista *Renovação*, concluiu-se que no parâmetro da construção das letras desenhadas, existiu uma abundância de autores que preferiram executá-las de uma forma contínua e de preferência em estilo romano.

A proporção dos *letterings* só variou em casos particulares, com a particular razão de provocar um maior sentido de comunhão entre a ilustração e o seu título, sendo que o peso das mesmas tendeu para a escolha do regular. Por fim, a nível das serifas, os autores optaram, na maioria, por *letterings* não serifados.

A nível decorativo, existiu uma maior particularidade, sendo que os métodos de decoração usados foram sobretudo, figuras geométricas para uma abordagem mais cubista do título, ou a distorção das letras em formas curvilíneas, e por fim, o uso de contornos e sublinhados entre as letras e mesmo na sua constituição.

4.5.3- Classificação da caixa textual

Segundo Rob Carter, a caixa alta, é o nome dado ao conjunto de letras grandes que normalmente se usa no início da posição de uma palavra, que se caracterizam como um conjunto mais formal e se utilizam com maior apreço nos títulos. Já a caixa baixa são o conjunto de letras pequenas, chamadas deste modo pelo facto de se encontrarem armazenadas nas partes de baixo das antigas tipografias de metal (Carter, 2018).

“Sendo certo que o uso da tipografia proporciona, também no que respeita à sua caixa, uma grande variedade de combinações que condicionam a expressão, pretendemos verificar qual foi, neste aspeto, a atitude dos só propósito consiste em registar a ocorrência de cada uma delas- CAIXA ALTA e CAIXA BAIXA- nos cartazes em análise. E este levantamento, lembramos, recaiu exclusivamente sobre o título.” (Fonseca, 2008, p. 282)

A classificação seguinte possui assim três parâmetros:

- caixa alta (conceito tipográfico referente à escrita em maiúscula);
- caixa baixa (conceito tipográfico referente à escrita em minúscula);
- caixa mista (conceito tipográfico referente à escrita com os anteriores dois componentes);

Glossário
C- Contínua
D- Descontínua
U- Uniforme
V- Variada
L- Light
R- Regular
B- Bold

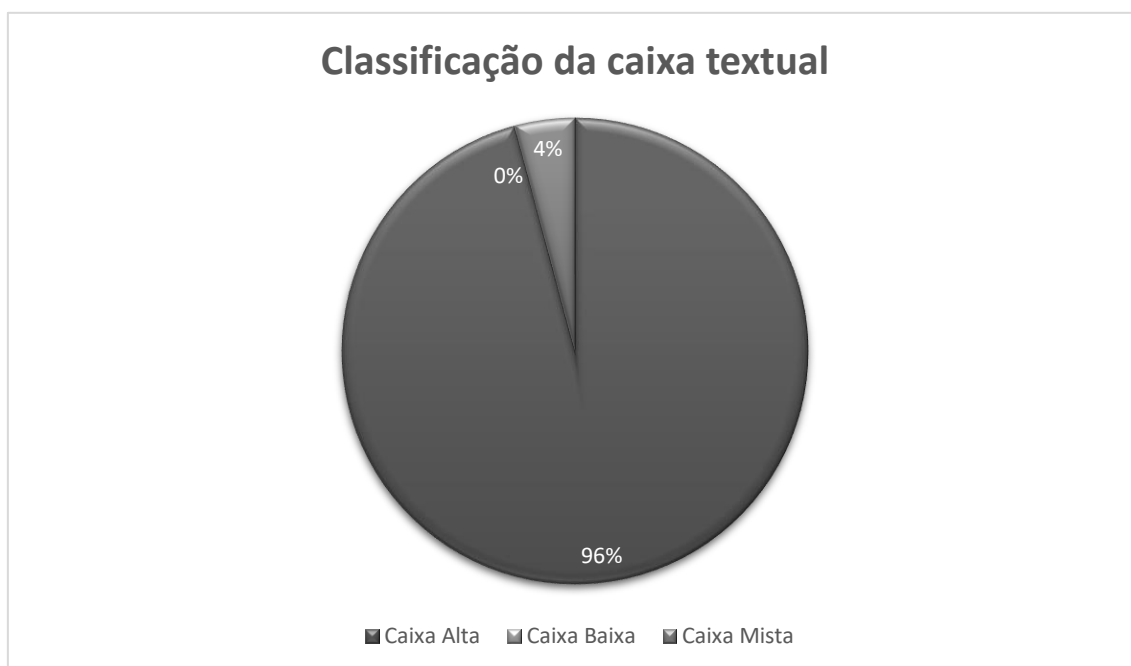
	<i>Lettering da capa da revista n.º 23</i>
<p>Caixa</p>	<p>Alta</p>
	<i>Lettering da capa da revista n.º 2</i>
<p>Caixa</p>	<p>Mista</p>

Exemplos:

Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Tabela 4 - Classificação dos *letterings* da revista *Renovação*

Gráfico de análise de classificação da caixa textual:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Gráfico 4 - Classificação da caixa textual dos títulos revista *Renovação*

Após a análise detalhada das vinte e quatro capas da revista *Renovação*, consegue-se perceber que existe um destaque grande para a utilização do título em caixa alta, existindo apenas um único número que utiliza caixa mista.

Não existem exemplares onde tenha sido utilizado a caixa baixa para a concepção e apresentação do título, verificando-se intenção de manter os títulos mais formais e imponentes, utilizando a caixa alta na maioria das vezes.

4.5.4-Composição imagem/texto

É fundamental perceber a interação entre o texto e a imagem nas capas da revista e por esse mesmo motivo vão ser estudados o plano de composição desta, em relação à sua dependência ou independência.

“Consideramos, assim, as seguintes categorias: texto independente da imagem, texto condiciona ou integra a imagem, a imagem condiciona ou integra o texto e misto.” (Fonseca, 2008, p. 270) “Consideramos o **texto independente da imagem** os casos em que ambos se regem por critério em que nenhum deles sofre alteração, em função do outro. (...) **Consideramos texto condiciona ou integra a imagem** quando esta obedece a condições impostas pelo primeiro. (...) Consideramos **imagem condiciona ou integra o texto**, quando a primeira influência ou determina o carácter formal do segundo. (...) Consideramos **misto** o caso em que a relação entre ambos não é claramente uma ou a outra das precedentes.” (Fonseca, 2008, p. 270)

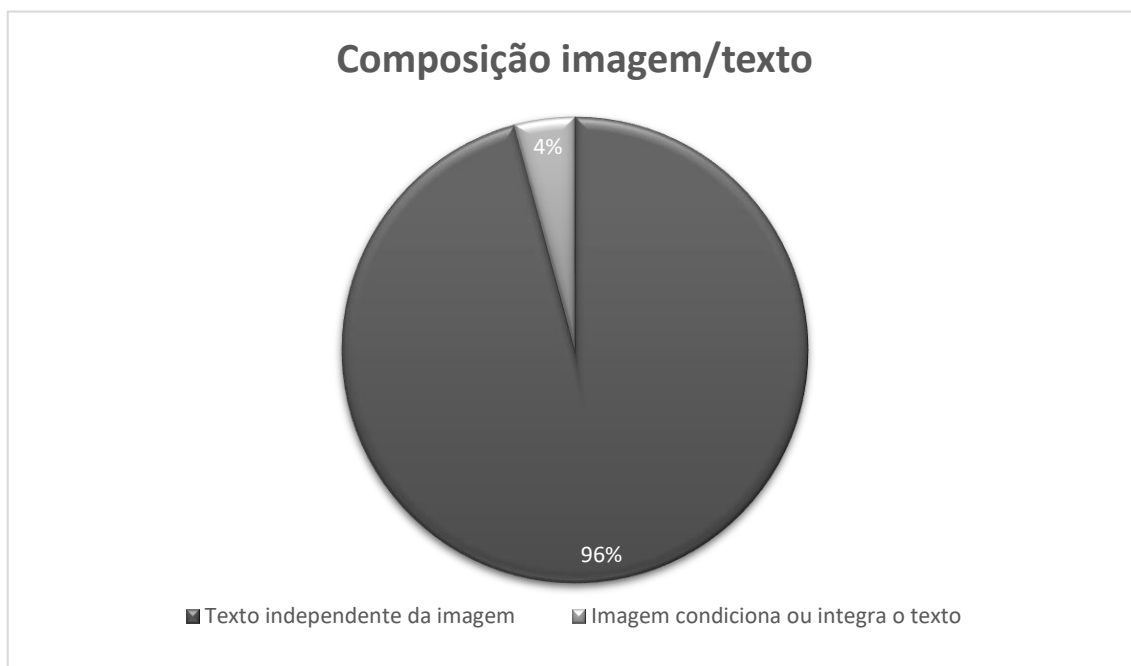
Exemplos:

	<p>Capa da revista n.º 10</p>
<p>Composição imagem/texto</p>	<p>Imagem condiciona ou integra o texto</p>
	<p>Capa da revista n.º 7</p>
<p>Composição imagem/texto</p>	<p>Texto independente da imagem</p>

Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Tabela 5 - Composição da imagem/texto da revista *Renovação*

Gráfico de análise sobre a composição da imagem/texto:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Gráfico 5 - Classificação da composição imagem/texto da revista *Renovação*

Pela análise feita sobre a composição imagem/texto, consegue-se perceber que a revista *Renovação*, utilizou unicamente dois dos parâmetros em avaliação, sendo estes: texto independente da imagem e imagem condiona ou integra o texto.

Os autores das capas, têm uma grande tendência para utilizar os componentes do texto e da imagem independentemente, ou seja, o título existe na maioria separado da imagem. Estas separações são empregues através da utilização de margens na maioria dos casos.

O único exemplar de imagem condiona ou integra o texto, existe na capa n.º 10, onde o título sofre uma deformação, para coexistir com as dimensões e formas da ilustração exibida, como apresentado no exemplo anterior.

5-ILUSTRAÇÃO NA CAPA DA REVISTA *RENOVAÇÃO*

“Cada página da revista deve atrair a atenção do leitor não apenas pelo teor do assunto, mas também pela harmonia do conjunto gráfico. Os elementos da composição das páginas devem manter uma arquitetura gráfica e estética própria, visando um equilíbrio harmonioso, em que ilustrações e textos estejam perfeitamente entrosados, o que despertará o prazer pela leitura e interesse pelo assunto exposto. As páginas de uma publicação devem ter em seu conjunto uma disposição estética e funcional. Cada página tem uma solução própria, mas no todo deve ter uma sequência homogênea e com o mesmo ritmo.” (Ribeiro, 2008, p. 2)

Para perceber como a ilustração se expressa nesta revista, é necessário anteriormente introduzir o tema sobre a relação entre o texto e a imagem.

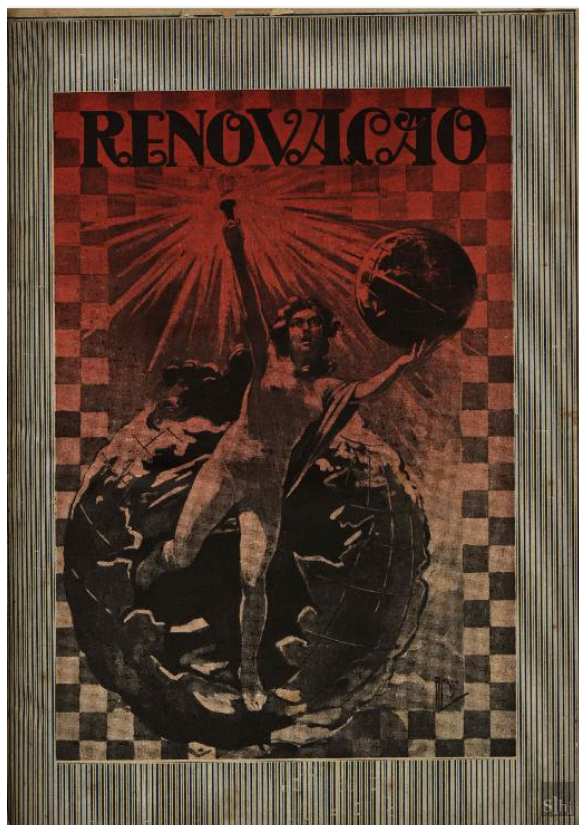
A capa é o elemento que faz coincidir no mesmo espaço, o texto e a imagem. Os elementos textuais da capa normalmente são, o título, e quando se trata de um livro tem o complemento de existir também, o nome do autor e a editora, dois elementos que têm como função identificar ou fornecer informações sobre o livro ou revista. Já quanto à imagem, surge com o intuito decorativo ou apelativo (Carvalho, 2008).

Estes dois elementos combinam-se e a sua construção simultânea faz esbater as habituais fronteiras texto-imagem, reforçando o caráter narrativo das capas dos livros/revistas.

Assim, decidiu-se análise gráfica em dois parâmetros:

- Análise das temáticas das ilustrações das capas da revista *Renovação*;
- Análise gráfica das capas da revista *Renovação* que irá respeitar estes diferentes tópicos:
 - Estrutura gráfica (expressão gráfica do logótipo);
 - Análise cromática;
 - Organização do espaço ilustrativo;
 - Espaços em branco.

5.1-Análise das temáticas das ilustrações das capas da revista *Renovação*



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 24 - Capa da revista *Renovação* n.º 1

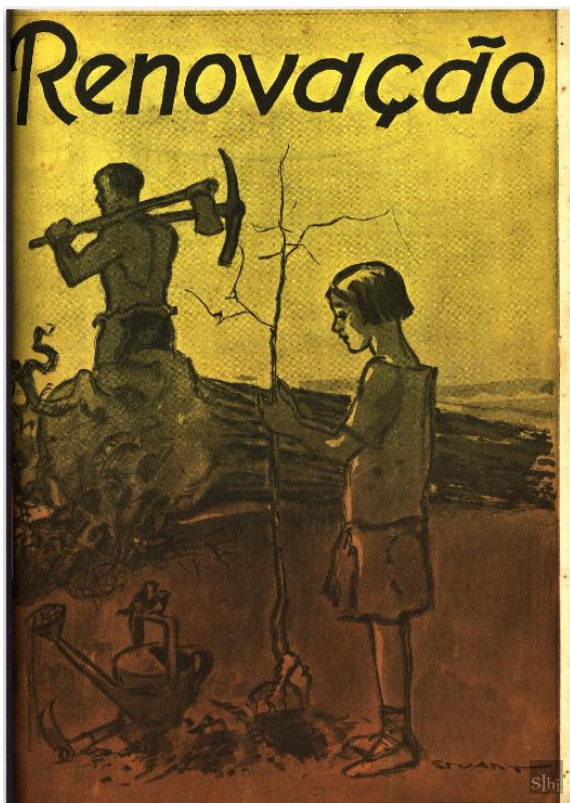
Renovação: O mundo novo – N.º 1 - Capa ilustrada por Alonso, pseudónimo para Joaquim Guilherme Santos Silva (02 de julho 1925)

Temática: Representação do nascimento de um novo mundo, com paralelismo entre a criação de uma nova revista que pretende renovar um país injustiçado pela sua política e educar o seu povo explorado;

Análise gráfica: O facto de a figura representada pelo ilustrador ser feminina, parcialmente nua, carregando a nova luz que iluminará o caminho dos seus leitores e de toda uma civilização, remete para a obra “A liberdade guiando o povo” de Eugène Delacroix, cujo, significado se encaixa principalmente associado à Revolução dos cidadãos franceses.

As ilustrações empregues na primeira capa da revista têm intenção de representar os termos da publicação:

- A importância do conceito de "renovação" para o entendimento do propósito de existência da revista;
- O progresso intelectual do proletariado através de ensinamentos de ciência e arte é essencial para garantir uma renovação social;
- A inovação através de uma revolução harmoniosa e ordenada; a revolta contra a opressão das ideias instauradas pelos intelectuais do passado.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 25 - Capa da revista *Renovação* n.º 2

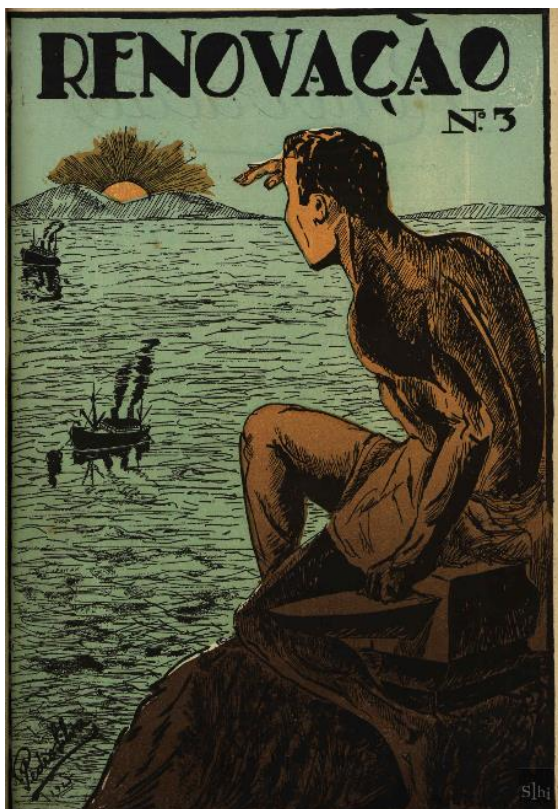
Renovação – N.º 2 – Capa ilustrada por José Stuart Carvalhais (15 de julho 1925)

Temática: Existe nesta ilustração a intenção de demonstrar a maneira apropriada de ensinar e educar os nossos filhos e posteriormente criar uma sociedade com melhores pessoas, que não só cuidam bem da mãe natureza, mas também crescerão num meio com os verdadeiros ideais humanos, estes que são defendidos por esta revista.

Análise gráfica: A ilustração que abre o segundo número da revista *Renovação*, tem o propósito de passar uma mensagem precisa: Ensinar os filhos a serem melhor pessoas e a lutarem pelos assuntos certos. A *Renovação* ajudaria nesse processo.

Durante esta publicação existem várias temáticas importantes abordadas, tais como: a igualdade de géneros, a luta contra a opressão religiosa e a crítica contra a aristocracia, que é feita através de um conto infantil, para permitir a melhor leitura e compreensão dos jovens leitores.

Nada melhor para representar estas temáticas, como a figuração de uma criança a plantar árvores ao contrário dos adultos só as destroem, criando um momento de reflexão sobre a importância das novas gerações no futuro e do melhoramento da sociedade que pode ser significativa através de uma correta educação;



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 26 - Capa da revista *Renovação* n.º 3

Renovação – N.º 3 – Capa ilustrada por Pedro da Silva (01 de agosto 1925)

Temática: Representação ilustrada de um dos artigos redigidos por José Maria Ferreira de Castro – “Do sortilégio da distância ao encanto de viajar”. Durante o artigo, o autor redige sobre a importância da viagem para saciar a curiosidade humana: a exploração de diversas culturas e civilizações e crítica, essencialmente, o encerramento do homem na sua própria cultura, por não ter possibilidades de viajar.

Esta capa defende que os povos também têm necessidades prazerosas e necessita de explorar o mundo para crescer socialmente e como indivíduos - ou seja recusa deixar este “privilégio” para as classes mais favorecidas.

Análise gráfica: A ilustração na sua extensão é associada a este parágrafo contido no artigo: “Contemplar paisagens distantes, imersas, num encanto ignorado e floridas sob um sol estranho... Ouvir a música das ondas, em seu eterno cântico de rebeldia...Singrar os mares longínquos, que a superstição do homem preterito povoava de monstros fabulosos e que a inteligência do homem contemporâneo transformou num elemento de riqueza...”.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 27 - Capa da revista *Renovação* n.º 4

Renovação – N.º 4 – Capa ilustrada por Roberto Nobre (15 de agosto 1925)

Temática: A ilustração representa na sua totalidade uma analogia ao artigo redigido, na página 8/9, intitulado de “Árvore- O encanto das paisagens”.

O artigo tem como temática principal a proteção da natureza, tanto no mundo como nacionalmente, mencionando o pinhal de Leiria, a beleza das florestas e das paisagens, a aproximação do homem à natureza e também a utilidade e a estética imbatível do verde florestal.

Análise gráfica: Existe pela primeira vez, uma delimitação óbvia entre o título e a ilustração que não existia até então.

Na ilustração podemos observar uma figura representada por um homem que aparenta estar a semear. A semente tem vários significados, mas tendo em conta o artigo referido nas páginas deste número, podemos concluir que existe a vontade de refletir a importância de novas plantações, com o intuito de proteger a natureza. Também pode ter um duplo significado de semear boas intenções para o crescimento de uma nova geração e um mundo melhor e mais propício à vida do operário.

O facto de existir um sol radioso no fundo da gravura remete-nos a num novo amanhecer e mudanças que este iria trazer.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

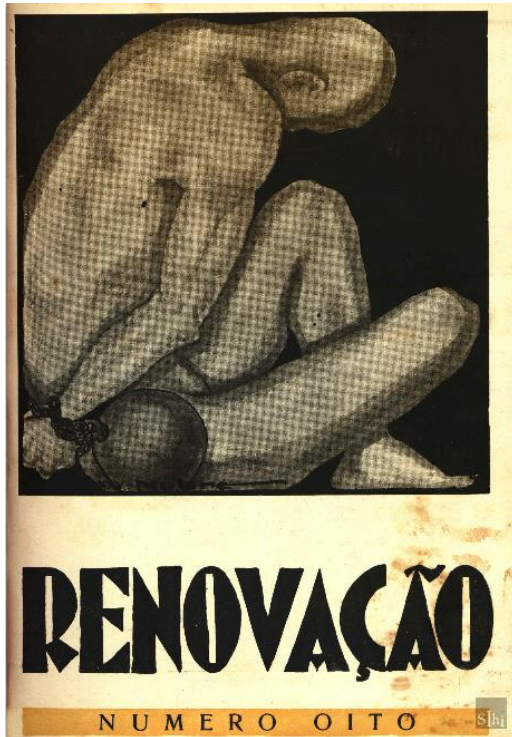
Figura 28 - Capa da revista *Renovação* n.º 7

Renovação – N.º 7- Capa ilustrada por Rocha Vieira (01 de outubro 1925)

Temática: A capa número 7 está associada a um artigo sobre os “Trabalhos agrícolas-Esforço exaustivo do camponês”, que resumidamente trata de relatar o trabalho árduo do camponês, o sofrimento e a violência física do labor agrícola, o horário de trabalho prolongado e o labor intenso, os míseros salários e a situação de sujeição que o camponês necessita de enfrentar para sobreviver.

Análise gráfica: A ilustração é representada por um homem agricultor, o tema principal do artigo já mencionado anteriormente, que pretende glorificar esta profissão que durante esta época era subjugada e mal paga.

O autor da gravura coloca bastante importância à expressão facial, que tal como no artigo refere, o camponês é um mísero homem que nunca pôs um pé num museu ou usufruiu de qualquer gosto, e mesmo sabendo o quanto no seu lar existe e governa a pobreza ainda vários comerciantes afirmavam que ganhavam demais. Isto tudo pode ser visto no rosto desta ilustração, tanto o sofrimento como a servidão vivida por este.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 29 - Capa da revista *Renovação* n.º 8

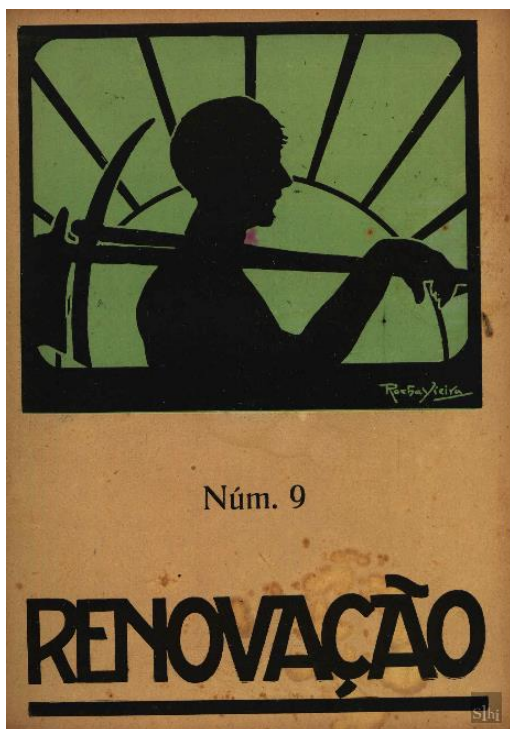
Renovação – N.º 8 – Capa ilustrada por Roberto Nobre (15 de outubro 1925)

Temática: Ao longo deste número existe a sistemática menção da liberdade humana e a constante luta pelos seus direitos, contendo artigos sobre o pensamento de vários filósofos, assim como: Elysée Reclus, Sócrates, Max Stirner e Friedrich Wilhelm Nietzsche.

É dada uma grande importância ao conceito de individualismo e na busca da crença de que a libertação humana só pode ser alcançada através da solidão do indivíduo.

Análise gráfica: Está representada na ilustração de Roberto Nobre, um indivíduo encoberto na escuridão, enclausurado e de mãos presas que nos faz remeter a uma frase do artigo “O papel da aguia na filosofia” de Ferreira de Castro que diz: “O homem que está só, é um homem que está melhor” citando Ibsen. Quanto a isto podemos perceber que a gravura exibida nesta publicação defende esta filosofia, que afirma que só a partir do individualismo é que o ser humano consegue atingir um nível de distinção e aprendizagem único.

Existe o medo do isolamento humano, mas se essa mesma solidão nos trazer uma melhor compreensão do mundo, não existe motivo algum para a temer, mas sim usufruir desses momentos para obter um espírito livre.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 30 - Capa da revista *Renovação* n.º 9

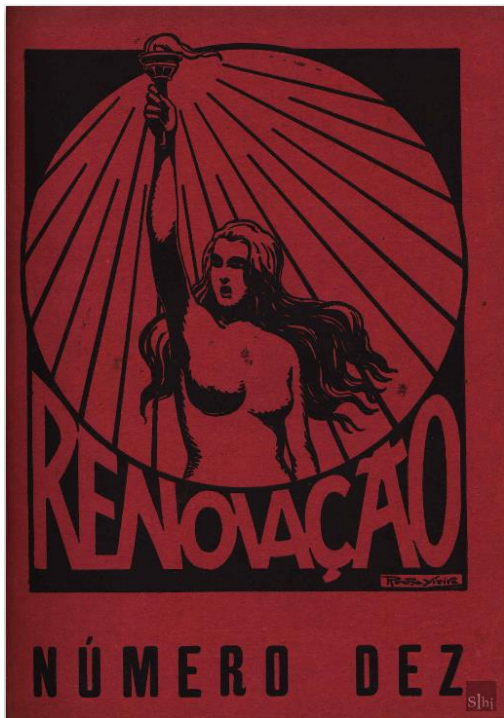
Renovação – N.º 9 – Capa ilustrada Rocha Vieira (01 de novembro 1925)

Temática: Existe uma relação entre o conteúdo da capa com um dos artigos redigidos no n.º 9 da revista, intitulado de “A sinfonia do Outono”, durante as páginas 16/17, que trata da chegada da estação do Outono e a renovação: uma chegada que cria expectativas, a esperança numa vida diferente e na sua melhoria, a renovação do indivíduo e a analogia com o Outono.

Análise gráfica: É mais uma vez retratado na gravura a presença do operário como figura principal, em contraste com o fundo representado por um “sol”, conhecido por ter o significado simbólico de orgulho e patriotismo. A representação deste símbolo é frequente nas capas da revista *Renovação*, que pode revelar o sentimento de glorificação do homem trabalhador.

Conforme a analogia feita entre a renovação das vidas populares e a chegada do Outono, podemos perceber a ânsia do povo para uma mudança, a sede de um mundo mais justo para os pobres e o nascer de uma nova esperança, que como o autor diz, esta estação não representa a morte, mas sim um pronunciado da vida.

As inquietações sobre um novo período das suas vidas são acolhidas pela vontade de mudança e o agricultor assim como espera o melhor para o seu cultivo anual, o povo também deve erguer a cabeça mais uma vez e acreditar numa renovação que virá se continuarem a lutar como sempre o fizeram.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

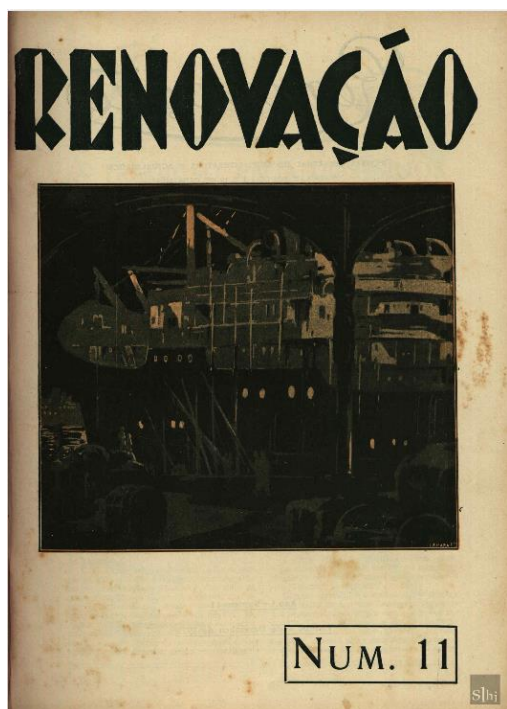
Figura 31 - Capa da revista *Renovação* n.º 10

Renovação – N.º 10 – Capa ilustrada Rocha Vieira (15 de novembro 1925)

Temática: Mais uma vez, a revista *Renovação*, vê-se obrigada a interferir nas injustiças políticas que afetam o país, tendo esta capa como temática principal a denuncia dos apontamentos das eleições em Lisboa.

Análise gráfica: O tema que inspirou esta capa foi o dia de voto de um popular nas eleições legislativas de 9 de novembro de 1925: a falsa e fantasiosa soberania popular exercida nas urnas ocasionalmente, o conservadorismo do eleitor republicano, opositor do sufrágio feminino, o engano perante as semelhanças das listas da esquerda e da direita; os assaltos policiais às urnas de voto.

Estes casos, eram gravemente condenados pela revista, e por este mesmo motivo, resolveram mais uma vez representar a figura feminina em forma de protesto pelas injustiças políticas e um modo de afirmar que estes eventos deveriam cessar, nem que fosse com a ajuda desta publicação através de um texto irónico sobre o assunto.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 32 - Capa da revista *Renovação* n.º 11

Renovação – N.º 11 - Capa ilustrada Câmara (01 de dezembro 1925)

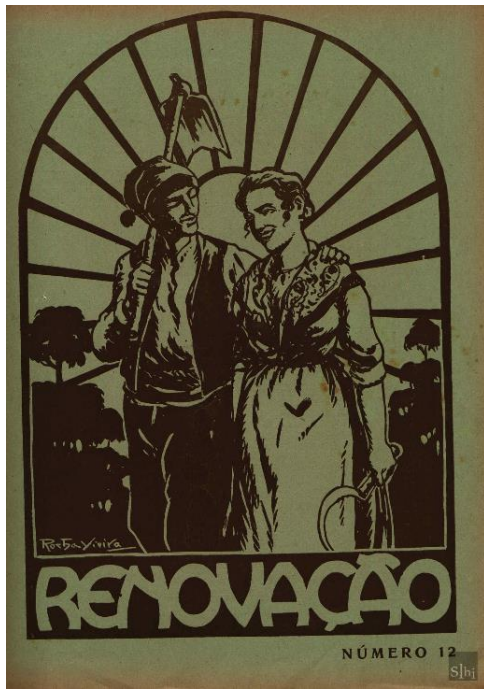
Temática: A temática da ilustração contida na capa n.º 11 têm relação direta com um artigo contido numa das páginas desta publicação, chamada de “Viajando através dos tempos: Para a Liberdade dos Transportes” de David de Carvalho (1899-1985).

Este artigo fala sobre a história social dos transportes: a importância da vontade emancipadora e libertadora da humanidade, conflituando com a natureza para melhorar o seu bem-estar. Da escravatura da berlinda até ao automóvel privado, a história dos meios de transporte é marcada pela desigualdade entre o povo e a burguesia. E o surgimento do avião como futuro transporte de privados.

Análise gráfica: A gravura representa, um dos meios de transportes mencionados no artigo, este que facilitou o transporte marítimo.

Este artigo fala de temas como a servidão, que o povo vivia quando os transportes eram as berlindas e a liteira. Este tipo de transporte que precisava do homem para o carregar.

Com a evolução destes meios, estes foram incluídos a todo o tipo de pessoas, sendo que, o privilégio das classes sociais altas foram dissipados.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 33 - Capa da revista *Renovação* n.º 12

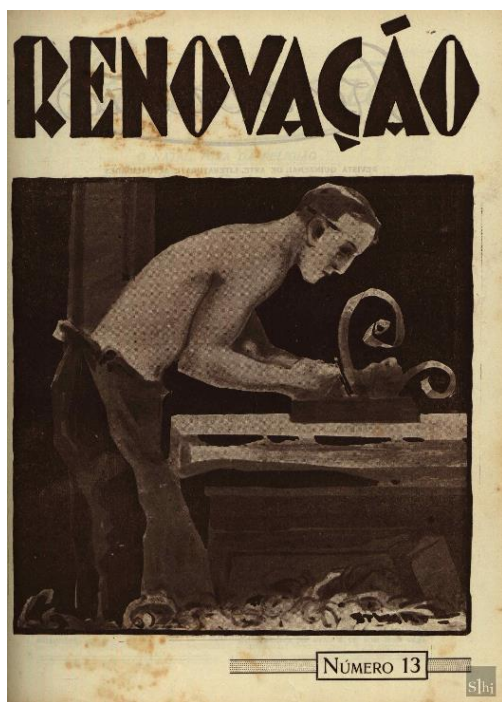
Renovação – N.º 12 - Capa ilustrada Rocha Vieira (15 de dezembro 1925)

Temática: A temática desenvolvida no número 12 da revista *Renovação*, é novamente relacionada com um artigo sobre a analogia entre a estação do ano e a vida do operário- O artigo é intitulado de “As flores e os frutos de Inverno”, redigido por Ferreira de Castro durante as páginas 4/5.

Este artigo fala sobre o Inverno como representação da dor e do sofrimento dos pobres: a pretensa desolação que chega com o Inverno, a penúria e as desigualdades sociais são realçadas com o tempo cavernoso, a diferença entre a família burguesa e a operária, sendo que aquela paira sobre o sofrimento desta.

Análise gráfica: Em relação à capa n.º 12 da revista *Renovação*, existe a representação de um casal agricultor, onde novamente o ilustrador enaltece a presença da figura de um sol no fundo da sua gravura, simbolizando a importância desta classe para um país.

Assim como o autor diz, o Inverno poderia ser considerada uma estação de uma beleza e encanto imaginável, e assim como as árvores levantam os seus galhos desfolhados para o céu, o povo consegue se manter erguido ao longo da estação, mesmo com os seus corpos tirlintando ao frio, crianças com os seus corpos gélidos pelas ruas e as suas mães numa tristeza profunda por não terem nem sequer farrapos para os cobrir.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

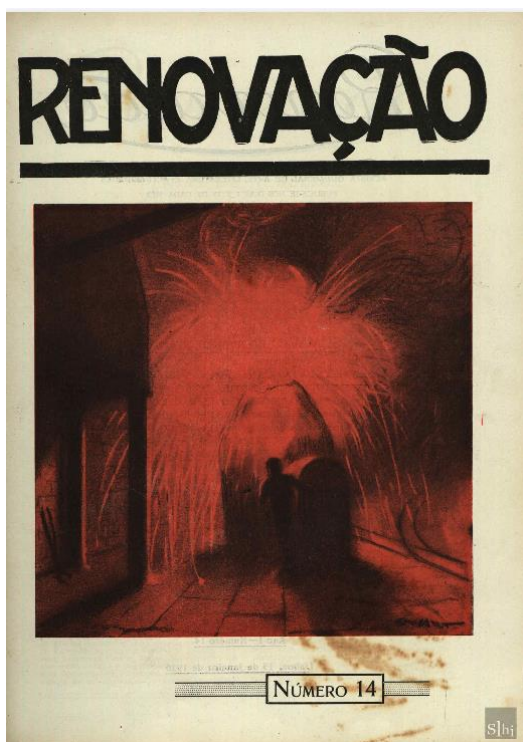
Figura 34 - Capa da revista *Renovação* n.º 13

Renovação – N.º 13 – Capa ilustrada Stuart Carvalhais (1 de janeiro 1926)

Temática: A temática à qual teve inspiração a capa de Stuart Carvalhais, é mais uma vez relacionada com o trabalhador, e com artigo durante as páginas 10/11, intitulado de “O balanço dum ano... que não teve juízo nenhum”. Este artigo fala sobre a avaliação do ano de 1925 e expectativas para o novo ano de 1926: o ano de 1925 demonstrou ser igual a todos os outros, com uma contínua exploração do homem pelo homem, violência policial e autoritarismo secular e religioso, a perspectiva de agravamento das condições de vida do proletariado em 1926.

Análise gráfica: Na gravura de Stuart, existe a presença de uma figura operária, num ambiente mais escuro, sem expressão alguma, representando o dia a dia deste tipo de trabalhador e enaltecendo o seu trabalho pela quantidade de serrim encontrado a seus pés. Podemos relacionar este retrato com o artigo sobre a avaliação de um ano e previsão de outro, porque apesar da luta constante, a exploração do homem operário permanece e mesmo este vivendo na constante pobreza, continuará sempre a trabalhar para pelo menos sobreviver na sociedade que não ia mudar tão rapidamente.

“A vida é cara, os salários são escassos o trabalho é duro? Que lhe havemos de fazer? Ter paciência! O estado rouba, o patrão explora, o polícia bate? Ora!...mais um bocadinho de paciência!” – é assim que a revista retrata o ano de 1925 neste artigo, nada muda, as injustiças são múltiplas, os que tem poder continuam com poder, e os pobres operários é lhes pedido paciência perante esta situação.”



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 35 - Capa da revista *Renovação* n.º 14

Renovação – N.º 14 – Capa ilustrada Stuart Carvalhais (15 de janeiro 1926)

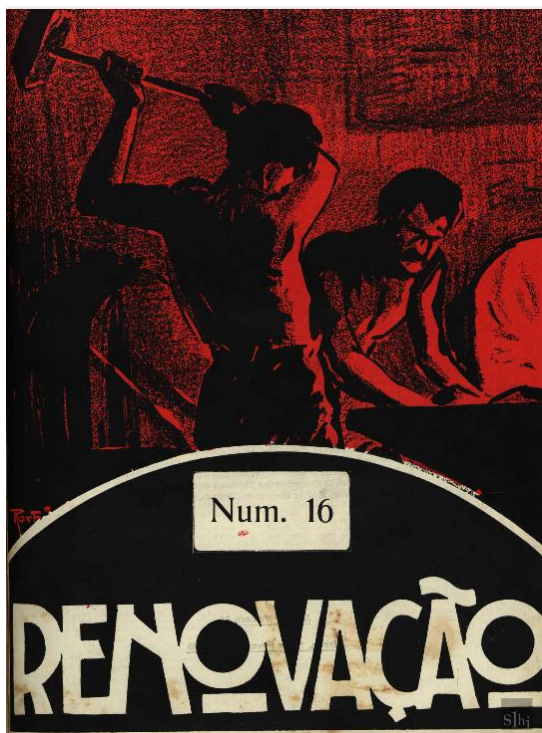
Temática: O trabalhador como temática principal da revista *Renovação*, é mais uma vez caso de inspiração para a capa n.º.14 da mesma.

Mais uma vez é mencionado um artigo sobre a miséria vivida por um povo no conto intitulado de “Sonho de uma noite de Inverno” de Eduardo Frias, durante as páginas 14/15.

O artigo fala sobre o desespero da vida miserável do indivíduo: o cansaço, a fome e a miserável vida de um desgraçado, o temor da solidão e o fascínio com a morte, a vontade de desistir e morrer, o retorno à realidade e à consciência.

Análise gráfica: É retratada na gravura um homem fogueiro, onde o artista enaltece as chamas e faíscas saídas do fogão, para dar a perceber o perigo deste tipo de trabalho.

O conto de Frias, fala sobre a miséria, o desespero, a fome e o constante medo vivido pela classe pobre, que são expostos a condições tenebrosas durante as suas vidas e obrigados a trabalhar na escravidão, esperando que a morte os leve.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 36 - Capa da revista *Renovação* n.º 16

Renovação – N.º 16 – Capa ilustrada por Rocha Vieira (15 de fevereiro 1926)

Temática: A temática seguida para a execução desta capa, segue neste número um propósito diferente, homenageando como sempre o operário, mas agora inspirada numa entrevista feita por Alfredo Marques, ao longo das páginas 10/11/12, intitulada de “Uma tribo de polacos caldeiros”.

A entrevista fala sobre a chegada de uma tribo de polacos caldeiros a Lisboa: entrevista no acampamento dos nómadas polacos, a aparente miséria do acampamento contrasta com a perícia do seu trabalho, as boas relações com os operários portugueses, o sistema de relações socioeconómicas baseado no comunismo primitivo.

Análise gráfica: Na gravura de Rocha Vieira podemos identificar um conjunto de operários relacionados com a fabricação e soldagens, marcados pela dificuldade e exigência do trabalho.

Mesmo sendo um regime comunista operário, existe neste acampamento alguns fatores a serem lisonjeados, assim como, a preocupação com o estado de saúde do trabalhador, a igualdade entre operários e a igual paga para todos os intervenientes.

Condições que não se apresentavam nas fábricas portuguesas eram no acampamento polaco uma das suas maiores prioridades- Um trabalho tão exigente e miserável deve ser sempre homenageado, independente da origem dos seus operários ou dos diferentes regimes defendidos.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)
Figura 37 - Capa da revista *Renovação* n.º 17

Renovação – N.º 17 – Capa ilustrada (01 de março 1926)

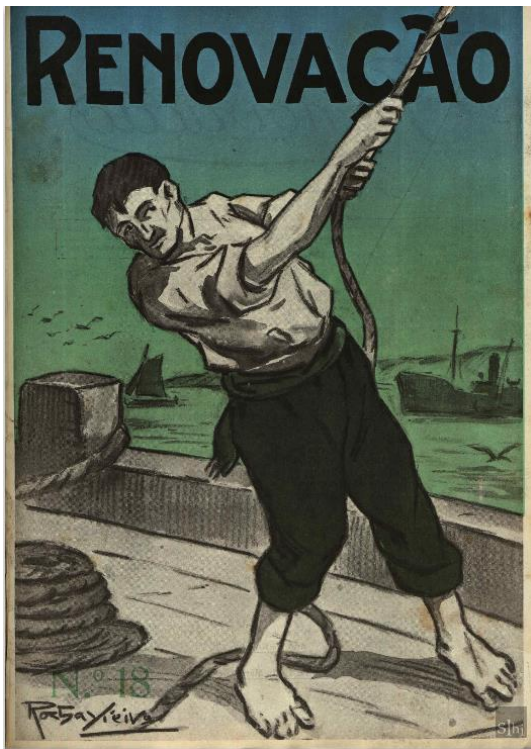
Temática: A capa do número 17 está diretamente relacionada com um artigo redigido por Francisco José de Rocha Martins, intitulado de “A “Icária” dos trabalhadores”, ao longo das páginas 7/8.

Resumidamente, o artigo fala sobre o projeto político do movimento icariano: fundada por Cabet, o projeto assentava num socialismo de Estado, desenvolvimento da ideia de “liberdade positiva”, sendo que a autonomia do indivíduo é alcançada pela igualdade económica, a efetivação do projeto nos EUA, a criação de cisões dentro da comuna, a divisão entre partidos e o fracasso da experiência.

Análise gráfica: Na ilustração da capa, está representada uma figura de um trabalhador, de braços abertos, simbolizando a chegada de uma nova era, uma era de justiça que vai restabelecer a liberdade do ser humano, e por esse mesmo motivo temos as algemas da figura principal da gravura partidas.

A ilustração remete-nos para uma sensação de esperança num futuro que poderá chegar proximamente, num mundo que finalmente a igualdade vai prosperar.

Mesmo a teoria de Cabet ter sido rejeitada, é um exemplo a ser seguido, por isso é retratado na gravura tanta esperança, mais movimentos socialistas surgirão e cada vez mais operários se irão revoltar.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 38 - Capa da revista *Renovação* n.º 18

Renovação – N.º 18 – Capa ilustrada Rocha Vieira (15 de março 1926)

Temática: Durante o número n.º 18 existe várias menções sobre a miséria humana, e conseguimos perceber que esta publicação rodeava a temática do ser humano como um ser lutador e valente, que apesar de todas as peripécias conseguia ainda se manter em pé para lutar pelos seus direitos.

Análise gráfica: Rocha Vieira, retrata nesta ilustração um operário que trabalha num porto, uma figura frágil e simples que apesar do seu tamanho, consegue sozinho atracar os diferentes barcos que aparecem no seu local de trabalho.

Um trabalho árduo, que exige muita força, e que pelo aspeto desenvolvido pelo artista, é algo que acaba com a vitalidade de qualquer homem.

“As pessoas fracas formam as tropas ligeiras dos exércitos dos maus.” (Champfort citado em Revista *Renovação*, p. 5)

Assim como Champfort, Rocha Vieira quis retratar o povo como um dos peões para os mais ricos, aqueles que são indispensáveis para a sociedade evoluir e um país ganhar até guerras, mas também aqueles que seriam os primeiros a serem dispensados pelo seu próprio país.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 39 - Capa da revista *Renovação* n.º 19

Renovação – N.º 19 - Capa ilustrada Stuart Carvalhais (01 de abril 1926)

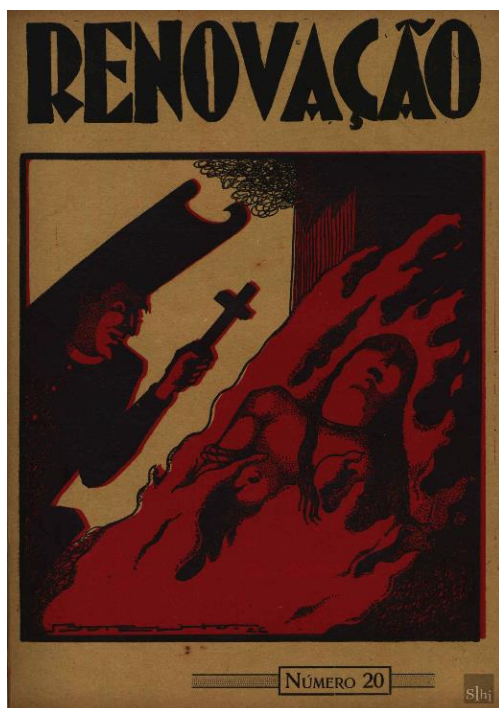
Temática: A temática aqui estabelecida é o retrato do operário pelo ilustrador Stuart Carvalhais, que vive a criar a sua arte em volta da beleza que caracteriza a miséria do povo e por este mesmo motivo existe um artigo referente ao autor na página 8/9 redigido por Mário Domingues.

Este artigo fala sobre Stuart Carvalhais e o seu internamento na Casa de Saúde do Telhal: a aplicação da demência e loucura na sua obra artística; a alienação do real e a sensibilidade para tornar as suas ilustrações obras que refletem a loucura (tão racional) da sociedade.

Análise gráfica: Stuart Carvalhais, autor da gravura representada na capa n.º 19, foi durante esta época internado numa psiquiatria, tendo sido identificado por muitos como louco, e por este mesmo motivo e pela sua colaboração longa com a revista, durante este número existe a revelação da sua experiência e o quanto essa o ajudou na expressão gráfica.

Stuart durante as suas 4 participações nas capas da *Renovação*, retrata somente o operário, homenageando o seu trabalho e o esforço e a tristeza que estes passam e os poucos direitos que usufruem.

O ilustrador tenta retratar a beleza trágica das vidas destes homens e mesmo este sendo considerado louco refere-se a essa mesma loucura como o elo de conexão com a razão na sua mais sólida forma.

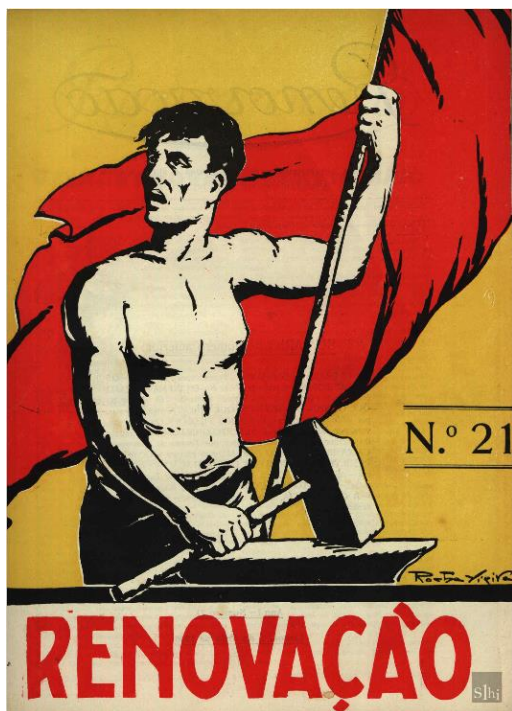


Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)
Figura 40 - Capa da revista *Renovação* n.º 20

Renovação – N.º 20 – Capa ilustrada Carlos Botelho (15 de abril 1926)

Temática: A temática retratada na capa n.º 20 da revista *Renovação* é sobre a anti-religiosidade, inspirada no artigo da página 16/17, “Superstições em Portugal” redigido por Ladislau Batalha. Este artigo fala sobre vários assuntos relacionados com a religião, assim como: a apropriação da Igreja de alguns rituais e mitos ancestrais, a utilização das lendas como forma de amedrontar as populações e de controlar politicamente o povo, por parte dos cristãos, os castigos e as penas religiosas; a diluição do misticismo em superstições, comparação entre os cultos europeus e os cultos egípcios, as perseguições religiosas pela Igreja e pelos impérios cristãos, a perversão dos interesses espirituais e a participação em inúmeras guerras.

Análise gráfica: Existe a retratação em gravura, de uma das conspirações mais idealizadas pela religião cristã, sendo esta, a queima e perseguição das “bruxas”, que não passavam de seres humanos como todos os outros, que muitas vezes só tentavam lutar pelos seus direitos e sofriam uma morte aterradora. Um dos princípios que a revista rejeitava desde logo, era a crença na religião cristã, por ser algo que tanto mal criou, tantas mortes suscitou ao longos de vários séculos e nunca usufruírem de uma punição digna por toda a maldade executada neste mundo. Por este motivo, vemos na ilustração os papéis invertidos, onde sobressai desde logo que o papel de vítima pertence, à aclamada bruxa e o papel de “mau da fita” pertence e sempre pertenceu aos olhos da revista à religião, que se aproveitou de todas as calamidades e alimentou superstições falsas para dominar o povo ao longo dos 82 anos.



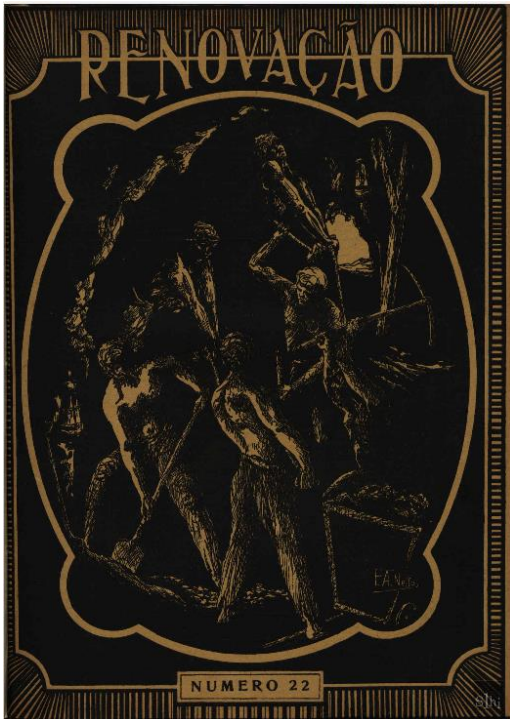
Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 41 - Capa da revista *Renovação* n.º 21

Renovação – N.º 21 - Capa ilustrada Rocha Vieira (01 de maio 1926)

Temática: A temática que deu inspiração à conceção da capa de Rocha Vieira, foi, a reminiscência do 1 de maio, homenageado num artigo de Ladislau Batalha, na página 14/15, intitulado de “O socialismo que passou”. Este artigo homenageia a evolução do movimento socialista português e as principais causas para o fim dos festejos do Primeiro de Maio: relembra-se o cortejo de 1897, onde o operariado e todos os socialistas desfilavam em Lisboa, suportados pela imprensa burguesa, tornada socialista no dia do trabalhador; o fim das romarias com a divisão do movimento socialista (comunista, anarquista, sindicalista e coletivista), consequência da evolução dos conhecimentos do operariado, a importância das diversas facções socialistas para o progresso da humanidade e para a emancipação do trabalhador.

Análise gráfica: É importante numa revista como a *Renovação*, que se intitula como uma publicação que se centra na libertação operária e tem como objetivo ajudar alcançar a justiça social do povo português, homenagear estas datas importantes. Na ilustração, existe a retratação de um trabalhador que carrega consigo uma bandeira, que simboliza a manifestação, onde um povo se uniu, onde o operário foi ouvido e onde as diferentes faixas sociais se juntaram, e com esta memória em mente, a gravura quer deixar uma mensagem curta e clara aos seus leitores, sendo esta, “Saúdemos com respeito o passado donde viemos e confiemos no futuro radiante e glorioso que a consciência coletiva da humanidade vem de há muito propagando e está prestes a atingir.” (Ladislau Batalha⁸³ citado em Revista *Renovação*, p. 14)



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

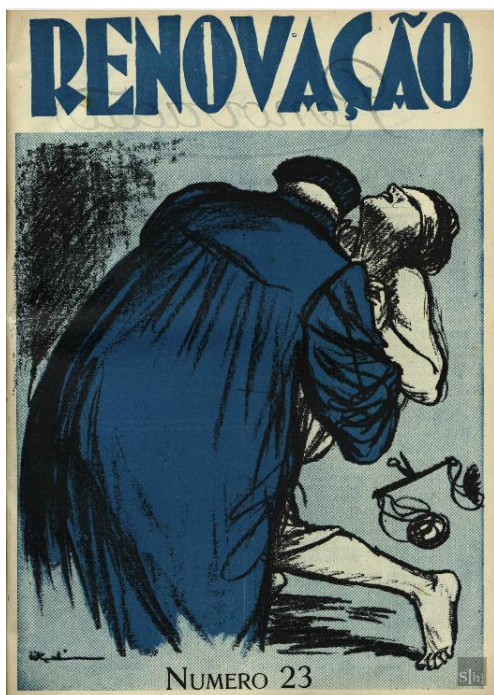
Figura 42 - Capa da revista *Renovação* n.º 22

Renovação – N.º 22 - Capa ilustrada por Frederico Augusto Neto (15 de maio 1926)

Temática: A temática que Frederico Neto utilizou como inspiração para a realização desta ilustração, está relacionada com o artigo da página 16/17 de Eduardo Frias, intitulado de “A arte revolucionária: Um grande pintor dos oprimidos”. Este artigo sumariamente fala sobre a arte revolucionária de Théophile Steinlen: a representação dos oprimidos e dos desgraçados; o afastamento da representação da sociedade burguesa e a alusão à sociedade dos miseráveis, o sentimento de revolta que se desenvolve na sua obra artística.

Análise gráfica: A gravura de Neto, representa os mineiros, mais um retrato do homem trabalhador que tanto era ignorado na sociedade da década de 20 e lisonjeado pela revista uma e outra vez.

Esta ilustração é associada ao artigo sobre o artista Steinlen, porque assim como ele, que viveu a sua vida a retratar e documentar a história da miséria contemporânea nos seus desenhos, com o objetivo de fazer o mundo se aperceber da miséria a que submetiam o povo, a revista e os seus ilustradores tentavam também a partir destas gravuras empregues nas suas capas, mostrar a força que o povo e o operário têm. Assim como Steinlein, que nas suas gravuras a cor que reinava era o negro, sujeito da tristeza, a fome, o desespero e a pobreza, Neto retrata também na sua ilustração os vários mineiros num fundo todo negro, em prol de simbolizar as condições e vidas miseráveis que eles estão sujeitos diariamente.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 43 - Capa da revista *Renovação* n.º 23

Renovação – N.º 23 – Capa ilustrada (01 de junho 1926)

Temática: A temática abrangida no penúltimo número da revista *Renovação*, teve inspiração num dos artigos redigidos na publicação, denominado de: “A ideia evolutiva de justiça” por Ferreira de Castro, nas páginas 3/4. O artigo falava sobre o conceito de justiça e o seu processo de evolução: do domínio e da vingança pela força a uma ideia que contempla a conciliação entre o sentimento impulsivo e o pensamento racional, a rejeição da ideia de justiça burguesa, incapaz de resolver a questão social e as profundas desigualdades materiais.

Análise gráfica: Sendo que a capa n.º 23, foi a última capa ilustrada da revista, conseguimos perceber o impacto que a ilustração adquire, contendo uma cena violenta retratada, que pretende chamar atenção dos seus leitores para as injustiças sociais que o povo passa diariamente.

A gravura representa a imagem da justiça a ser completamente dominada pela figura burguesa, que como diz o autor, mesmo que exista uma evolução quanto à justiça e liberdade adquirida em retrospectiva com o passado, ainda estamos muito longe de ter alcançado a justiça que deveria estar empregue no presente, por esta ainda estar de olhos vendados e por causa do peso do ouro que fere a indomável balança, que absolve os poderosos e culpa aqueles que estão desprotegidos, como o povo.

As ilustrações contidas nas 24 capas da revista *Renovação*, têm três temas em comum, apesar de diferentes ilustradores, estes sendo: a homenagem feita aos diferentes operários, desde a representação do homem do campo até as gravuras retratando operários fabris; a liberdade, a representação da busca por um mundo melhor e a representação da luta constante pelas injustiças sociais; a exposição de vários fatores que violam as crenças da revista, assim como, a religião católica e as suas múltiplas crueldades e as variadas injustiças conduzidas por membros com estatutos sociais maiores;

A representação do conceito de luz e do sol é numerosa, símbolo da crença existente pela mudança, guiada pela luz da revista *Renovação* e pelas suas ideias, que pretendem unicamente extinguir as injustiças, e ajudar o povo a alcançar a liberdade tão desejada que lhes foi retirada, mesmo estes sendo parte da humanidade, assim como as classes superiores.

O homem, como já referido anteriormente, existe em maioria, como figura principal das capas da revista, sempre representado com um ar cansado, completamente devastado, parecendo em contínuo sofrimento, mas mesmo assim, cumprindo sempre o seu dever, com a cabeça erguida e com a esperança estampada no seu coração.

Os assuntos mais abordados nas capas das revistas são:

- A liberdade;
- O ensinamento dos ideais corretos;
- A natureza e o homem;
- A repreensão operária;
- A revolução política.

5.2-Análise gráfica das capas da revista *Renovação*

5.2.1-Estrutura gráfica

A estrutura gráfica, tem como base a presença do logótipo na capa, que se apresenta em variados números com diferentes *letterings* conforme o autor da ilustração. Existe a intenção de perceber se existe uma coerência entre a estruturado documento, o título da revista e a ilustração do respetivo número- Se não existir quer dizer que assim como o logótipo da revista que alterava o desenho da letra constantemente a partir do gosto do capista, isto também poderia acontecer com o modelo estrutural de cada publicação (Aires, 2006).

Neste modelo, existe a demarcação da estrutura da página (linha vermelha) em paralelo com a delimitação do logótipo (linha verde).

Após a análise conforme o modelo seguido, conseguiu-se separar as vinte e quatro publicações em cinco categorias diferentes, a nível da estrutura definida para a organização do texto (o título da revista).

Primeiro Modelo:



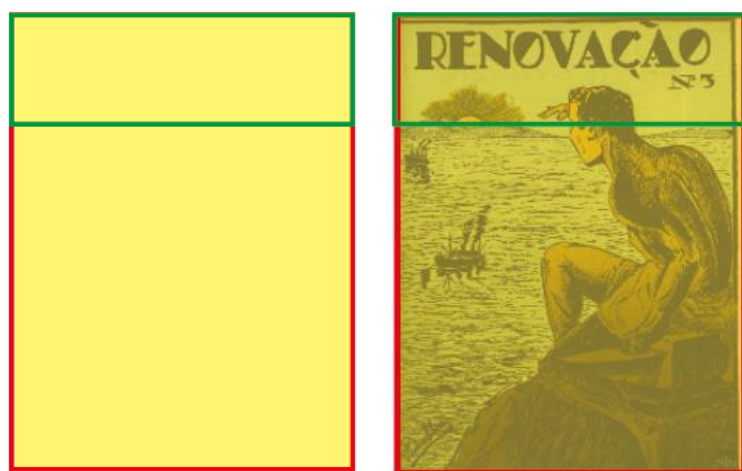
Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 44 - 1º Modelo da estrutura gráfica da revista *Renovação*

O primeiro modelo analisado, é fruto do número um da revista *Renovação*. E este tipo de estrutura é singular, não se repetindo nos números posteriores.

A estrutura da página é separada por margens do seu conteúdo (logótipo e ilustração), e no topo surge o título da revista disposto em sentido horizontal, centrado em relação à imagem da ilustração do autor Alonso.

Segundo Modelo



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

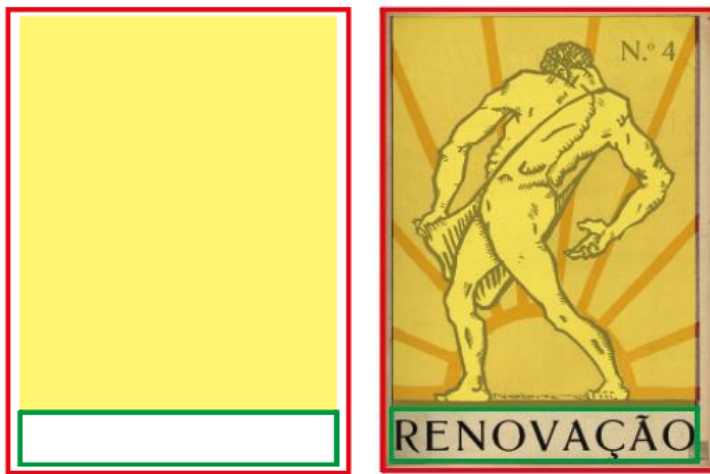
Figura 45 - 2º Modelo da estrutura gráfica da revista *Renovação*

O segundo modelo estrutural aqui exibido, é o modelo mais empregue pelos diferentes autores das capas da revista, num total de nove correspondências. Apesar da posição da ilustração se alterar conforme o autor, a localização do logótipo da revista encontra-se em todos os exemplos, composto em sentido horizontal, centrado e

colocado no topo da publicação.

Após uma experiência feita em 1945, concluiu-se que a maior parte do tempo a visão do público é focada na visualização do espaço designado pela metade de cima da estrutura (Houghton, 1987). Posto isto, conseguimos perceber que os ilustradores desta revista já tinham determinadas técnicas para atrair a atenção dos seus leitores, através da organização táctica da capa.

Terceiro Modelo:



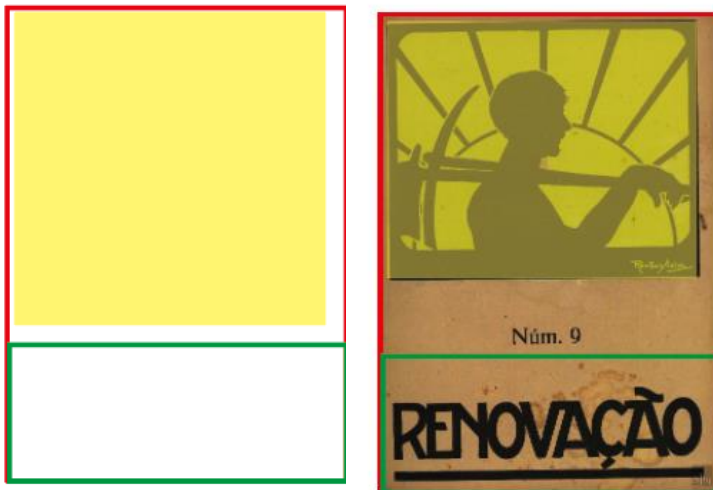
Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 46 - 3º Modelo da estrutura gráfica da revista *Renovação*

O terceiro modelo encontrado, corresponde à execução de duas capas por dois diferentes autores.

A estrutura difere-se em relação às outras, pelo facto do uso de margens e retângulos para enquadrar tanto a ilustração como o logótipo, que aqui está disposto na parte inferior da revista, em sentido horizontal, circunscrito por uma margem bem definida à sua volta.

Quarto Modelo:



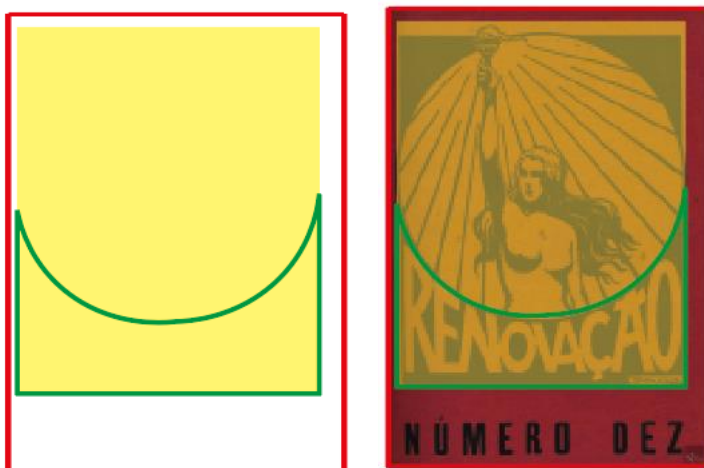
Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 47 - 4º Modelo da estrutura gráfica da revista *Renovação*

O quarto modelo exibido, tem uma estruturação semelhante ao segundo modelo, sendo a segunda estrutura mais eleita pelos autores das capas da revista *Renovação*, sendo utilizada num total de cinco vezes.

A ilustração se dispõe sempre de modo diferente, o logótipo da revista é disposto em sentido horizontal, centrado e colocado na base da publicação.

Quinto Modelo:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

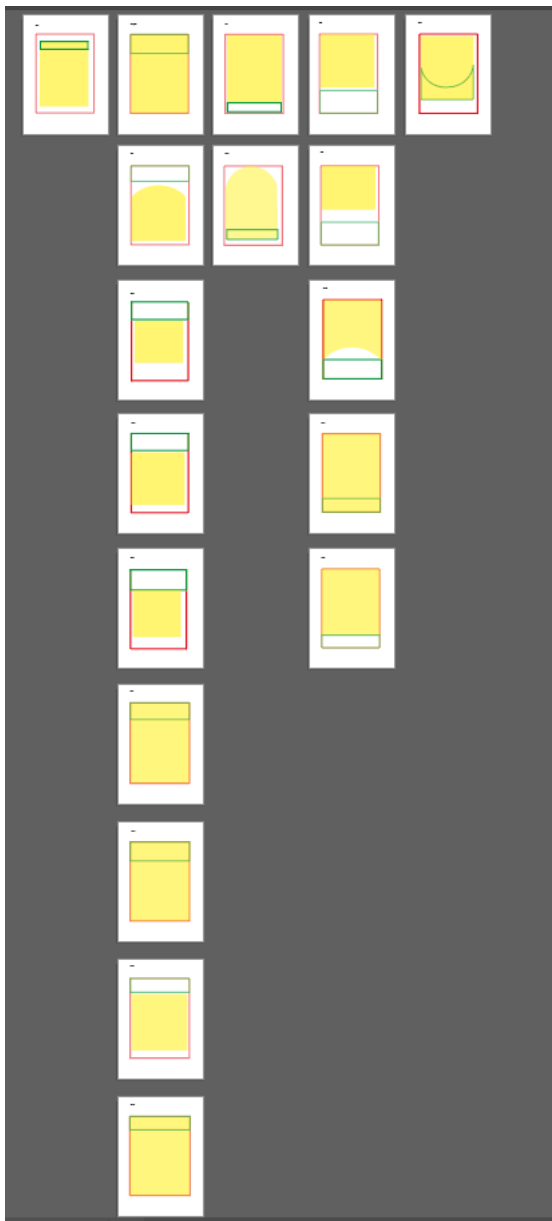
Figura 48 - 5º Modelo da estrutura gráfica da revista *Renovação*

O quinto, e o último modelo estrutural encontrado, corresponde unicamente à capa da revista número dez, elaborada pelo autor, Rocha Vieira.

Esta estrutura gráfica, destaca-se, pelo facto de demonstrar uma preocupação no enquadramento entre o logótipo e a respetiva imagem. Durante os vinte e quatro números, não existiu intenção de

fazer do título, parte integrante da ilustração contida na capa, como aqui se verifica.

O título da revista, representa-se contido dentro da ilustração, em sentido horizontal, disposto na base da revista, com uma pequena distorção da sua dinâmica.



Após a demonstração das diferentes estruturas gráficas obtidas, chegou-se a um total de cinco modelos base de estrutura gráfica.

O elemento da utilização das margens ou retângulos é utilizado unicamente em três capas, por diferentes ilustradores. A maioria dos títulos é distribuída no topo das capas da revista, centrado e em sentido horizontal.

O posicionamento da ilustração na capa difere de autor para autor. Porém, estas ilustrações apresentam-se, maioritariamente, enquadradas num quadrado.

A nível da composição da capa, conseguiu-se entender que existe a tendência da utilização de uma composição estática, ou seja, os elementos dominantes estão organizados sobre um eixo horizontal ou vertical. Segundo, David Dabner, este tipo de composição é considerada comum, e conhecida por garantir uma boa legibilidade e harmonia (Dabner, 2013).

Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 49 - Análise comparativa dos modelos da estrutura gráfica da revista *Renovação*

5.3- Análise cromática

“Desenhar, supõe a utilização de cores e, portanto, é aplicado a este, um conjunto de funções comunicativas. Na qual nem sempre têm uma relação direta com as cores tal como as vemos na realidade, mas sim com uma intenção expressiva e comunicativa do artista. A cor é considerada um elemento que pertence ao sistema gráfico, em igualdade com as formas, imagens, símbolos, tipografias e ícones.” (Costa, 2003, p. 57)

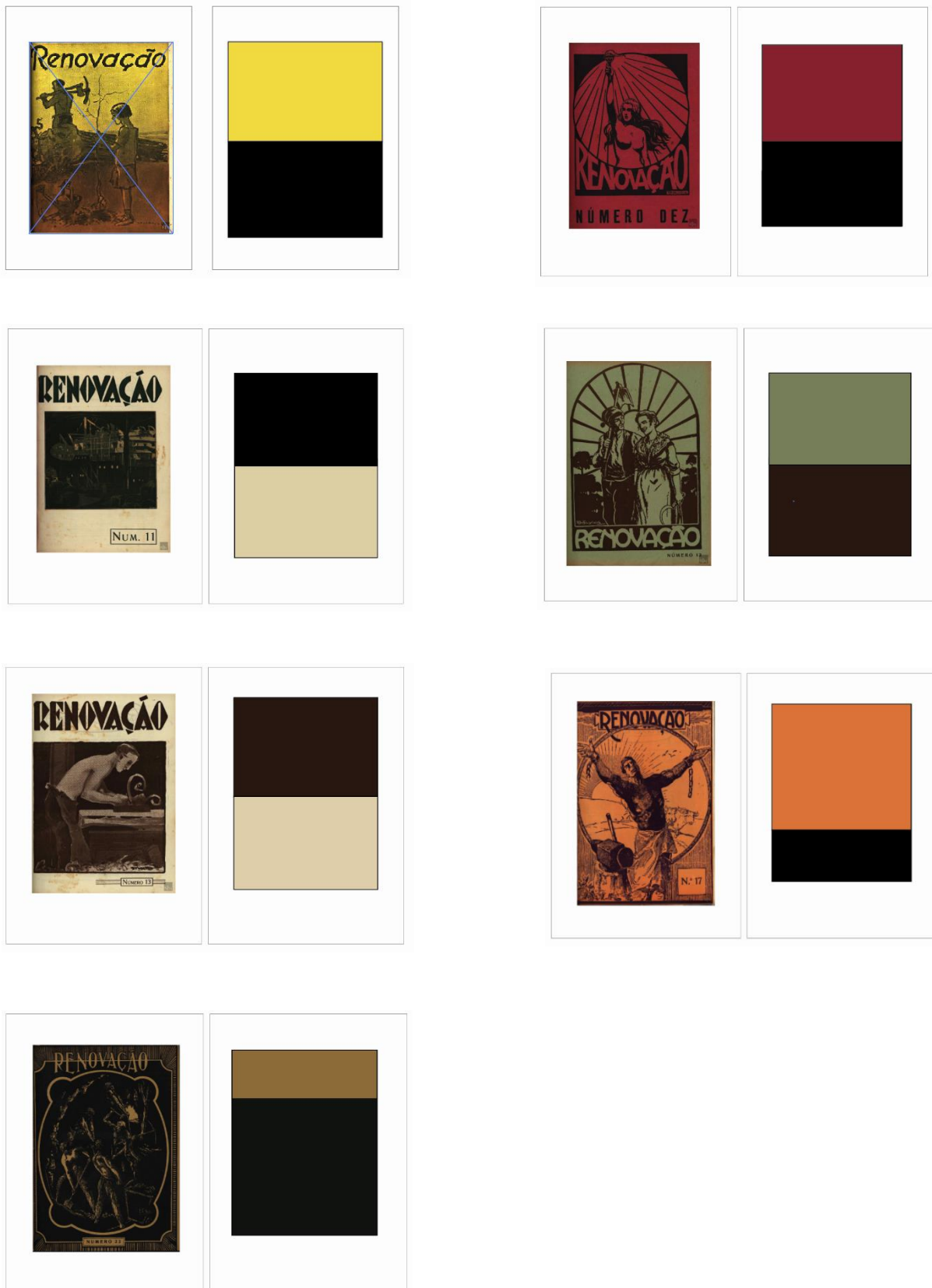
A cor diferencia-se em três maneiras: nomenclatura ou matriz, tom, saturação. A nomenclatura, refere-se ao nome genérico da cor- como por exemplo, vermelho, amarelo ou azul. Cada cor apresenta variações, desde a mais ténue (clara) para a mais escura (sombra). A este tipo de fenómeno é atribuído o nome de tom ou valor. Assim como o tom pode mudar numa determinada cor, a sua saturação também é um fator de variação, entre uma alta intensidade e uma baixa intensidade ou de brilhante para acinzentado. A cor também pode ser descrita pela sua temperatura e movimento. O espectro vermelho, pode parecer mais quente e próximo do observador e o espectro azul representar características como o frio e a distância (Dabner, 2013).

“Apesar da cor ter um grande efeito de atração, não é a razão da sua importância, mas sim o contraste que ela obtém- se a maioria das matrizes visuais fosse a cores, a zona monocromática iria atrair maior atenção.” (Houghton, 1987, p. 63)

A partir da análise feita sobre as teorias de diferentes autores sobre a cor, concluiu-se que a importância da cor é estabelecida através do contraste criado por estas. Por esse mesmo fator, foi executada um modelo cromático para perceber os diferentes tons utilizados nas capas da revista *Renovação*, permitindo então perceber se existe a intenção de provocar algum tipo de contraste e estudar ao mesmo tempo a simbologia de cada capa através das cores escolhidas no desenvolvimento da sua ilustração.

Para facilitar essa tarefa, foram divididas as capas pelo número de cores utilizadas na sua conceção, que foram determinadas como uma variação entre duas a quatro cores.

Duas cores:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 50 - Análise cromática das capas da revista *Renovação* com duas cores

Conseguimos perceber que a maioria das ilustrações que contêm unicamente duas cores, vive totalmente entre o contraste entre uma cor clara e uma cor escura, em que a escolha para a tonalidade escura é unicamente o preto.

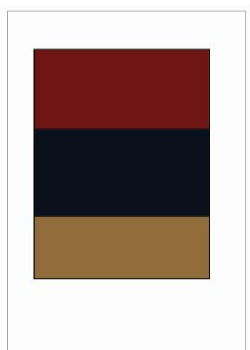
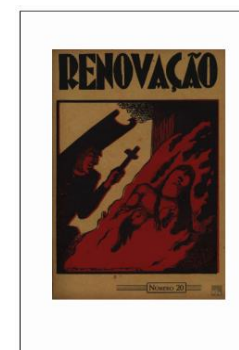
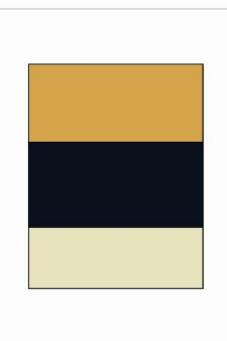
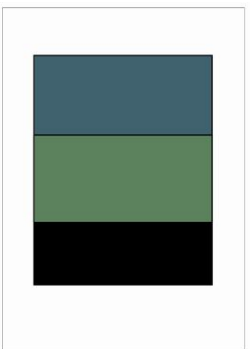
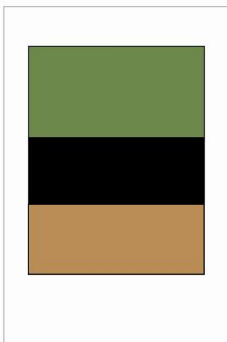
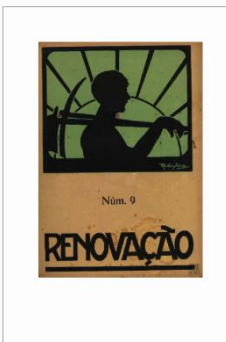
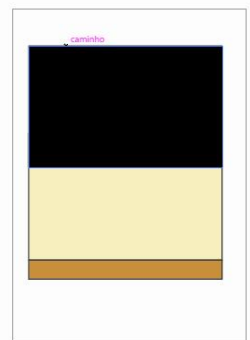
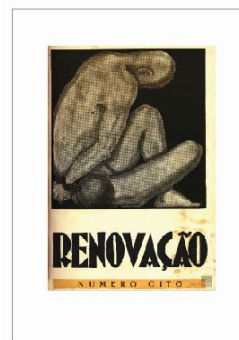
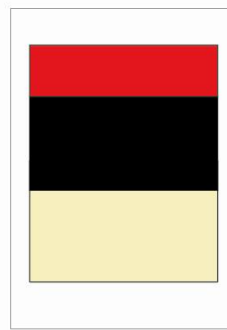
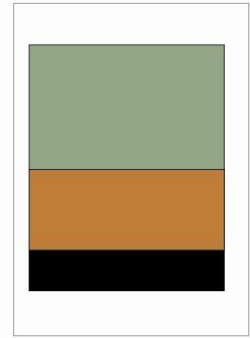
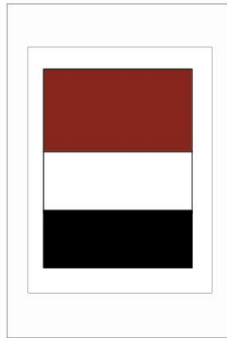
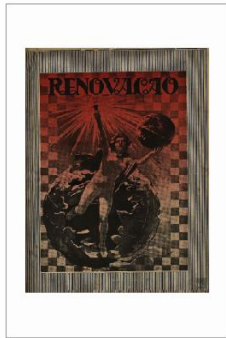
O preto é na maioria das vezes utilizada para representar as figuras das ilustrações, enquanto que a cor mais clara é atribuída ao fundo da capa, sendo que através deste contraste obtido pela diferença de tonalidades, o observador vai tender a ser atraído pelas linhas pretas das ilustrações.

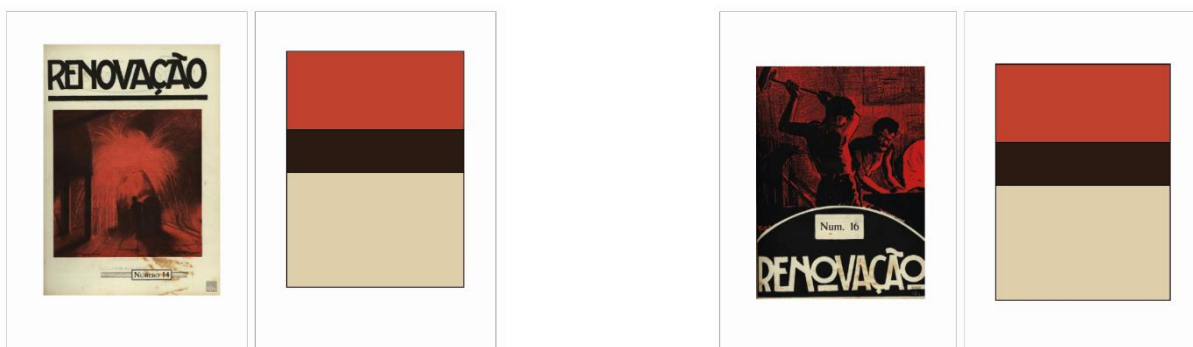
As cores utilizadas para o contraste com o preto são tons de amarelo, vermelho, branco, verde, laranja e dourado.

O vermelho, é aqui utilizado numa capa que tem como temática a denuncia das injustiças políticas e a luta por um mundo mais justo- esta cor é associada à paixão, à ira, à guerra e à força segundo Heller (2007). A tonalidade usada na revista n.º 10, representa a ansiedade e a tentativa de aproximação com o povo, para tanto a publicação como o público que a segue se unirem e mudarem a sociedade para melhor.

Apesar de maior parte das capas revistas têm os seus desenhos delineados a preto, na capa n.º 22, conseguimos perceber pela primeira vez a inversão dos papeis, em que o papel de cor de contraste é atribuído para a cor dourada e o fundo é colorido de preto.

Três cores:





Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

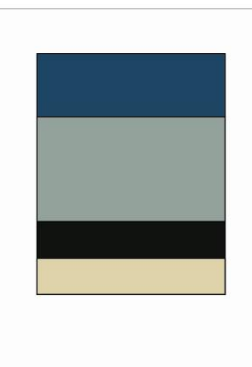
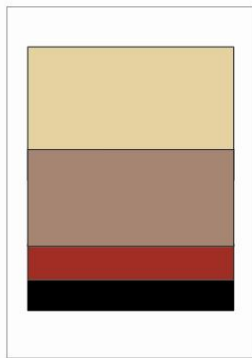
Figura 51 - Análise cromática das capas da revista *Renovação* com 3 cores

O preto é também utilizado em todas as capas que utilizam três cores, na delimitação das figuras ilustradas nas gravuras, o que permite uma melhor leitura em contraste com as diferentes cores escolhidas para o seu fundo.

Das dez revistas que usam a manipulação de três tons diferentes, sete delas usam para além do preto, o branco (espaço vazio) para demarcar algumas das finalidades da capa, assim como: margens ou título.

As cores utilizadas para além do preto e do branco, são o vermelho, amarelo, laranja, azul e verde.

Quatro cores:



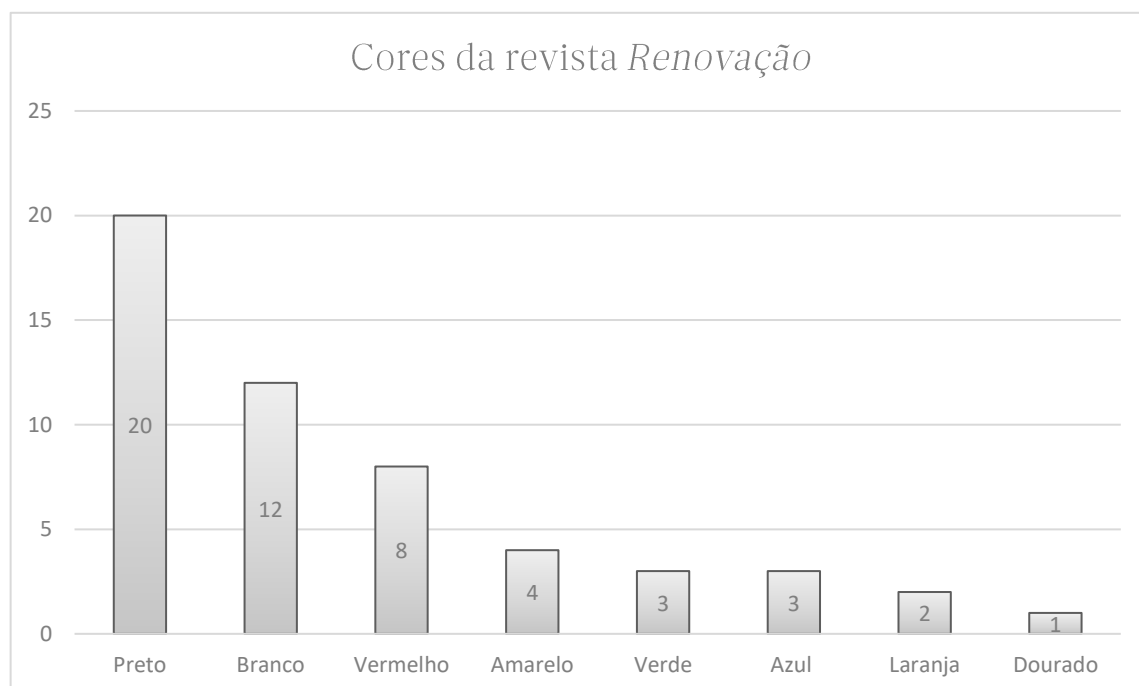
Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 52- Análise cromática das capas da revista *Renovação* com 4 cores

Existem 3 exemplares de capas da revista em estudo que contêm quatro cores visíveis. Mais uma vez o preto é utilizado em todos os exemplos, com a função de delimitação da figura ou sombra.

Duas das capas, variam entre tons diferentes da mesma cor principal, o vermelho ou o azul. Já a segunda capa apresentada, contém um maior contraste de cores. A cor que ocupa uma fração maior da imagem, é nestes casos, o tom usado para o fundo.

5.3.1-Cores com maior presença:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Gráfico 6 - Cores das capas da revista *Renovação*

Após a análise à presença das variadas cores nas capas da revista *Renovação*, conseguimos perceber que mesmo o preto e o branco serem as mais utilizadas.

A função destas é de delimitação de sombras ou da figura relevante da ilustração, no caso do preto, e no caso do branco, corresponde aos espaços brancos que constituem a ilustração, sendo que só tem o propósito de margem ou fundo.

Os restantes tons, são utilizados na criação de contraste, para enaltecer a figura principal da imagem ou impingidas como fundo.

5.3.2-Simbologia cromática

“A cor é mais do que um fenômeno ótico, mais do que um instrumento técnico.”
(Heller, 2007, p.18)

A cor é um elemento fundamental do desenho pela sua capacidade de provocar reações emotivas no ser humano. Por esse mesmo motivo, cada cor é descrita por um tipo de sentimento, assim como: frio, calor, relaxante, excitante. Sendo assim, a seleção da cor é um fator importante na ilustração ou desenho e deve-se sempre ter em conta as suas regras, conexões com cada cultura e significado da mesma (Ambrose & Harris, 2005).

A partir do gráfico nº 6, conseguiu-se obter o exato número de vezes que as cores se repetem na elaboração das capas da revista *Renovação*. A partir dos estudos feitos por Eva Heller e Gavin Ambrose, existe uma intenção de estudar cada cor empregue nas capas ilustrativas com a intenção e simbologia de cada cor.

VERMELHO

Conseguiu-se a partir deste estudo perceber que o vermelho foi a cor mais escolhida pelos ilustradores para representar as suas ilustrações. Segundo (Heller, 2007), o vermelho é uma cor ligada a sentimentos como amor, coragem, força, calor e desejo. Vários estudos também indicam que esta cor provoca a criação de adrenalina, que é uma substância conhecida por acelerar a respiração, o pulso e a pressão sanguínea (Ambrose & Harris, 2005).

A partir das temáticas das capas conseguimos identificar o significado da escolha desta cor para cada gravura. Das oito ilustrações, três delas estão ligadas a ideias de revolução política e mudança a nível dos direitos das classes mais baixas, ou seja, aqui o vermelho representa a ansiedade e o desejo de mudança.

As outras cinco ilustrações que resultaram da junção do vermelho, estão diretamente relacionadas todas com uma homenagem do homem operário, nestes casos a cor utilizada para representar o calor e a dificuldade que estes homens passavam diariamente.

AMARELO

A cor amarela, é utilizada quatro vezes. Segundo o estudo, o amarelo está hipoteticamente relacionado com sentimentos como o lúdico, a recreação, a jovialidade, o otimismo, o verão, a inveja, a avareza e a espontaneidade (Heller, 2007).

Duas das capas, utilizam o amarelo como fundo para representar assim como o vermelho, o calor e a dureza dos dias de trabalho do ser humano, sendo que esta escolha pode ser ligada com a representação do verão. As outras duas capas, estão ligadas com a ideia de revolução política e, por esse motivo, conseguiu-se perceber a intenção de passar os sentimentos de recreação e otimismo.

VERDE

O verde, é apenas utilizado três vezes durante os 24 números da revista, estando associada à encarnação do bem-estar, da natureza, do meio ambiente, da primavera, do equilíbrio e da estabilidade (Ambrose & Harris, 2005).

Em duas das capas, esta cor, é utilizada como fundo de um cenário campônio, representando então a vida rodeada pelo natural. Na terceira capa, o verde é associado a uma ilustração que representa uma doca, ou seja, é aqui associado ao refrescante e ao mar.

AZUL

A cor azul, é segundo (Heller, 2007), a cor predileta do ser humano, mas mesmo assim, é uma cor pouco desenvolvida em relação às capas da revista *Renovação*, sendo utilizada somente três vezes. Esta cor é associada a sentimentos como a simpatia, harmonia, amizade, confiança, a distância, a grandeza e à frieza.

Duas das capas com tons de azul, representam o mar, ou seja, a escolha do azul, tem a ver com sentimentos como a distancia e a grandeza. A terceira capa, já utiliza esta cor de uma forma mais violenta, retratando um ato de violência, relacionando esta cor para a representação da frieza do ser humano.

LARANJA

A cor laranja, é utilizada duas vezes durante as 24 publicações da revista. Considera-se uma cor extrovertida, festiva e chamativa, que consegue associar a sensação de paixão do vermelho com a alegria do amarelo (Ambrose & Harris, 2005).

Numa das capas, o laranja é utilizado para retratar a luz do por do sol, ou seja, pode ser ligado ao sentimento de recreação, associado a um pensamento do nascer de um novo dia. A seguinte capa é associada assim como o vermelho e o amarelo, a um tipo de protesto, a favor da liberação e a luta dos direitos dos trabalhadores, podendo a utilização do laranja representar um sentimento associado à controvérsia.

DOURADO

O dourado, representa sentimentos como a felicidade, o orgulho, o mérito, o verdadeiro, a beleza, o luxo e a ostentação (Heller, 2007).

Esta cor é utilizada uma única vez para retratar as figuras de múltiplos trabalhadores de uma mina, na esperança de os homenagear, pelo seu trabalho. Aqui, o ilustrador tem como objetivo a representação de sentimentos como o mérito e o orgulho que deveríamos ter por estes homens.

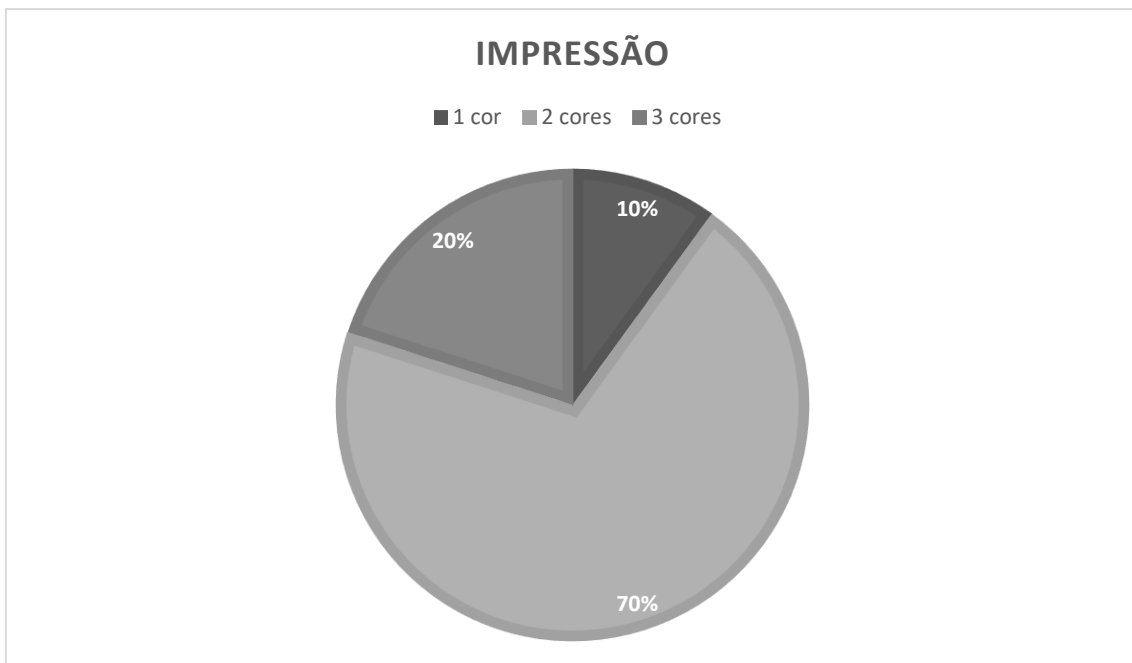
5.3.3-Número de cores de impressão

“As revistas ilustradas, sendo objetos impressos, resultam de uma relação em superfície, entre a área coberta pela tinta e o branco do papel. O número de cores em que uma revista é impressa pode variar entre 1, 2, 3 ou 4.” (Santos, 2007, p. 166)

A cor é eficaz no melhoramento de um desenho ou ilustração, pelo facto de captar a atenção do observador, assim como pode também obter detalhes e especificações técnicas às publicações (Ambrose & Harris, 2005).

“Quando impressos a 1, 2 ou 3 cores diz-se, normalmente, que são impressos em cores lisas ou diretas. Estas tintas são fabricadas para a impressão e avaliadas em percentagem, utilizando-se o sistema de Pantone. Quando impressos a 4 cores diz-se impressão em quadricromia (Processo de impressão CMYK), onde é possível obter, por mistura ótica, a maioria das cores, a partir das três primárias mais o preto e o branco do papel, imprimindo a mesma superfície quatro vezes.” (Santos, 2007, p.166)

Foi então elaborada uma análise para verificação sobre os métodos de impressão da revista *Renovação*, no que ao número de cores de impressão diz respeito, ao longo dos seus 24 números.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Gráfico 7 - Cores de impressão das capas da revista *Renovação*

Constatou-se que num total de 24 publicações, a maioria das capas da revista *Renovação*, com a percentagem de 70%, foram impressas a duas cores. Estes dados podem estar relacionados com o custo da impressão ou pelo facto de a maioria das casas de impressão da época, serem pequenas casas que não dispunham de máquinas de impressão que ultrapassavam as três cores (Santos, 2007).

Em segundo lugar, com 20%, surgem as capas que usufruíram da impressão com três cores, seguida da impressão com só uma cor que ocupa o terceiro lugar com apenas 10% de percentagem.

A maior parte das capas que utilizam a impressão de uma ou duas cores, manipula os espaços em branco da folha para criar contraste com as cores seleccionadas.

A combinação mais utilizada a nível cromático foi o vermelho e preto. O amarelo, verde, azul, laranja e dourado alternam-se entre si com o preto. Existe também uma pequena percentagem de capas que utilizam duas cores na sua impressão sem integração do preto, assim como, o azul e verde, azul e laranja, vermelho e amarelo.

Concluiu-se então que a tendência de impressão das capas da revista em estudo é de duas cores, equivalendo a um número de catorze capas. Pressupõe-se que estes dados estejam relacionados com um método de baixo preço de produção, pelo facto de ser a primeira revista literária do jornal *A Batalha*, e pela razão de abrir as suas páginas com ilustrações e conter uma vasta gama de adereços e imagens ao longo das suas páginas, tendo então de diminuir o número de cores utilizadas na sua impressão.

Apesar deste motivo, a seção editorial da revista, pretendia com o lucro das vendas conseguir melhorar a qualidade tanto do papel, como acrescentar mais cores às suas capas para destacar as obras dos seus ilustradores (“Será Possível?”, 1925).

5.4-Organização do espaço ilustrativo

A organização do espaço é um critério importante para a identificação de concepções de organização do espaço (a duas ou a três dimensões) estão presentes no desenho, como veículo transformador e de dinâmica dos seus elementos (Marques, 2006).

5.4.1-Centro

“A ideia de centro expressa nestes dois parágrafos, ainda que, de modo diverso, referem um dado "espaço" a partir do qual podemos organizar, quer a percepção, quer o desenvolvimento do desenho. Este pode fazer-se numa relação organizacional do desenho, no desenho e do campo, mas pode igualmente servir de ponto de referência do observador. É sobretudo na ideia que o centro permite de algum modo sistematizar as relações perceptivas e visuais no desenho, que o torna um dado fundamental na organização do espaço. O centro é um espaço a partir do qual, quem desenha, organiza os dados perceptivos e da visão numa relação que antes de mais procura estabelecer uma ordem posicional das coisas no espaço. Não sendo exatamente um eixo, pode, no entanto, funcionar do mesmo modo, permitindo a quem desenha, determinar a posição relativa das coisas, umas em relação às outras e destas em relação à sua posição.” (Marques, 2006, p. 88)

A palavra centro pode ter mais que um significado, podendo em sentido dinâmico estar relacionado com o foco de energia ambientado pelos vetores da imagem e também poderá ser considerado um lugar sobre o qual estes mesmo vetores atuam de modo concêntrico. Contudo, o significado mais vulgar de centro é designado de: objeto que se encontra no meio (Arnheim, 1990).

No caso da revista *Renovação*, o centro potenciador de todos os outros elementos compositores da ilustração está diretamente relacionado com a figura mais destacada, a figura principal, e que se encontra na maioria das vezes em primeiro plano dita-nos a organização do espaço do desenho.

Os ilustradores têm tendência a desenhar a “figura principal” no centro equidistante da ilustração, mas existem exemplos em que este mesmo cenário não acontece, como se verá nos exemplos a seguir.

Exemplos:



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 53 - Exemplos da demarcação central das ilustrações das capas da revista *Renovação*

5.4.2-Planos

Plano é um conceito utilizado para conter as obras de arte, constituído por duas linhas horizontais e duas linhas verticais. Este, é responsável por vários fatores na composição de uma ilustração, assim como a alteração da cor, o contraste, distância e ângulos (Kandinsky & Rodil, 1996).

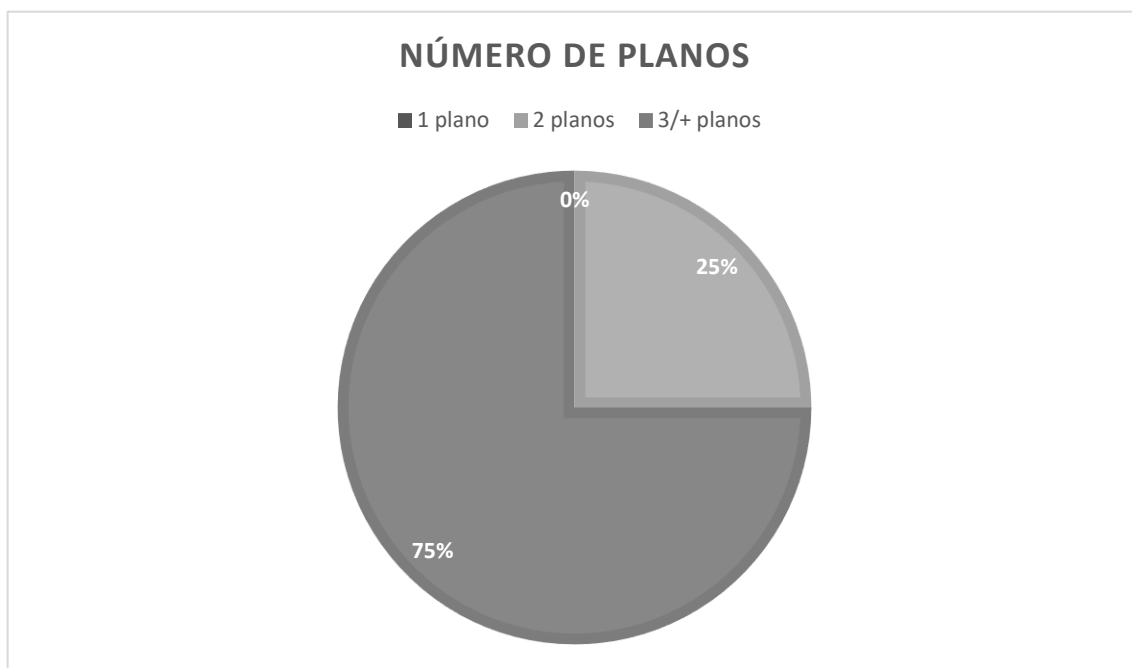
“A perspectiva é uma nova construção da realidade, é igualmente uma nova maneira de pensar a realidade, a partir de proporções e de desigualdades. A perspectiva é um exercício de diferenças. A distância entre as formas, ou entre as figuras está em relação evidente entre a altura do ponto de vista e direção do olhar, que rigorosamente aplicada revela a ordem espacial das figuras e das formas no espaço” – Euclides no conceito de «grandeza aparente dum objeto.” (Marques, 2006, p.112)

O menor desvio da tensão horizontal e vertical ou diferente escolha do formato do plano, causa imediatamente uma desordem tanto matemática como a nível dos princípios do contraste das cores da imagem em questão (Kandinsky & Rodil, 1996).

É necessário a percepção do conceito de perspectiva, para perceber como analisar os planos, sendo que estes são figuras geométricas bidimensionais formadas pela

reunião de infinitas retas, perpendiculares a uma reta dada, dispostas lado a lado. Essa figura é considerada na Geometria como um conceito primitivo (Silva, sem data).

Para melhor percepção dos dados das capas da revista, elaborou-se um gráfico para perceber a quantidade de planos que cada ilustração contém.



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Gráfico 8 - Número de planos das ilustrações das capas da revista *Renovação*

Conclui-se através deste gráfico, que a maioria das ilustrações contidas nas capas da revista *Renovação*, utilizam três ou mais planos, surgindo numa percentagem de 75% do total das capas.

Segue-se a utilização de dois planos, que conta com cerca de 25% das publicações, que é o mínimo de planos utilizado nas suas capas, não existindo nenhuma capa com apenas um plano.

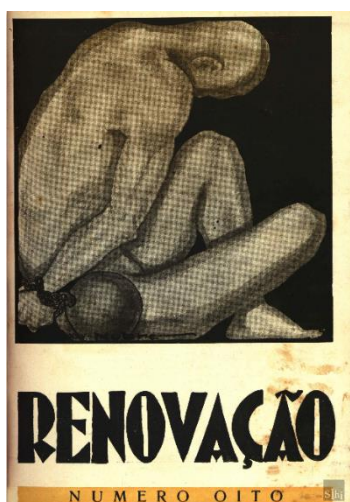
5.5-Espaços em branco

“Os espaços em branco são designados pelas zonas não impressas. Algumas ilustrações para terem um maior impacto, escolhem esta técnica para provocar impacto.” (Santos, 2007, p. 143)

Estes espaços são associados ao inexistente ou ao espaço morto, verificando-se um conceito ainda pouco estudado, onde existe uma grande dificuldade para encontrar a sua exata definição. Podemos classificar o surgimento e valorização do branco nas publicações como o nascer de um novo ornamento, ou a falta dele, que permite o fornecimento do silêncio das edições (Ribeiro, 2017).

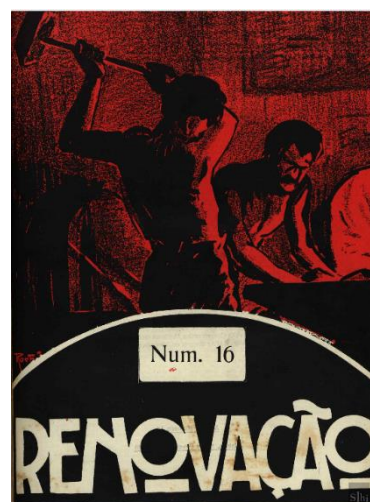
Num total de 24 capas ilustradas da *Renovação*, 12 destas publicações, utilizam os espaços brancos. Dentro desta categoria existe dois tipos de intenções com a execução da técnica dos espaços em branco, sendo estas: a constituição de margens entre a ilustração e o título ou a intenção de enaltecer a figura principal da ilustração através do contraste da cor original da folha e o delineamento da personagem retratada.

No primeiro caso, os espaços em branco encontram-se presentes nas margens, nos espaços entre palavras (título) e imagem e também no interior das palavras. Nestas capas, os espaços em branco são pouco explorados, tendo duas funções na totalidade: a divisão de elementos, para melhor entendimento do público, focado na contenção do título (Fig. 54); e como base para a abertura do título (Fig. 55);



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 55 - 1º exemplo da utilização de espaços em branco com base no título das capas da revista *Renovação*



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 54 - 2º exemplo da utilização de espaços em branco com base no título das capas da revista *Renovação*

No segundo caso, os espaços em branco encontram-se dispostos maioritariamente como elemento da ilustração. Nestas capas, estes espaços assumem duas funcionalidades, sendo uma delas, unicamente como parte do fundo da imagem para um melhor contraste de cores na ilustração e permitir então o foco total do observador na figura principal (Fig. 56). Noutros casos, o próprio espaço em branco é aproveitado como tom de pele da figura ilustrada, também com o objetivo de criar contraste, mas neste caso os papéis invertem-se, sendo a base da ilustração o local impresso a cores (Fig. 57).



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 56 – 1º exemplo da utilização de espaços em branco com base na ilustração das capas da revista *Renovação*



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 57 – 2º exemplo da utilização de espaços em branco com base na ilustração das capas da revista *Renovação*

Análise	Composição					Cor			Espaços em branco				
	Simétrica	Assimétrica	Estática	Dinâmica	Planos	Impressão	Frias	Quentes	N. E	Contraste	Fundo		
Números					1	2	3+	1	2	3+			
1	X			X		X		X			X		
2		X		X		X		X			X		
3		X	X			X		X		X		X	
4	X			X	X			X		X		X	
7	X			X		X		X		X		X	
8		X	X		X			X		X			X
9	X		X		X			X		X		X	
10	X			X	X			X		X		X	
11	X		X			X	X			X		X	
12	X			X		X		X		X		X	
13		X		X		X	X			X		X	
14	X			X		X		X		X		X	
16	X			X		X		X		X		X	
17	X			X		X		X		X		X	
18	X			X		X		X		X		X	
19	X			X		X		X		X		X	
20		X		X		X		X		X		X	
21		X		X	X			X		X		X	
22		X		X		X		X		X		X	
23	X			X		X		X		X		X	

N.E- Não existente

Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Tabela 6 - Análise gráfica das ilustrações das capas da revista *Renovação*

Após a análise do conteúdo gráfico ilustrativo, foram revelados alguns aspetos interessantes sobre o desenvolvimento das ilustrações das capas da revista *Renovação*. A nível da composição, existe uma maior tendência de os ilustradores disporem a figura principal simetricamente, ou seja, surgem centro da publicação. Porém, mesmo assim a maioria das ilustrações são dinâmicas, criando uma sensação de movimento sequencial.

O parâmetro sobre a construção dos planos das imagens, revelou-se significativo pelo facto de existir uma tendência para o desenvolvimento de três ou mais planos, criando sempre profundidade e uma certa necessidade de um fundo.

A nível cromático, a impressão mais utilizada é a de duas cores, contendo na maioria das vezes a combinação entre uma cor e o preto. Foi também verificada uma maior percentagem de capas com cores quentes, que se relacionam com as temáticas das capas. As ilustrações com cores quentes estão relacionadas com a sensação de calor, revolução, luta e paixão. Já as capas com cores frias, estão sistematicamente relacionadas com sentimentos como a frieza, a distância, a natureza e a grandeza.

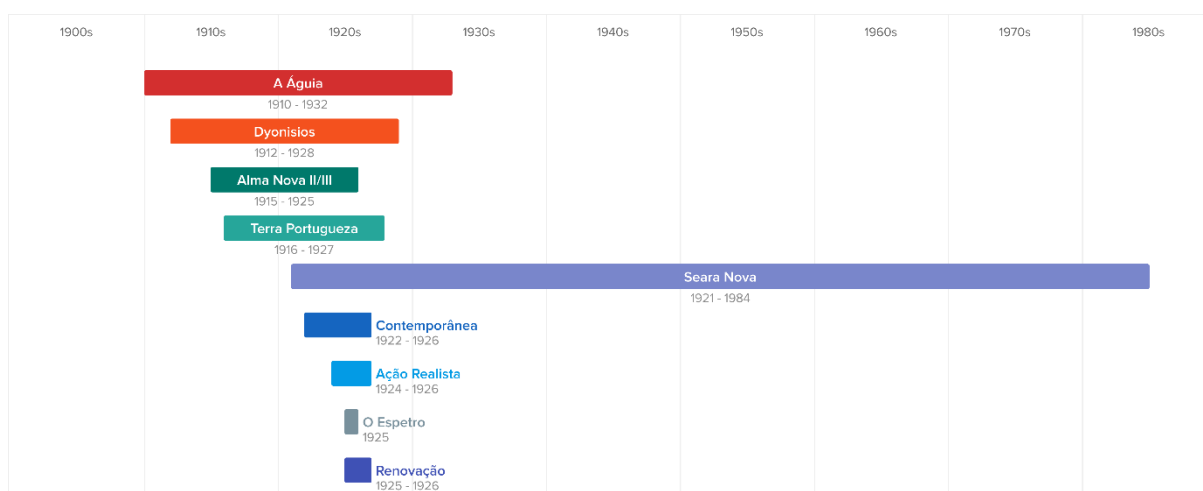
O estudo dos espaços em branco teve como objetivo a perceção dos “vazios” presentes na capa poderiam estar relacionados com o objetivo de criar contraste na ilustração, ou seja, mesmo não contendo outra cor impressa, o branco da página, ajuda neste caso a criar outro pigmento ou se apenas estabelece como fundo da capa, nas margens ou dentro das letras. A partir desta análise, conseguiu-se perceber que quando presente, os espaços em branco estão na maioria das vezes relacionados à imagem, com o objetivo de contrastar com as outras cores e o delineamento preto.

Consegue-se a partir da análise gráfica das ilustrações da capa da revista *Renovação* perceber, que algumas características destas imagens se assemelham à vontade modernista.

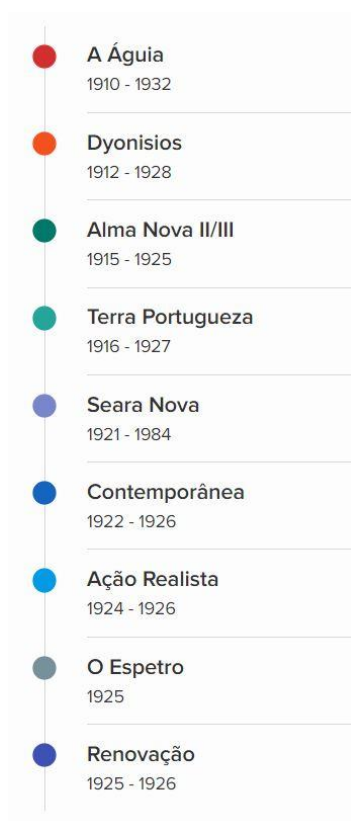
“O desenho era influenciado pelo cubismo, sem preocupações realistas, mas existia a procura de um estilo. A composição era mais importante do que a geometrização e formas estilizadas, aliadas a uma forte aplicação da cor, foram características deste desenho.” (Fragoso, 2012, p. 107).

Tendo o modernismo a intenção de deixar de lado o realismo e focar-se na composição da imagem, as ilustrações da *Renovação* e os seus autores, partilham esse mesmo desejo, sendo características como de traço mais rápido, minimalista a nível da expressão e sombreamento destacado.

5.6-Análise comparativa das revistas dos anos de 1925/1926



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)



Neste capítulo, vai ser feita uma análise comparativa de dez casos de estudo, correspondentes a revistas de literatura, artes e cultura dos anos de 1925 e 1926, data de atividade da revista *Renovação*.

Foram escolhidas as revistas que continham publicações gráficas e posteriormente analisadas unicamente as capas das revistas que eram ilustradas.

9 - Cronologia dos periódicos dos anos de 1925/1926

O motivo para ser este o conjunto de revistas escolhidas, é pelo facto de estarem digitalizadas algum do seu conteúdo na hemeroteca digital de Lisboa, o que facilita o acesso a este tipo de informação.

Apesar de existir informação sobre revistas com alto nível ilustrativo nas suas capas, assim como, *ABC e Ilustração Portuguesa*, as suas edições não se encontram publicadas e o estudo em causa é restrito a um único ano histórico, o que impede o seu agrupamento nesta análise.

Grelha comparativa das publicações periódicas dos anos de 1925/1926

Revistas	N ^a capas	Ilustração	Fotografia	Cor			Letterings	I.M		T		Imagem				G	
				1	2	3+		C	S	C	S	Plano		Composição			
<i>Renovação</i>	24	20	4	2	17	5	20/14	x		x		0	5	15	4	16	20
<i>Contemporânea</i>	3	3	0	1	2	0	0		x		x	2	1	0	1	2	3
<i>A.Realista</i>	15	4	0	15	0	0	0		X		x	4	0	0	0	4	1
<i>A.águia</i>	5	4	0	1	4	0	4/1		x		x	0	4	0	4	0	1
<i>T.Portuguesa</i>	2	0	2	2	0	0	2/1		x		x	0	0	0	0	0	0
<i>O.Espetro</i>	12	12	0	0	7	5	12/1	x		x		1	5	6	2	10	12
<i>Seara Nova</i>	26	21	5	11	15	0	5/2	x		x		13	4	4	13	8	16
<i>Dionysio</i>	3	3	0	0	3	0	0		x		x	3	0	0	3	0	1
<i>Alma Nova</i>	5	2	3	1	4	0	0	x		x		0	0	2	2	0	2

I.M- Ilustradores Modernistas;

T- Temas sociais/políticos/culturais;

C- Com;

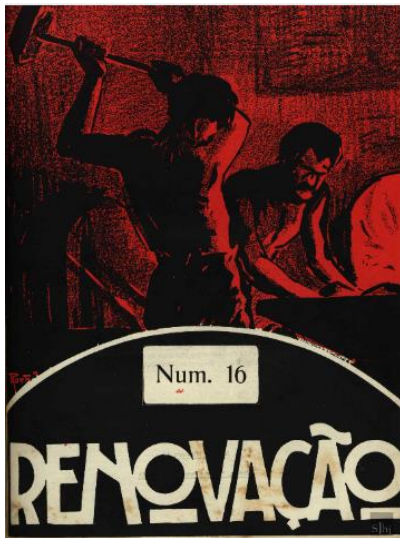
S- Sem;

G- Número de gravuras diferentes por revista;

Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

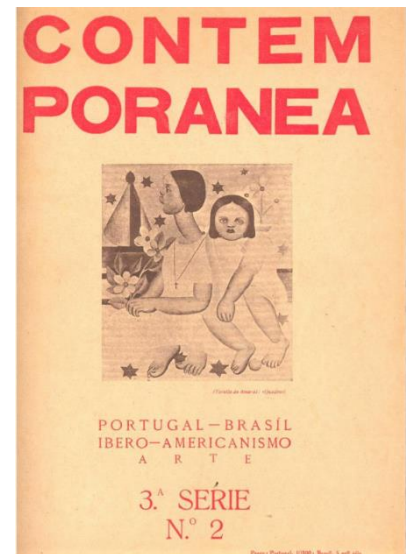
Tabela 7 - Análise comparativa dos periódicos de 1925/1926

Exemplos de capas estudadas:



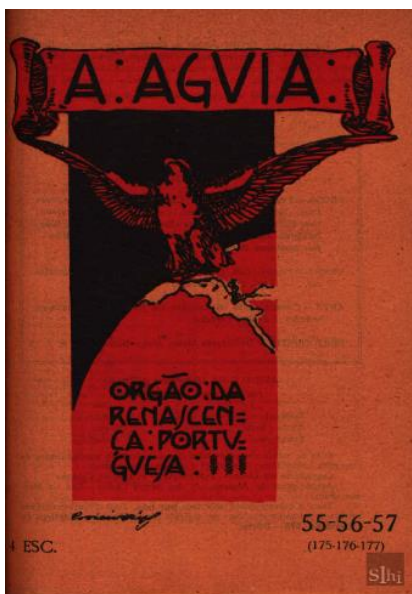
Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 58 - Capa n.º 16 da revista *Renovação*



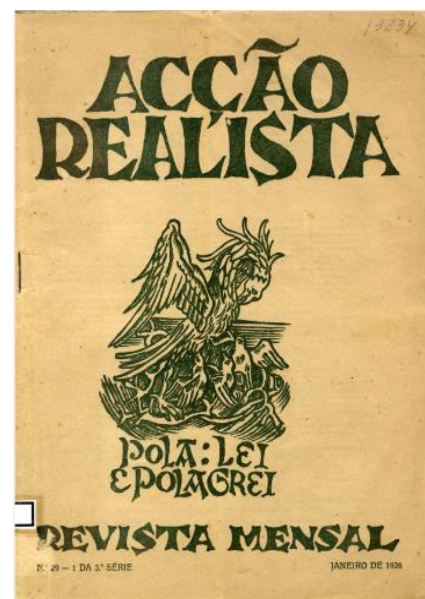
Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 59 - Capa n.º 2 da 3ª Série da revista *Contemporânea*



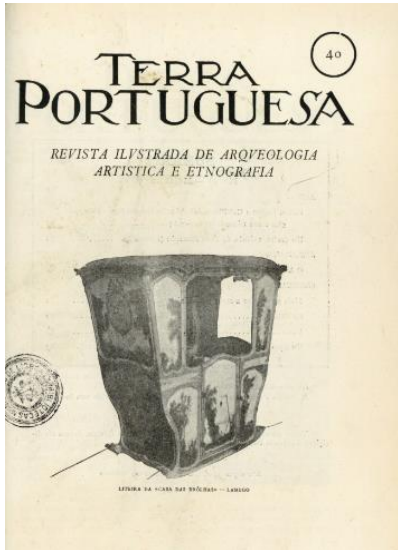
Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 60 - Capa n.º 55 da revista *A Águia III*



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 61 - Capa n.º 29 da 3ª Série da revista *Acção Realista*



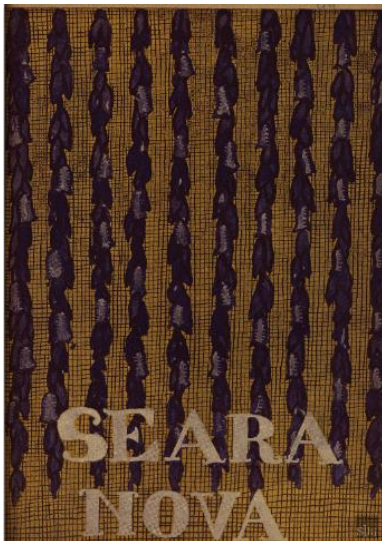
Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 62 - Capa n.º 40 da revista *Terra Portuguesa*



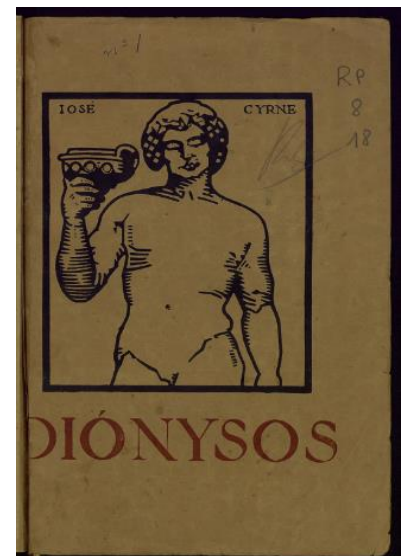
Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 63 - Capa n.º 3 da revista *O Espectro*



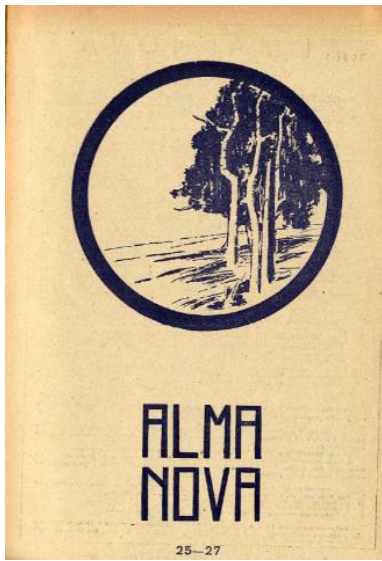
Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 64 - Capa n.º 44 da revista *Seara Nova*



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 65 - Capa n.º 2 da revista *Diónyssos III*



Fonte: (Revista de Ideias e Cultura, sem data)

Figura 66 - Capa n.º 25 da
revista *Alma Nova*

A partir da análise comparativa das revistas que compartilharam os anos de vida da *Renovação*, consegue-se perceber os parâmetros onde esta mais se destacou.

A *Renovação* apresenta o maior número de ilustrações diferentes em comparação às outras publicações, contendo 20 ilustrações num total de 24 capas publicadas, sendo que, não se destaca unicamente pela quantidade, mas também pela qualidade da ilustração elaborada, apresentando, um maior número de planos e de dinamismo compositor, característico do movimento futurista.

Sendo uma revista recém-nascida, nunca teve receio dos seus gastos, priorizando a arte em si, dando asas ao autor ilustrativo e imprimindo as suas capas sempre com mais do que uma cor e, por vezes, na totalidade da folha, algo que não acontecia na maioria das revistas estudadas.

A maior diferença entre todas as revistas comparadas, foi encontrada na conceção dos *letterings*. Sendo que a *Renovação* tem 14 letras desenhadas diferentes nas suas capas, um número que nenhuma das outras revistas jamais igualaria, assim como a presença de ornamentos cubistas e *Art Déco*.

Em relação à presença de ilustradores modernos, como colaboradores das revistas literárias, existem apenas quatro publicações que contaram com as ilustrações da geração que desenvolveu o modernismo em Portugal, assim como a *Renovação*, *O Espetro*, *Seara Nova* e a *Alma Nova*.

Por fim, existe a temática, em que se procurava verificar se haveria a presença de temas ligados à crítica, ao humor e à política nas capas das publicações estudadas. O resultado obtido, sugere, que existe só *O Espetro*, que consegue igualar-se tanto a nível ilustrativo, como temático à *Renovação*.

5.6-Síntese conclusiva sobre a análise gráfica das capas da revista *Renovação*

Após a pesquisa e análise sobre variados aspetos gráficos do suplemento literário, a revista *Renovação*, conclui-se que esta publicação se insere no ideal modernista português.

As revistas têm vários aspetos interessantes que retratam a ânsia que os artistas modernos tinham pelo desenvolvimento de novas técnicas, ligadas tanto à impressão, como à tipografia e à ilustração.

Existe na produção da revista, uma aproximação entre o escritor e o artista, o que potencia assim um maior entendimento por parte do leitor, pelo facto da ilustração e o conteúdo literário se completarem, fornecendo uma maior evolução correspondente ao conteúdo técnico artístico da publicação.

Mas porquê intitular a *Renovação* como modernista? A revista, carrega consigo uma responsabilidade modernista, desde a integração de vários ilustradores da época moderna na composição tanto das suas capas, como a manipulação entre o contexto técnico e artístico que contém ao longo das suas páginas, retratando os textos com pequenas ilustrações, que são representadas com um traço rápido e vívido.

Um dos principais aspetos que faz com que a revista seja retratada como moderna, é o conteúdo das suas páginas e os assuntos referidos pela sua redação, que têm sempre um objetivo específico, o combate contra as injustiças sociais, a derrota da monarquia portuguesa e o conteúdo humorístico que pretende sempre criticar as classes sociais como a burguesia.

Assim como os seus conteúdos, existem detalhes na composição gráfica da revista que enaltecem o modernismo deste suplemento, tais como, a procura contínua de novas formas de interação entre o tratamento do texto e a ilustração, formulando sempre uma alteração das letras escolhidas para acompanhar a imagem, sendo mais subtil ou espontânea conforme a ilustração escolhida para a representação do número. Os *letterings* exibidos na revista são de um interesse gráfico relevante, no qual podemos

perceber a vontade destes se tornarem mais do que um título ou nome grafado de forma elementar, conferindo-lhe uma originalidade de cariz mais autoral e artístico.

Outros detalhes modernistas foram revelados ao longo do estudo da materialidade gráfica da revista, assim como, a presença de vinhetas, filetes, capitulares, cor e imagens em marca d'água que transmitiam grafismos modernos.

Após a análise comparativa entre as variadas revistas literárias portuguesas, entendeu-se que apesar de algumas características da revista em estudo estivessem integradas nas variadas revistas do século XX, assim como a presença de ilustração, a mudança tipográfica conforme a publicação, entre outros aspetos, nenhuma revista se comparou com a *Renovação*.

No espaço de tempo existente desde a 1ª fase (Geração Orpheu) e a 2ª (Geração Presença) do modernismo literário, a revista *Renovação* superou as outras publicações pelo simples facto de não existir espólio tão variado de ilustrações num curto espaço de um ano, assim como a temática que envolvia a revista ser tão polémica e sempre assediada pela censura.

A revista *Renovação*, apesar da sua pouca duração, representou a vontade modernista durante os seus anos de existência, designando a liberdade total aos autores que redigiam os seus artigos, assim como a importância dada ao conteúdo artístico, que não pretendia apenas servir como decoração, mas sim, para representar os seus ideais, a sua maneira de pensar. Lutavam para a sua dignificação, assim como redigiam vários artigos sobre a importância da arte e dos ilustradores, contendo nas suas páginas várias homenagens a artistas da época que como a revista lutaram pelos direitos do ser humano através dos seus desenhos e ilustrações.

Em todas estas evidências é possível encontrar traços identificadores do modernismo pelo que se torna possível afirmar, com segurança, que a *Renovação* foi um exemplo bem conseguido do ideal modernismo português, não só pelos seus conteúdos literários, ideológicos e artísticos, mas também pelos seus conteúdos gráficos e tipográficos, bem expressos na materialidade que nos traz a sua presença de cada vez que com ela se contacte.

A nível técnico, consegue-se perceber várias ligações desde o cubismo à *Art Déco* nos variados *letterings* utilizados ao longo dos 24 números, sendo que estes detalhes seriam expostos em acabamentos das letras.

As ilustrações, principalmente de Roberto Nobre, contam com um traço que se assemelha bastante a grandes ilustradores franceses e alemães da época moderna, assim como, Auguste Lepère.

O facto da revista, se ter afastado do romantismo e adotado um género crítico e humorístico que tanto era comum nos sintomas modernistas, querendo fazer ouvir as vozes do povo e daqueles que tinham algo a dizer sobre a sociedade.

A nível comparativo com as demais revistas da mesma geração, a revista *Renovação* destaca-se não só pela quantidade e qualidade ilustrativa, mas também pela presença de fotografia, de temas com ideais fixos, pelo dinamismo que a maioria dos autores desenhavam as ilustrações, representando também a vontade futurista, de movimento e velocidade e também pela complexidade destas, sendo maioritariamente constituídas por vários planos e cores diversas.

A cor, já não era algo a ser esquecido. Nas ilustrações da revista *Renovação*, consegue-se entender a grande importância que ela tinha nas composições e é notória a tendência para cores primárias. A propensão para a utilização de cores primárias poderia ser consequência das questões ligadas aos custos de impressão, assim como a maquinaria existente nas casas de impressão daquela época, mas também poderia estar ligada as influências trazidas pelos movimentos cubistas e futuristas.

6- CONCLUSÃO

O tema desta dissertação centra-se na análise das ilustrações nas capas da revista *Renovação*, procurando contribuir para a perceção da evolução da ilustração no início do modernismo empreendido nas revistas da década de 20.

Existiu a necessidade de enquadrar primeiramente a revista a nível histórico, e por esse motivo recorreu-se a uma pesquisa sobre a fundamentação teórica da época de 1920. Esta década foi caracterizada por um dos mais ricos períodos da história da humanidade, e Portugal não fugiu à regra, pela variedade de eventos políticos e sociais que se restabeleceram no país.

A nível político, Portugal viveu uma época crítica, pelo facto de ter participado na I Guerra Mundial, o que submeteu o país a uma decadência de regime e permitiu a instalação e implementação da ditadura. Estas mudanças, trouxeram para o seu povo ainda mais desigualdade, escravidão e pobreza. Mesmo assim, numa época instável, o povo ainda continuava com esperanças num futuro melhor e uma das provas eram os ideais abrangidos pela revista de 1925, tais como a defesa da luta de classes, greves e justiça social.

A nível cultural, a década de 20, foi marcada pela expansão do sector da imprensa, o que permitiu o avanço dos *media* e a criação de mais jornais e revistas, que usavam as suas colunas para retratar o país em crise, criticar e até satirizar a situação.

O modernismo marcou a década de 20, pelo facto de ser um movimento caracterizado por diversos estilos artísticos que surgiram durante a primeira metade do século XX, influenciados pelo desenvolvimento da arquitetura, arte e design. Este movimento surgiu de um declínio substancial da profissão ligada ao artesanato e do excesso decorativo da *Art Nouveau*, preferido numa nova época que ansiava por um mundo de consumismo e tecnologia. A arte e o design, foram extremamente influenciados por movimentos como- cubismo, futurismo, construtivismo e dadaísmo. Estes movimentos, permitiram uma comunhão maior entre a arte e a produção industrial, encorajando o design, a usar formas geométricas, a eliminar excessos decorativos e a utilizar composições assimétricas.

Na década de 20, assumiu-se a evolução dos *media*, através do aprimoramento das técnicas de impressão e à ampliação da produção de revistas. A criação de um maior número de publicações, fez com que as revistas tivessem de se destacar para conseguir um maior número de tiragens. As publicações focavam-se em artigos científicos, críticas a nível político, descobertas culturais e, essencialmente, a necessidade da integração da ilustração tanto dentro das publicações como também nas suas capas.

A evolução das revistas, permitiu assim o desenvolvimento da ilustração portuguesa tornando cada vez mais importante o estudo destes exemplares históricos. Este estudo chama-se de revivalismo, que é o fenómeno de revalorização de aspetos ou momentos do passado, apelando à consciência da diferença entre o presente e o passado na compreensão e na expressão estética, um objetivo de resgate de um património já esquecido, que não só caracterizou um tempo histórico de um país, mas também permitiu a evolução tanto da literatura portuguesa, como no design editorial e a ilustração.

Para uma maior compreensão da evolução gráfica da ilustração na década de 20 foi essencial estudar as capas, pelo facto de proporcionarem aos ilustradores uma base ideal para um exercício de estilo.

Percebeu-se então a necessidade do estudo da revista *Renovação*, como caso de estudo sobre a evolução da ilustração moderna em Portugal e pela integração de ilustradores que pertenciam ao primeiro grupo modernismo.

A *Renovação*, foi uma revista gráfica, suplemento do jornal *A Batalha*, que pertencia à fundação da Confederação Geral do Trabalho. Este jornal, lutava pelo direito do homem, dos trabalhadores e da justiça social e teve como principal objetivo com a criação da *Renovação*, a formação de uma publicação que colaborasse com vários artistas, que fosse graficamente distinta e que representasse os ideais liberais.

A revista em estudo, é um exemplo da ânsia artística que a imprensa sofria na década de 20, expondo obras artísticas nas suas capas e expandido os ideais de uma comunidade trabalhadora, através dos seus artigos a criticar a política, as desigualdades e a pobreza vivida pelas classes sociais mais baixas.

A *Renovação*, acreditava que a arte não era um privilégio que poderia ser só usufruído pela classe alta, mas deveria ser de todos. Abrindo as suas publicações com ilustrações emblemáticas e que abordavam temas da atualidade.

Os ilustradores que cooperaram na formação da revista foram, mais tarde, considerados pioneiros do modernismo português, sendo estes: Roberto Nobre, Stuart Carvalhais, Rocha Vieira, Alonso e Bernardo Marques. Apesar do reconhecimento da maioria dos autores das capas da revista, houve dois destes que não foram identificados, pela falta de informação sobre os ilustradores ou falta da própria assinatura.

Um dos aspetos mais interessantes da revista na conceção das suas capas, foi a elaboração gráfica dos elementos textuais, que após a análise comparativa com algumas das revistas da época, percebeu-se que nenhuma usou tantos *letterings* como a *Renovação*. A nível gráfico, estes surpreenderam pela variação de estilo integrando influências de campos artísticos como o cubismo, pela utilização de formas geométricas em acabamentos das letras, até ao *Art Déco* perceptível em arranjos mais decorativos. A nível da serifa, os autores optaram na maioria por *letterings* não serifados.

A nível da caixa textual, existiu uma tendência pela seleção da caixa alta, ou seja, a escrita em maiúscula, sendo que se pode entender a intenção dos autores pretenderem destacar o título e atribuir-lhe uma vertente mais séria. Já a nível da composição texto/imagem, os capistas optaram na maioria para um texto independente da imagem.

Os temas da revista *Renovação*, tinham uma intenção modernista, pelos múltiplos assuntos referidos ao longo dos seus artigos, foram principalmente: a liberdade, a injustiça social, crítica política, a repreensão operária e o ensinamento dos verdadeiros ideais.

Uma das características do modernismo é a sistemática luta pelos ideais futuristas, que representam a evolução científica e tecnológica, e esta não poderia acontecer numa sociedade reprimida pelos poderosos e com tanta desigualdade social. A revista luta por uma sociedade liberal, e retrata esses tópicos tanto nas suas páginas como nas ilustrações impressas. Pelas temáticas abordadas pela revista, esta tornou-se também alvo de censura e múltiplos ataques políticos.

A análise gráfica das ilustrações das capas, revelou também alguns aspetos interessantes, como a execução de um desenho com três ou mais planos, criando uma ilustração com uma maior complexidade em relação a outras revistas.

A nível cromático, as capas da revista têm uma maior incidência na utilização de uma impressão a duas cores e uma maior percentagem de utilização de cores quentes. Mesmo que a percentagem da impressão a três cores fosse menor, os autores das ilustrações utilizavam os espaços brancos a seu favor, contendo as partes “vazias” como parte do desenho, com o objetivo de criar contraste entre as cores impressas e a capa. Este aproveitamento era sensato, pelo facto de as casas de impressão da época não terem recursos suficientes ou então pelo custo que se tornava a integração de uma cor a mais. Assim, os autores usavam o espaço em branco como um novo pigmento, criando um maior dinamismo na imagem.

A seleção das cores focou-se essencialmente em cores primárias e na sua junção com o preto, onde as cores mais empregues foram o vermelho e o azul.

O traço da ilustração é algo pertinente a ser observado, não se preocupando com o realismo da imagem, mas sim com a força empregue na sua expressão robusta e pela sensação de velocidade e dinamismo que estas continham no traço caracterizado como rápido e imperfeito. Esta forma de atuar era característica do modernismo, já que um dos objetivos deste movimento seria a negação dos diversos ensinamentos académicos que anulavam a criatividade e o desenvolvimento artístico.

Após a análise de ilustradores da época moderna verificou-se semelhanças entre o ilustrador Roberto Nobre e alguns ilustradores franceses famosos, como Auguste Lepère, pelo sombreamento excessivo e a utilização de múltiplas linhas para a execução das delimitações das figuras desenhadas.

Após análise gráfica das capas da revista *Renovação*, foi executada uma análise comparativa com outras revistas do mesmo ano, chegando à conclusão que, a nível ilustrativo, só existiria uma revista (*O Espectro*) que teria imagens tão complexas e com temáticas críticas como a *Renovação*. Mesmo assim, não houve nos anos de 1925 e 1926 nenhuma revista, com um número de exemplares tão grande de ilustrações como a revista em estudo.

Conclui-se então que a revista *Renovação* é parte de uma geração modernista, pelo facto de contribuir para a ascensão deste movimento através dos conteúdos e temas que constituíam os seus artigos, lutando por um ideal anarquista e pelos direitos do trabalhador, mesmo sendo constantemente perseguidos pela censura.

A *Renovação*, é um caso de estudo do revivalismo português, por ser um exemplo de revista, que abriu as suas páginas com ilustrações, permitindo aos seus ilustradores e autores modernistas, fazerem das capas a sua galeria. Apesar de não demonstrar nas suas ilustrações um fascínio pelos movimentos artísticos como o cubismo e o futurismo, as capas desta revista investiram no potencial artístico português, implementando algumas das características do modernismo, como, a refutação do realismo exagerado das suas imagem, a experimentação constante de novos traços e linhas, o dinamismo das imagens e o favorecimento pelo movimento, velocidade e pela modernização constante das suas composições gráficas e *letterings*.

Sendo assim, a *Renovação* apresenta-se como um modelo de uma revista gráfica da vanguarda portuguesa, que ajudou os autores considerados como a primeira geração moderna portuguesa a perceber o estilo moderno e a experimentar tanto nas suas páginas, como nas suas capas a sua diversidade. As ilustrações desta publicação são essenciais para o entendimento da evolução dos estilos destes autores e da permanente evolução da ilustração portuguesa nos primeiros anos do modernismo português. As revistas desta época foram consideradas os espelhos culturais do seu tempo, e a *Renovação* mesmo tendo só um ano de existência, contribuiu para a criação de uma vanguarda que viria a implementar um novo movimento característico do século XX, um movimento de constante mudança e experimentação.

Após o aprofundamento do conhecimento da revista *Renovação*, percebeu-se a importância das obras ilustrativas impressas nas suas páginas e reconhece-se que existem numerosas imagens, caricaturas e ilustrações de autores modernistas que deveriam ser analisadas e divulgadas em futuras investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Batalha (1925). “Renovação” Por iniciativa da Secção Editorial de «A Batalha» a vanguarda social passará a contar, dentro em breve, com mais um órgão na imprensa. Lisboa.
- A Batalha (1925). Uma revista gráfica Por iniciativa da Secção Editorial de «A Batalha» a vanguarda social passará a contar, dentro em breve, com mais um órgão na imprensa. Lisboa.
- A Batalha. (1925). Será possível? Por iniciativa da Secção Editorial de «A Batalha» a vanguarda social passará a contar, dentro em breve, com mais um órgão na imprensa. Lisboa.
- Afreixo, R. (2017). Almanaque - Design Português em Revista: uma exposição em Matosinhos - Artes Plásticas - SÁBADO. Obtido 24 de Maio de 2019, de <https://www.sabado.pt/gps/palco-plateia/artes-plasticas/detalhe/almanaque---design-portugues-em-revista-uma-exposicao-em-matosinhos>
- Aires, E. (2006). A estrutura gráfica das primeiras páginas dos jornais: O Comércio do Porto, O Primeiro de Janeiro e Jornal de Notícias entre o início da publicação e final do séc. XX: contributos para uma ferramenta operacional e analítica para a prática do design editorial. Dissertação de Doutoramento em Design de Comunicação. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/77858>
- almanaque silva. (2015). Por bom caminho | almanaque silva. Obtido 24 de Maio de 2019, de <https://almanaquesilva.wordpress.com/2015/08/15/por-bom-caminho/>
- Alves, E. (1998). *Ferreira de Castro: Sonho de uma humanidade no centenário do seu nascimento 1898-1998*. Oliveira de Azeméis: Associação Internacional dos Amigos de Ferreira de Castro.
- Alves, R., & França, J. (2003). *Roberto Nobre: 1903-2003*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal.
- Ambrose, G., & Harris, P. (2005). *Basics Design 05: Colour*. Barcelona: AVA Publishing.
- Arnheim, R., & Costa, M. E. (1990). *O poder do centro: Um estudo da composição nas artes visuais*. Lisboa: Edições 70.

- Baptista, J. (1977). *Surgindo vem ao longe a nova aurora: Para a história do diário sindicalista A Batalha (1919-1927)*. Amadora: Livraria Bertrand.
- Bártolo, J. (2015). *Roberto Nobre: design gráfico e ilustração*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Beazley, M. (2001). *Pioneers of Modern Graphic Design: A Complete History*. Octopus. London: Publishing Group Ltd.
- Bernardo Marques, artista gráfico, ilustrador português. (sem data). Obtido 17 de Abril de 2019, de <http://tipografos.net/portugal/bernardo-marques.html>
- Brockmann, J. (1999). *Grid Systems In Graphic Design- A Visual Communication Manual For Graphic Designers, Typographers And Three Dimensional Designers*. Salenstein: niggli.
- Cabrita, M. (2009). No rasto da passagem de Ferreira de Castro pelos suplemento e revista de A Batalha (1919-1927). *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, (Vol. 26), 119–137. <https://doi.org/10.4000/cultura.433>
- Caldwell, C., & Zappaterra, Y. (2014). *Editorial Design: Digital and Print*. London: Laurence King Publishing.
- Cardoso, C. (2017). A grelha de paginação no design editorial impresso. Relatório de Estágio apresentado à obtenção do grau de Mestre em Design Editorial. Escola Superior de Tecnologia de Tomas do Instituto Politécnico de Tomar.
- Carter, R., Maxa, S., Sanders, M., Meggs, P. B., & Day, B. (2018). *Typographic Design: Form and Communication*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Carvalho, A. (2008). A Capa do livro: o objeto, o contexto, o processo. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Design da Imagem. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto). Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/67404>
- Centro de Arte Moderna (Ed.). (1989). *Bernardo Marques*. Lisboa: F. C. G., C. A. M.
- Costa, J. (2003). *Diseñar para los ojos*. Andaluzia: Universidad De Medellin.
- Crua, C. (2011). *Revista Córnio: Modernidade e discurso crítico na cultura portuguesa da primeira metade do século XX*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação: Comunicação e Artes. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

- Dabner, D., Stewart, S., & Zempol, E. (2013). *Graphic Design School: The Principles and Practice of Graphic Design*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Drawing on Success: The Importance of Illustrations. (2014, maio 13). Obtido 16 de Janeiro de 2019, de Dorrance Publishing Company website: <http://www.dorrancepublishing.com/drawing-success-importance-illustrations/>
- Finizola, F., & Coutinho, S. (2010, janeiro 1). Uma classificação tipográfica para os Letreiramentos Populares. Mestrado em Design do Programa de Pós-graduação. UFPE e parte integrante do Projeto de Pesquisa Memória Gráfica Brasileira.
- Fonseca, L. (2013). A importância do ilustrador no processo do livro. Tese de Doutorado em Design de Comunicação. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/68882>
- Fonseca, R. (2008). O Cartaz e a Escola - Um estudo centrado nos autores e no Curso de Design das Belas Artes do Porto. Tese de Doutorado em Design de Comunicação. Faculdade das Belas Artes da Universidade do Porto. Obtido de https://sigarra.up.pt/fbaup/en/teses.tese?p_aluno_id=96860&p_processo=16681
- Fonseca, S. (2007). A tradição do moderno: Uma reaproximação com valores fundamentais do Design Gráfico a partir de Jan Tschichold e Emil Ruder. Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Design. Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Fowkes, A. (2014). *Drawing Type: A introduction to illustrating letterforms*. Massachusetts: Rockport Publishers.
- França, J. (1992). *Os anos vinte em Portugal: estudo de factos socioculturais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Freitas, M. (1986). Grafismo e ilustração nos anos 20. Dissertação de Mestrado em História da Arte, Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Obtido de <https://run.unl.pt/handle/10362/31123>
- Gall, C. (sem data). The Illustrator's Market: A Professional's Insights Into the Illustration Industry - Artists Network. Obtido 24 de Maio de 2019, de <https://www.artistsnetwork.com/art-mediums/drawing/the-illustrators-market/>

- Guimarães, F. (1992). *Simbolismo, modernismo e vanguardas*. Porto: Lello & Irmão.
- Heller, E. (2007). *A psicologia das cores: como atuam as cores sobre os sentimentos e a razão*. Barcelona: GG.
- Hemeroteca evoca revista “Renovação” - Clube Português de Imprensa. (sem data). Obtido 25 de Maio de 2019, de <http://clubedeimprensa.pt/Artigo/2491>
- Houghton, H., & Willows, D. (1987). *The Psychology of Illustration: Instructional issues*. New York: Springer-Verlag.
- Kandinsky, W., & Rodil, J. (1996). *Ponto, linha, plano: Contribuição para a análise dos elementos picturais*. Lisboa: Edições 70.
- Lobo, T., Corte Real, E., & Cunha, R. (2009). *Ilustração em Portugal*. Lisboa: IADE.
- Machado, M. (2012). BERNARDINO MACHADO. Obtido 24 de Maio de 2019, de <http://manuel-bernardinomachado.blogspot.com/2012/11/do-blogue-humorgrafe-aqui-retiramos-com.html>
- Male, A. (2007). *Illustration: A Theoretical and Contextual Perspective: A Theoretical & Contextual Perspective*. Laussane: AVA Publishing.
- Marques, J. (2006). As imagens do desenho: percepção espacial e representação. Integrado na Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Faculdade das Belas Artes da Universidade do Porto. Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/77663>
- Martin, B., Hanington, B., & ProQuest (Firm). (2012). *Universal methods of design: 100 ways to research complex problems, develop innovative ideas, and design effective solutions* (Digital ed). Massachusetts: Rockport Publishers. Obtido de <https://trove.nla.gov.au/work/157367596>
- Meggs, P., Purvis, A., & Knipel, C. (2009). *História do design gráfico*. São Paulo: Cosac Naify.
- Museum of Modern Art (1964). *Lettering by modern artists*. New York: MoMA.
- Negreiros, J. A. (1935). Um aniversário «Orpheu»: Quais as características dessa revista literária que tão profundamente influenciou no pensamento português.
- Nunes, A. (2017). A Batalha foi brutalmente encerrada há 80 anos. Obtido 26 de Maio de 2019, de <https://aov.blogs.sapo.pt/a-batalha-foi-brutalmente-encerrada-ha-1238718>

- Pacheco, J. (2000). *Stuart Carvalhais: o desenho gráfico e a imprensa*. Lisboa: Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas e Transformadoras do Papel.
- Pedro, M. (1948). *Dicionário técnico do tipógrafo*. Porto: Imprensa moderna.
- Pereira, L. (2011). Capítulo I - PORTUGAL NA 1.^a METADE DO SÉCULO XX | Cadernos de Socio museologia. Obtido de <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2668>
- Pereira, M. (2005). *Ilustração da Guerra e Paz - Júlio Pomar: pensamento estético, crítica e imagem plástica*. Tese de mestrado em Teorias da Arte. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Obtido de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/653>
- Queirós, E. de. (2015). *Notas contemporâneas [Biografia com Análise, Ilustrado, Análise da Obra] - Coleção Eça de Queirós Vol. XVIII: Crônicas*. LL Library.
- Raguenet, S. (2011). Dos usos e funções das revistas literárias à intermodalidade inovadora de Banana Split. *Alea: Estudos Neolatinos*, 13(1), 108–127. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2011000100007>
- Ribeiro, G. (2017). *White Space*. Mestrado - Design de Comunicação. Escola Superior de Artes e Design. Obtido de <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/22843>
- Ribeiro, P., & Brandão, J. (2006). *Design do livro em Portugal (1950-1985)*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.
- Roberto Nobre | almanaque silva. (2012). *A Volta ao Mundo*. Obtido 24 de Maio de 2019, de <https://almanaqusilva.wordpress.com/tag/roberto-nobre/>
- Rocha, C. (1985). *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda. Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/773>
- Santos, M. (2007). *O grafismo dos cartazes político-partidários em Portugal: 1969-1980*. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitetura. Obtido de <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/1634>
- Scott, L. (2015). *Illustrator As Activist Conservation of Endangered Species And the Role Of The Illustrator*. Em CONFIA. Barcelos.

Século Ilustrado. (1947). No^a 514.

Serejo, C. (2016). A materialidade gráfica da revista *Presença*: o grafismo e a tipografia no contexto do modernismo português: (1927 a 1940). Tese de Doutoramento em Design de Comunicação. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Obtido de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/24860>

Serrão, J.. (1978). *História de Portugal*. Lisboa: Verbo.

Silva, L. (sem data). O que é plano? Obtido 25 de Maio de 2019, de Mundo Educação website: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/matematica/o-que-e-plano.htm>

Silva, S. (2011). A ilustração Portuguesa para a Infância no Século XX e Movimentos Artísticos: Influências Mútuas, Convergências Estéticas. Doutoramento em Estudos da Criança na especialidade de Comunicação Visual e Expressão Plástica. Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Sousa, O. (2010). *As caricaturas da Primeira República*. Edições Tinta da China.

Tavares, P., Ferreira, C., & CONFIA. (2015). CONFIA: Conferência Internacional em Ilustração e Animação. Barcelos: IPCA - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave/CONFIA.

The Art Story Contributors. (2012). George Grosz Biography, Life & Quotes. Obtido 24 de Maio de 2019, de The Art Story website: <https://www.theartstory.org/artist-grosz-george.htm>

Upjohn, E., Wingert, P., & Mahler, J. (1996). *História Mundial da Arte VI: Artes primitivas e Arte moderna*. Lisboa: Círculo de Leitores, Lda.

Veríssimo, T. (2013). Tipografia Expressiva. Dissertação de Mestrado em Design e Multimédia. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra). Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/35743>

Vitória, A. (2010). Portugal ilustrado. Obtido 25 de Maio de 2019, de <https://www.jn.pt/artes/interior/portugal-ilustrado-1478598.html>

Wadley, N. (1970). *Movements of Modern Art: Cubism*. London: Hamlyn Publishing.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (Figuras)

- Figura 1-Auto-Retrato num grupo (Pintura decorativa - Café «A Brasileira» do Chiado). (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de Museu Calouste Gulbenkian website:
https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/auto-retrato-num-grupo-pintura-decorativa-cafe-a-brasileira-do-chiado-138998/
- Figura 2- Meggs, P., Purvis, A., & Knipel, C. (2009). História do design gráfico. São Paulo: Cosac Naify.
- Figura 3- Meggs, P., Purvis, A., & Knipel, C. (2009). História do design gráfico. São Paulo: Cosac Naify.
- Figura 4- Meggs, P., Purvis, A., & Knipel, C. (2009). História do design gráfico. São Paulo: Cosac Naify.
- Figura 5- Meggs, P., Purvis, A., & Knipel, C. (2009). História do design gráfico. São Paulo: Cosac Naify.
- Figura 6- A Batalha. (1925). Será possível? Por iniciativa da Secção Editorial de «A Batalha» a vanguarda social passará a contar, dentro em breve, com mais um órgão na imprensa. Lisboa.
- Figura 7- Bártolo, J. (2015). Roberto Nobre: design gráfico e ilustração. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Figura 8- Pacheco, J. (2000). Stuart Carvalhais: o desenho gráfico e a imprensa. Lisboa: Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas e Transformadoras do Papel.
- Figura 9- Rua Onze. Blog. (2009). Obtido 26 de Maio de 2019, de
<https://blogdaruazonze.blogs.sapo.pt/tag/alonso>
- Figura 10- Centro de Arte Moderna (Ed.). (1989). Bernardo Marques. Lisboa: F. C. G., C. A. M.
- Figura 11 á 57- Revistas de Ideias e Cultura. (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de
<http://ric.slhi.pt/Renovacao/revista>
- Figura 58- Revistas de Ideias e Cultura. (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de
<http://ric.slhi.pt/Renovacao/revista>

Figura 59- Contemporânea [1915-1926]. (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/CONTEMPORANEA/Contemporanea.htm>

Figura 60- Revistas de Ideias e Cultura. (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de http://ric.slhi.pt/A_Aguia/revista?serie=2

Figura 61- Acção realista [1924-1926]. (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AccaoRealista/Accaorealista.htm>

Figura 62- Terra portuguesa: revista ilustrada de arqueologia artistica e etnografia [1916-1927]. (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TerraPortuguesa/TerraPortuguesa.htm>

Figura 63-O espectro [Lisboa, 1925]. (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OEspectro_1925/OEspectro_1925.htm

Figura 64- Revistas de Ideias e Cultura. (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de http://ric.slhi.pt/Seara_Nova/revista?serie=4

Figura 65- Biblioteca Geral Digital - Dionysos : revista mensal de philosophia, sciencia e arte. – Série 1, nº 1 (2 Mar. 1912) – série 4, nº 1/2 (Abr. 1928). (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-8-18/UCBG-RP-8-18_item1/

Figura 66-Alma Nova [1915-1918; 1922-1925; 1927-1929]. (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AlmaNova/AlmaNova.htm>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (Tabelas)

Tabela 1 á 7- Revistas de Ideias e Cultura. (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de <http://ric.slhi.pt/Renovacao/revista>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (Gráficos)

Gráfico 1 ao 9- Revistas de Ideias e Cultura. (sem data). Obtido 26 de Maio de 2019, de <http://ric.slihi.pt/Renovacao/revista>